

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

EMELY ANDRIELI GONÇALVES SLONIAK

CONTEÚDOS CONTRA-HEGEMÔNICO NOS PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM E/OU LETRAS

PONTA GROSSA

2024

EMELY ANDRIELI GONÇALVES SLONIAK

**CONTEÚDOS CONTRA-HEGEMÔNICO NOS PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM E/OU LETRAS**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestra em Estudos da
Linguagem na Universidade Estadual de Ponta
Grossa, linha de pesquisa Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Lucimar Araujo Braga

PONTA GROSSA

2024

S634 Sloniak, Emely Andrieli Gonçalves
Conteúdos contra-hegemônicos nos programas de pós-graduação em Estudos da Linguagem da UEPG e Letras da UFPR / Emely Andrieli Gonçalves Sloniak. Ponta Grossa, 2025.
92 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Araújo Braga.

1. Contra-hegemonia. 2. Teoria pós-crítica. 3. Pós-graduação. I. Braga, Lucimar Araújo. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

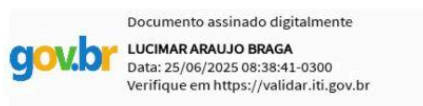
CDD: 808

EMELY ANDRIELI GONÇALVES SLONIAK

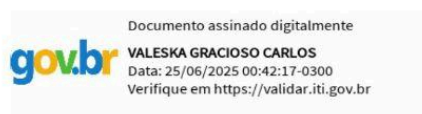
CONTEÚDOS CONTRA-HEGEMÔNICO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UEPG E LETRAS DA UFPR

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

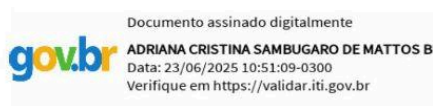
Ponta Grossa, 06 de junho de 2025



Prof.^a Lucimar Araujo Braga - Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof.^a Valeska Gracioso Carlos - Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof.^a Adriana Mattos Brahim - Universidade Federal do Paraná

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) por proporcionar um espaço de aprendizado e crescimento acadêmico.

À minha orientadora, Professora e Doutora Lucimar Araújo Braga, por toda nossa jornada de trabalho desde a graduação, com as orientações de Iniciação Científica, até a pós-graduação.

À minha família, por todo apoio e incentivo.

Às minhas amigas que compartilharam momentos que me deram forças para continuar a minha jornada.

À meu esposo que esteve ao meu lado sempre me apoiando e não deixando desistir, estando presente, facilitando e tornando possível minha dedicação aos estudos.

Aos professores e colegas, que, de alguma forma, compartilharam conhecimentos e reflexões valiosas, artigos, realizações de trabalhos, cafés e boas risadas, principalmente aos membros do Grupo de estudos GECED por toda parceria e incentivo de sempre, que foram parte essencial de tudo isso.

Por fim, estendo minha gratidão a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho. E, por fim, agradeço a mim mesma, por não ter desistido, por ter insistido mesmo quando parecia difícil. Esse percurso foi desafiador, mas também transformador.

RESUMO

SLONIAK, Emely Andrieli Gonçalves. **Conteúdos contra-hegemônico nos programas de Pós-graduação em Estudos da Linguagem e/ou Letras**. 2025. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade estadual de Ponta Grossa -UEPG, Ponta Grossa-PR. Orientadora Profa. Dra. Lucimar Araujo Braga. Defesa em 06 e junho de 2025.

Esta dissertação teve como objetivo geral pesquisar e analisar o que há de conteúdo contra-hegemônico nos programas de pós-graduação em estudos da linguagem e/ou letras, especificamente em estudos da linguagem e linguística. Tendo como objetos de análise o Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, (UEPG) e o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, (UFPR). Assim, a pesquisa aborda temáticas que integram as práticas sociais no centro do controle hegemônico, a fim de entender o movimento contra-hegemônico presente nos currículos de dois cursos de pós-graduação em estudos da linguagem UEPG e UFPR, para compreender melhor esse modelo de prática sociocultural. Para embasar a realização das análises, foi utilizada a teoria pós-crítica de currículo, por entendermos que advém de outras propostas de abordagens, como a teoria crítica e a tradicional, uma vez que estas teorias são precedentes à teoria pós-crítica de currículo. Pode-se dizer que a teoria pós-crítica surge como uma forma de enfrentamento aos paradigmas hegemônicos tradicionais que continuam presentes em currículos de cursos de pós-graduação no Brasil (Santos, 2003). Além disso, ao estudar a língua, não há como dissociá-la das relações de poder que a permeiam, já que é por meio da língua que produzimos e reproduzimos padrões de dominação pré-estabelecidos pela hegemonia. A metodologia adotada para esta pesquisa foi a qualitativa, documental e bibliográfica e para entender a análise dos dados se utilizou Bardin (2011). Ao analisarmos os currículos dos programas de pós-graduação da UEPG e da UFPR, averiguamos sinais de ações contra-hegemônicas presentes nestes documentos, por meio de suas ementas de disciplinas, encontradas em material disponibilizado em seus respectivos sites.

Palavras-chave: contra-hegemonia; Teoria pós-crítica; Programa de pós-graduação;

ABSTRACT

SLONIAK, Emely Andrieli Gonçalves. **Counter-hegemonic content in the Graduate Programs in Language Studies and/or Letters.** 2025. Dissertation (Master's Degree in Language Studies) – State University of Ponta Grossa -UEPG, Ponta Grossa-PR. Advisor Profa. Dr. Lucimar Araújo Braga. Defense on 06 of june of 2025.

The general objective of this dissertation was to research and analyze the counter-hegemonic content in postgraduate programs in language studies and/or literature, specifically in language and linguistics studies. The objects of analysis were the Postgraduate Program in Language Studies at the State University of Ponta Grossa (UEPG) and the Postgraduate Program in Literature at the Federal University of Paraná (UFPR). Thus, the research addresses themes that integrate social practices at the center of hegemonic control, in order to understand the counter-hegemonic movement present in the curricula of two postgraduate courses in language studies at UEPG and UFPR, in order to better understand this model of sociocultural practice. To support the analysis, post-critical curriculum theory was used, as we understand that it comes from other proposed approaches, such as critical and traditional theory, since these theories precede post-critical curriculum theory. It can be said that post-critical theory emerges as a way of confronting the traditional hegemonic paradigms that continue to be present in the curricula of postgraduate courses in Brazil (Santos, 2003). Furthermore, when studying language, it is impossible to dissociate it from the power relations that permeate it, since it is through language that we produce and reproduce patterns of domination pre-established by hegemony. The methodology adopted for this research was qualitative, documentary and bibliographical, and Bardin (2011) was used to understand the data analysis. When analyzing the curricula of the postgraduate programs of UEPG and UFPR, we found signs of counter-hegemonic actions present in these documents, through their course syllabi, found in material available on their respective websites.

Keywords: Counter-hegemony; Post-critical theory; Graduate program.

RESUMEN

SLONIAK, Emely Andrieli Gonçalves. **Contenidos contra-hegemônicos en los Programas de Posgrado en Estudios de Lenguaje y/o Letras**. 2025. Disertación (Maestría en Estudios del Lenguaje) – Universidad Estatal de Ponta Grossa -UEPG, Ponta Grossa-PR. Orientadora Profa. Dr. Lucimar Araújo Braga. Defensa en 06 de junio de 2025.

El objetivo general de esta tesis fue investigar y analizar el contenido contra-hegemônico en programas de posgrado en estudios de lengua y literatura, específicamente en estudios de lengua y lingüística. Los objetos de análisis fueron el Programa de Posgrado en Estudios de Lengua de la Universidad Estatal de Ponta Grossa (UEPG) y el Programa de Posgrado en Literatura de la Universidad Federal de Paraná (UFPR). Así, la investigación aborda temas que integran prácticas sociales en el centro del control hegemónico, con el fin de comprender el movimiento contra-hegemônico presente en los currículos de dos cursos de posgrado en estudios de lengua de la UEPG y la UFPR, con el fin de comprender mejor este modelo de práctica sociocultural. Para sustentar el análisis, se utilizó la teoría del currículo poscrítico, ya que entendemos que proviene de otros enfoques propuestos, como la teoría crítica y la tradicional, ya que estas teorías preceden a la teoría del currículo poscrítico. Se puede afirmar que la teoría poscrítica surge como una forma de confrontar los paradigmas hegemónicos tradicionales que siguen presentes en los currículos de los cursos de posgrado en Brasil (Santos, 2003). Además, al estudiar el lenguaje, es imposible disociar de las relaciones de poder que lo permean, ya que es a través del lenguaje que producimos y reproducimos patrones de dominación preestablecidos por la hegemonía. La metodología adoptada para esta investigación fue cualitativa, documental y bibliográfica, y se utilizó Bardin (2011) para comprender el análisis de datos. Al analizar los currículos de los programas de posgrado de la UEPG y la UFPR, encontramos indicios de acciones contra-hegemónicas presentes en estos documentos, a través de sus programas de estudio, que se encuentran en el material disponible en sus respectivos sitios web.

Palabras clave: Contrahegemonía; Teoría poscrítica; Programa de posgrado;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - CURRÍCULO.....	15
1.1 INTRODUÇÃO AO CURRÍCULO.....	15
1.1.1 Teoria crítica de currículo.....	16
1.2 CURRÍCULO PÓS-CRÍTICO.....	17
CAPÍTULO 2 - SUBJETIVIDADES DOS SUJEITOS	21
2.1 COMPREENDENDO A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	21
2.2 UM BREVE OLHAR SOBRE QUESTÕES RACIAIS	24
2.3 OS PADRÕES PRÉ-ESTABELECIDOS PELA HETERONORMATIVIDADE	27
CAPÍTULO 3 - LINGUAGEM E PODER E PERSPECTIVAS CONTRA-HEGEMÔNICAS NOS CURRÍCULOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS.....	31
3.1 A LÍNGUA E AS RELAÇÕES DE PODER.....	31
3.1.1 Um breve olhar sobre a colonização	35
3.2 A RELEVÂNCIA DE UM CURRÍCULO DE PÓS-GRADUAÇÃO ABORDAR QUESTÕES CONTRA-HEGEMÔNICAS	40
CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS	48
5.1 O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM UEPG	48
5.2 O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UFPR	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXOS.....	92

INTRODUÇÃO

Desde cedo, nós mulheres ouvimos qual o jeito “certo” de se comportar, o que deveríamos ou não fazer e como agir e se portar diante dos outros. Recebemos muitos discursos e rótulos que nos são designados. Além disso, tarefas domésticas são passadas desde que somos pequenas, enquanto os meninos só se preocupam em brincar e se divertir. Os brinquedos oferecidos para as meninas são pensados para as treinar para a vida adulta; bonecas servem como um incentivo a ser mãe e as panelinhas de cozinhar são um retrato da vida doméstica e do cuidado da casa. Eu me lembro de ter uma pia de lavar louça quando criança. Quem daria isso para um menino?

Em casa, eu tinha somente irmãs, não tinha um irmão, e a minha família seguia o padrão tradicional no qual não era exigido dos homens fazer tarefas domésticas. As responsabilidades em casa sempre foram minhas ou da minha mãe. Quando eu era mocinha/pré-adolescente e aos domingos a família se reunia na casa da minha avó, com tias e primos, eu ficava muito indignada porque havia um cronograma de quem lavaria a louça do domingo, e só tinha o nome das meninas. Dessa forma, nossas brincadeiras e momentos de diversão eram interrompidos para lavar a louça — era uma lavando, outra secando e outra guardando, enquanto os meninos continuavam a brincar. Foi aí que minha revolta começou.

Dentro desse cenário, já percebia que meninas e meninos eram tratados de formas diferentes e injustas. Quando fui crescendo, isso só se intensificou. Fui tomando outras dores, presenciando formas de discriminações no cotidiano e não me conformava com os lugares sociais atribuídos a cada um. Para mim, não fazia sentido que as pessoas tivessem que se esconder ou se encaixar em caixinhas para serem aceitas e não sofrerem preconceitos. Tinha o pensamento de que as pessoas deveriam ser felizes sendo elas mesmas, vivendo da forma como queriam, sem que ninguém tivesse nada a ver com isso, pois o melhor das pessoas é elas serem do jeitinho que são, cada um da sua maneira.

Por isso, quando entrei na universidade, fez tanto sentido estudar diversidades. Assim, já no primeiro ano, busquei fazer parte do Grupo de Estudos do Currículo Educacional e Diversidades (GECED)¹. Ao participar do grupo, pude examinar criticamente ainda mais as injustiças sociais presentes na nossa sociedade e aquelas que me lembraram a infância. Dessa forma, eu percebi que a transformação começa pela educação e se concretiza por meio

¹ O GECED é um grupo de pesquisa formado pela área de Letras, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O GECED existe desde 2017, é formado por professores da UEPG, da rede pública e privada de educação básica e por alunos da UEPG.

dos currículos, já que irão refletir nos conteúdos estudados em sala de aula. Desde o primeiro ano da graduação, em 2018, depois de já ter feito pesquisas de iniciação científica nesta área de currículo e diversidades e, ainda hoje, 2025, acredito que o caminho para um mundo melhor começa pela educação. Por isso, propus este trabalho, sendo uma mulher branca cisgênero, que acredita que podemos tornar o mundo um lugar melhor por meio de uma educação com um olhar crítico para as questões que nos atravessam enquanto seres sociais.

Assim, esta dissertação é fruto de minhas investigações no decorrer da graduação e, posteriormente, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, doravante PPGEL-UEPG. Durante minha trajetória acadêmica na graduação, tive a oportunidade de ingressar na Iniciação Científica desde o primeiro ano de até o terceiro ano, o que me abriu os olhos para a pesquisa. Ao todo, foram três propostas de Iniciação Científica concluídas durante a formação em letras.

Naquele período, realizei pesquisas relacionadas ao currículo e diversidades, pois sempre foi uma área de interesse. Desde o início, via a necessidade social de buscar fazer a diferença, mesmo que minimamente, a partir da minha formação. Estudar as diversidades, principalmente de gênero e sexualidade, sempre me cativou, pois ao longo da vida, como mulher, enfrentei diversas injustiças, tanto diretamente relacionadas a mim, quanto ao observar injustiças e discriminações sofridas por pessoas próximas. Isso me causava incômodo, o que me fazia questionar o porquê da existência desses preconceitos e discriminações e o que eu poderia fazer dentro da minha realidade para transformar, ainda que minimamente, esse cenário.

Durante as pesquisas, percebi a necessidade de uma formação docente que pudesse estar preparada para lidar com situações de discriminações e preconceitos em sala de aula, pois já presenciei colegas sofrerem discriminações por conta de gênero, sexualidade e raça, sem que nada fosse feito a respeito no contexto escolar. Foi dessa forma que surgiu a ideia de pesquisar relatos de pessoas que sofreram discriminações relacionadas a gênero e sexualidade no ensino básico, por perceber a importância de ouvir essas vozes que foram silenciadas em tantos momentos de suas vidas. Portanto, estudar as diversidades e os estudos de currículo continuaram sendo parte das minhas pesquisas. Contudo, ao longo do percurso, percebi a necessidade de incluir algumas temáticas e redirecionar os caminhos das investigações seguintes, o que culminou na decisão de pesquisa desta dissertação.

Inicialmente, a proposta do projeto de pesquisa para o mestrado abordava os Temas Transversais da BNCC (2018)², visando rever a importância desses temas na prática docente, buscando refletir em um bom desempenho da prática docente que fosse crítica. Partindo da carência de uma formação adequada para tratar os Temas Transversais em sala de aula, esta pesquisa pretendia confirmar a necessidade de pautar questões relacionadas aos direitos humanos e ambientais na formação docente, principalmente de docentes da área dos estudos com a linguagem. Com isso, tinha também como objetivo coletar questionários de discentes em processo de formação, a fim de refletir sobre as possíveis dúvidas em relação à parte prática dos Temas Transversais em sala de aula. E também coletar questionários de professores que já atuam na rede de ensino, para identificar dúvidas, processos e práticas já utilizadas em relação a esses temas. Os questionários passaram pelo comitê de ética. Entretanto, durante as aulas do mestrado, comecei a me questionar se o tema de pesquisa realmente fazia sentido para mim.

Com a participação nas aulas da pós-graduação, alguns fatores levaram à mudança do tema, os quais aconteceram gradualmente. Por exemplo, ao estudarmos sobre identidades e linguagem, percebi, cada vez mais, que gostaria de continuar estudando sobre as diversidades e aproximando mais a minha pesquisa dos estudos da linguagem. Além disso, compreender alguns fatores sobre o porquê de alguns seres humanos terem mais privilégio que outros, como homens sobre as mulheres, por exemplo. Assim, esses questionamentos me levaram a querer entender um pouco melhor a questão da hegemonia. Grosso modo, hegemonia é um termo que define que uma coisa é mais importante que a outra e, nesse entendimento, resolvi buscar questionar a hegemonia. Desta maneira, cheguei ao termo contra-hegemonia e assim, pude entender melhor que isso poderia auxiliar com a minha pesquisa na área dos estudos com a linguagem, considerando que a linguagem é uma ferramenta de poder que dissemina crenças e costumes na sociedade em geral (Bourdieu, 1996).

Durante o tempo de curso de disciplinas diferentes na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e na Universidade Federal do Paraná (UFPR), as leituras e os estudos despertaram ainda mais o meu interesse em pesquisar as questões de contra-hegemonia nos cursos de pós-graduação destas duas instituições. Contudo, o momento decisivo que me encorajou a mudar completamente o tema da pesquisa foi um questionamento feito por uma das professoras, ela perguntou: “você acha que faz sentido estudar os temas transversais como

² Temas transversais são conteúdos previstos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018) responsáveis por tratar de questões sociais, culturais e éticas relevantes, como cidadania, meio ambiente, diversidade cultural, saúde e direitos humanos, visando à formação integral dos estudantes.

a parte da língua? Você não acha que os estudos de raça, etnia, gênero e sexualidade não atravessam a língua?” A partir dos questionamentos, me encontrei analisando as perguntas e vi que realmente não fazia sentido e que aquela pesquisa não atendia as dúvidas que eu queria entender, nesta minha trajetória acadêmica.

Na sequência, relatei à minha orientadora, os meus anseios e compartilhei minha experiência ao realizar uma disciplina especial na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Contei que ambas as disciplinas que estava realizando naquele momento, tanto na UFPR quanto na UEPG, tinham relação entre si. Foi assim que surgiu a ideia de pesquisar os programas de pós-graduação em Letras, visando identificar os elementos contra-hegemônicos nesses currículos. Inicialmente, a proposta era analisar os programas de pós-graduação em Letras da UEPG, UFPR e Universidade Estadual de Londrina (UEL). No entanto, percebemos que a pesquisa ficaria extensa e que não teríamos tempo suficiente, dentro do nosso contexto, para conseguir realizá-la. Assim, optamos por concentrar as análises somente nos programas de pós-graduação da UEPG e da UFPR.

Essa delimitação permitiu um olhar mais atento às abordagens contra-hegemônicas presentes nesses currículos nos atentando às abordagens contra-hegemônicas, que partem da ideia de ir em sentido contrário à hegemonia imposta a partir de padrões reproduzidos na sociedade em que vivemos. A fundamentação teórica tem como foco considerar que os padrões são sustentados por relações de poder que estabelecem privilégios para determinados grupos sociais. Pode-se afirmar que uma das formas de manter a hegemonia é utilizando a língua e os comportamentos humanos para impor dominação e, assim, manter os privilégios de alguns grupos sociais, marginalizando outros que não se enquadram nesses padrões hegemônicos. Compreendendo que a língua também atua como ferramenta para a disseminação de padrões hegemônicos de dominação nas relações de poder. Assim, impossibilita-se dissociar os estudos linguísticos, em suas diferentes áreas de estudos, de todo histórico de dominação que os permeia.

Esses processos de dominação de um grupo sobre o outro são percebidos desde a colonização até os dias atuais e a linguagem é uma forma que os padrões hegemônicos continuam sendo reproduzidos e impostos. Nesse sentido, estudos que investigam esses fenômenos de dominação, presentes também na área de estudos linguísticos, tornam-se relevantes ao buscar formas de desconstruir esses padrões a partir de abordagens críticas.

Dessa forma, alguns estudos que investigam esses fenômenos de dominação, também presentes na área de estudos linguísticos, são uma alternativa para entender melhor e, quiçá, desconstruir esses padrões a partir de abordagens críticas. Um exemplo dessa desconstrução é

a elaboração de um currículo pós-crítico, que busca estudar as subjetividades de sujeitos a partir de outras narrativas. As pessoas, dentro dessa relação de poder, são marginalizadas pela sociedade hegemônica, por isso sabemos que “a modernidade é o outro eixo do capitalismo global eurocêntrico e refere-se a um universo específico de relações intersubjetivas de dominação segundo a hegemonia de instituições europeias/brancas” (Veronelli, 2021, p. 85). Tudo que está fora do padrão hegemônico na modernidade e que foi pré-estabelecido pelos colonizadores, por exemplo, é considerado marginalizado e, por isso, está sujeito à discriminação. Assim, é essencial que um currículo de pós-graduação focado nos estudos linguísticos tenha uma visão pós-crítica e incorpore abordagens contra-hegemônicas e decoloniais³ aos estudos, considerando que a língua tem papel fundamental para a desconstrução desses padrões.

Para esta pesquisa, estabelecemos os seguintes objetivos: descrever algumas teorias de currículo; delinear algumas questões relacionadas à subjetividade dos sujeitos; abordar as perspectivas contra-hegemônicas e sua relevância; apresentar um panorama sobre a linguagem e o poder; e realizar uma análise sobre as abordagens curriculares dos programas da área de linguagens da Universidade Estadual de Ponta Grossa e a Universidade Federal do Paraná apontando o que há de contra-hegemônico na proposta curricular desses programas de pós-graduação.

Dessa forma, esta pesquisa aborda temáticas que integram as práticas sociais no centro do controle hegemônico, a fim de entender o movimento contra-hegemônico presente nos currículos de dois cursos de pós-graduação em estudos da linguagem⁴ da UEPG e da UFPR. Com isso, a pesquisa busca compreender melhor o modelo de prática sociocultural e, assim, desvelar as perspectivas opostas ao sistema hegemônico, principalmente no que tange às discussões envolvendo a linguagem e as relações de poder. Nesse contexto, compreende-se que o currículo de cursos de pós-graduação que estudam a linguagem deve proporcionar discussões e questionamentos que incluam a contra-hegemonia, já que a linguagem é o foco de suas reflexões e esta não pode ser dissociada das relações de poder que se perpetuam socialmente por meio dela. Partindo dessa justificativa, optou-se por analisar os currículos dos programas de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Federal do Paraná, com o intuito de pontuar os conteúdos contra-hegemônicos presentes, principalmente em ementas das disciplinas destes programas.

³ Para entender melhor sobre decolonialidade veja Quijano (2007).

⁴ Toda vez que for mencionada pós-graduação em estudos da linguagem, leia-se também Letras.

O primeiro capítulo desta dissertação trata da questão do currículo como espaço de poder, o qual exerce influência na formação dos sujeitos. Nesse capítulo, abordamos os conceitos básicos de currículos, segundo Silva (2003), destacando que a escolha dos conteúdos, ao incluir certos conhecimentos e não outros nas ementas desses currículos, também é baseada na presença das relações de poder. Um currículo pode ser excludente e opressor ou emancipatório, dependendo da escolha de conteúdos e conhecimentos que se pretende abordar.

No segundo capítulo, discorreremos sobre questões relacionadas aos sujeitos e suas subjetividades, para compreender melhor os temas relacionados à raça, ao gênero e à sexualidade de forma crítica. Compreende-se que os sujeitos que não se enquadram nos padrões normativos de raça, gênero e sexualidade, como destaca Louro (2013), são excluídos e deixados à margem da sociedade. Não se pode desconsiderar que tratar de raça, gênero e sexualidade é, também, explorar a linguagem, pois, como sabemos, a língua está presente nessas relações sociais de diversas maneiras, nos estudos da linguagem. Também será apresentado um capítulo chamado “Linguagem e Poder” com o intuito de compreender o poder das palavras e a língua como ferramenta de dominação a partir das teorias decoloniais. Em seguida, o próximo capítulo busca identificar se os currículos de pós-graduação em letras da UEPG e da UFPR abordam a contra-hegemonia em seus conteúdos.

Chegamos então ao capítulo de metodologia, no qual trazemos os dados coletados, bem como as etapas de análise destes dados. Partimos para uma explicação geral da metodologia deste trabalho, que utiliza a análise do conteúdo, conforme Bardin (2011), que propõe três etapas fundamentais na pesquisa. A primeira delas foi a “pré-análise”, momento em que há a familiarização com o tema e a leitura exploratória do documento. Os documentos analisados foram os programas de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Federal do Paraná. O foco da análise foi as ementas das disciplinas ofertadas nos dois últimos anos, 2023 e 2024, a fim de identificar o que há de contra-hegemônico presente nessas disciplinas.

No segundo momento da metodologia, partimos para a “exploração do material”, que consiste na aplicação da sistematização. Essa é a etapa de tomadas de decisões sobre como o trabalho será organizado, envolvendo operações de “codificações e categorização”. No contexto deste trabalho, foi neste estágio que decidimos restringir a análise aos programas de pós-graduação em letras da UEPG e da UFPR, abandonando a ideia de pesquisar a UEL, que desejávamos inicialmente. Além disso, optamos por escolher somente disciplinas relacionadas às práticas contra-hegemônicas, descartando as disciplinas que não se alinhavam ao objetivo

deste trabalho. Assim, decidimos focar nas disciplinas da UFPR das linhas de “Linguagem e suas Práticas Sociais” e “Linguagens, Culturas e Identidades: Ensino e Aprendizagem”, pois estas tinham mais proximidade com o tema de pesquisa.

As “categorias” foram elaboradas com base nos objetivos de pesquisa e no referencial teórico, buscando elementos nas ementas das disciplinas que indicassem práticas ou discursos contra-hegemônicos nos programas analisados. Para isso, consideramos um currículo pós-crítico que englobasse perspectivas que fossem decoloniais e contra-hegemônicas, essas abordagens incluem estudos da diversidade linguística e cultural, estudos de identidades, abordagens críticas.

O último passo metodológico foi o “tratamento dos resultados e interpretações”. Neste processo, destacamos as disciplinas que mais se aproximavam do tema pesquisado, aquelas que apresentavam ou possuíam a possibilidade de apresentar perspectivas contra-hegemônicas. As interpretações foram realizadas com base nos referenciais teóricos, indicando os avanços, as possibilidades e a presença dessas temáticas nas ementas das disciplinas dos programas de pós-graduação em Letras da UEPG e da UFPR.

A justificativa deste trabalho reside na necessidade de entender se estes dois currículos de pós-graduação, especialmente em estudos linguísticos, reconhecem que a língua está diretamente relacionada e inserida em estruturas de poder que perpetuam hierarquias sociais desde a colonização. Essas estruturas carregam marcas históricas que sustentam a desigualdade social. Por isso, refletir sobre a língua e as marcas de dominação presentes nos discursos, considerando seu uso como ferramenta de poder que beneficia os grupos dominantes, implica criticar e desconstruir as construções sociais de discursos e relações de poder que reproduzem desigualdades. Ao mesmo tempo, utilizar a educação linguística como instrumento de transformação social é uma forma de lutar para quebrar essas estruturas de dominação, frutos da herança colonial, que ainda permeiam a nossa sociedade.

Com isso, este trabalho busca evidenciar a importância de um currículo de pós-graduação em estudos da linguagem que aborda questões contra-hegemônicas, fundamentado na premissa de que os estudos linguísticos devem considerar a língua em sua relação com o poder. Nesse contexto, isso pode ocorrer com a inclusão de temas como estudos decoloniais, questões de raça, etnia, gênero e sexualidade no currículo de pós-graduação em estudos da linguagem ou letras. Assim, um currículo pós-crítico se alinha a esse propósito, ao incluir estudos sobre identidades e subjetividades, cujo objetivo seja questionar criticamente a estrutura hegemônica vigente.

CAPÍTULO 1 - CURRÍCULO

1.1 INTRODUÇÃO AO CURRÍCULO

Inicialmente, discorreremos sobre currículo de forma introdutória para percorrermos um caminho que leva ao currículo crítico e ao pós-crítico, pois será necessário entender essas teorias para compreender o currículo pós-crítico, que tem mais relevância para este trabalho.

Segundo os estudos sobre currículo, principalmente segundo Tomaz Tadeu da Silva (2001), o currículo é uma organização de conhecimentos que seleciona os conteúdos que deverão fazer parte da grade curricular no processo de construção do conhecimento. Dentro das seleções de conteúdos, alguns conteúdos são válidos e outros não, isso decorre conforme o ideal de sujeito que se pretende formar. A partir dessa seleção, é possível perceber que há conhecimentos que são privilegiados e outros que são excluídos, conforme explica Silva (2001, p. 86), “O currículo não é algo neutro, ele é resultado de disputas e embates entre diferentes grupos e interesses. O que se ensina nas escolas é, portanto, resultado de uma seleção que privilegia certas vozes, certos conhecimentos, em detrimento de outros”.

Pensando nas colocações de Tomaz Tadeu, é necessário questionar o currículo e os conteúdos privilegiados neles, pois isso implica no quanto as relações de poder estão presentes no campo do currículo, assim como assinala Da Silva, (1998, p. 72⁵, tradução nossa): “Pensar o currículo como ato político consiste precisamente em destacar sua implicação nas relações de poder”. Visto que, quando se fala em currículo e formação a partir desse currículo, logo se pressupõe que haja sujeitos envolvidos neste processo. Dessa forma, o currículo nada mais é que parte da formação de um ideal de sujeito fundamentado por essa seleção de conteúdos e conhecimentos. Assim, o currículo está ligado à identidade dos sujeitos, já que não podemos dissociar os sujeitos de suas identidades, considerando que uma formação agrega a identidade desses e todos os sujeitos que envolvem aquele sistema de conhecimento.

Deste modo, percebemos o impacto e as responsabilidades dos currículos pelos sujeitos que, já que o currículo está atrelado às identidades, assim, afirma-se a importância de algumas temáticas relacionadas às identidades serem trabalhadas em sala de aula, uma vez que o currículo, além de abordar conteúdos e conhecimentos, também abordam comportamentos e habilidades esperados dos discentes. Pensando nisso, cria-se um ideal de

⁵ “Pensar el curriculum como acto político consiste precisamente en destacar su implicación con las relaciones de poder”, (Da Silva, 1998, p. 72).

sujeito estabelecido como normas que moldam o comportamento dos sujeitos.

Posto que alguns conteúdos e conhecimentos são selecionados na organização do currículo, alguns questionamentos surgem como: quais são os conteúdos ou interesses que estão sendo privilegiados dentro dessas escolhas de conteúdo? Que ideologia está sendo produzida ou reproduzida a partir dos discursos que cercam os conteúdos? Quais são os conteúdos que estão sendo excluídos? Os conhecimentos de qual cultura estão sendo apagados dos currículos? Os interesses de quem está sendo omitido? Este exercício é necessário para podermos refletir : quem está por trás desse currículo? Quais grupos estão sendo privilegiados e quais estão sendo silenciados e excluídos?

Para responder a essas perguntas, precisamos adentrar no campo da curricularização da educação e perceber qual a teoria de currículo é responsável por atender às pesquisas na área. Iniciemos então pela teoria crítica, para ser possível compreender a teoria pós-crítica, que será a base deste trabalho.

1.1.1 Teoria crítica de currículo

A teoria crítica de currículo se preocupa em resolver as problemáticas globais vindas do tecnicismo, por isso, voltava-se para as críticas políticas, econômicas e sociais. Portanto, houve, como explica Fraser (1997), uma descentralização da igualdade, pois estávamos em meio a uma mercantilização agressiva que somente produziu ainda mais desigualdade.

A partir deste viés, havia o predomínio do currículo tecnicista que estaria interessado em uma formação do proletariado para a mão de obra. Assim, os currículos não estariam preocupados em formar seres sociais críticos, pois o objetivo era que o currículo refletisse uma ideologia de contentamento com as relações de poder dentro do contexto de opressão. O currículo crítico veio para tratar das relações de poder a partir das questões políticas, ideológicas e culturais. Apesar da tentativa, o currículo crítico apresentou algumas falhas em sua teorização, houve uma descentralização da igualdade, pois estávamos em meio a uma mercantilização agressiva que somente produziu ainda mais desigualdades. Sobre as dificuldades apresentadas nas teorias críticas, Santos (2001, p. 204) aponta:

Conforme outra posição, que denomino pós-modernidade inquietante ou de oposição, a disjunção entre a modernidade dos problemas e a pós-modernidade das possíveis soluções deve ser plenamente assumida e deve ser transformada em um ponto de partida para enfrentar os desafios de construir uma crítica pós-moderna. E esta é a minha posição.

Segundo as críticas a essa teoria, a problemática está em fundamentar uma teoria que desse conta dessas questões associadas às desigualdades econômicas e sociais. Assim vimos a necessidade de entender e explicar de que forma se iniciam essas desigualdades de um aprofundamento nos estudos de identidades, subjetividades, gênero, raça, etnia, sexualidade e multiculturalidade que são onde as relações de poder se impõe gerando essas desigualdades. Uma vez que temos o entendimento de que o currículo não é neutro e produz e reproduz ideologias, faz-se necessário um currículo que pense nos sujeitos como seres sociais críticos. E é a partir da não neutralidade do currículo que se utiliza o currículo como veículo de dominação, subalternizando sujeitos.

Devemos, portanto, questionar a quem interessa o currículo tecnicista, centrado na mercantilização da educação ou ainda um currículo denominado de crítico, mas que não abarca a diversidade mais ampla, como as questões de gênero, raça, sexualidade e classe social. Essa reflexão evidencia a necessidade de uma teoria pós-crítica do currículo, que consiga explorar e responder não somente essa, mas diversas outras questões que o currículo crítico, por si só, não consegue abarcar. Além disso, os currículos devem estar em constante processo de estudos e evoluções.

A teoria pós-crítica de currículo surge visando ampliar os horizontes do pensamento educacional, buscando acrescentar algumas camadas que a teoria crítica não teve como objetivo estudar. Enquanto a abordagem crítica concentra-se em questões de poder, opressão e ideologia, a perspectiva pós-crítica vai além, valorizando a pluralidade de vozes, experiências e subjetividades presentes nos processos educacionais. Essa teoria propõe uma reflexão mais aberta e flexível, questionando estruturas rígidas e hierarquias estabelecidas, além de problematizar conceitos universais e verdades absolutas. Ao incorporar elementos culturais, sociais e identitários, a abordagem pós-crítica oferece novas formas de responder aos desafios contemporâneos da educação, promovendo uma visão mais inclusiva, dinâmica e adaptável às complexidades da sociedade atual.

1.2 CURRÍCULO PÓS-CRÍTICO

As teorias do currículo pós-crítico surgiram no final do século XX. Essa teoria aparece para questionar e criticar as lacunas do currículo crítico. Mas afinal, do que se trata o currículo pós-crítico? Gonfiantini (2019) sustenta sobre as teorias pós-críticas do currículo:

Essas teorias incluem estudos sobre identidade, subjetividade, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade e multiculturalidade. A crítica fundamental e

a proposta dessas novas vozes, a nível curricular, é a crítica à racionalidade eurocêntrica herdada desde a Modernidade Clássica, que se estende a todos os aspectos e cenários da sociedade. E é a partir dessa alteridade que se propõe novos estudos decoloniais, contra-hegemônicos e discursivos (Gonfiantini, 2019, p. 1142, tradução nossa)⁶.

As teorias do currículo crítico se concentram em abordar as críticas às relações de poder associadas às questões políticas, econômicas e sociais, apresentando uma posição crítica ao capitalismo. Silva (1999) explica que as teorias críticas, seguindo uma vertente, pensam na globalização e em questões eurocêntricas ligadas a ela. O currículo pós-crítico se preocupa em ampliar esses aspectos para as relações de poder e “processos de dominação” ligados também à raça, etnia, gênero, sexualidade e classe, como pontua Silva (1999, p. 149):

Em contraste às teorias críticas, as teorias pós-críticas não se limitam apenas ao poder presente ao campo das relações econômicas do capitalismo. Com as teorias críticas, o mapa das relações de poder é ampliado para incluir os processos de dominação centrados na raça, no gênero e na sexualidade.

É a partir do currículo pós-crítico que mudamos a perspectiva referente às problemáticas atuais. Neste currículo, o olhar é voltado aos grupos subalternos, há interesse de pesquisa e de aplicabilidade dos conteúdos na sala de aula. Para tentar explicar as desigualdades sociais, assim, os estudiosos se voltam para o processo das relações de poder e como ocorre este processo de subalternização.

Nos pensamentos pós-críticos, consideram-se as subjetividades dos sujeitos e o seu papel social a partir do lugar que são colocados e designados pelas relações de poder, o que não acontece na corrente de pensamento das teorias críticas. Entretanto, quando pensamos nessas teorias sem conhecimento prévio do que significam, podemos cair no erro de pensar que elas se complementam. Todavia, é exatamente no âmbito da subjetividade dos sujeitos que se distanciam, pois, na teoria crítica, “o sujeito existe no devir de sua historicidade e na teoria pós-crítica ele é devir, sim, mas na base de um projeto de desconstrução” (Pacheco; Sousa, 2016, p. 67).

Para explicar como se encontrava a contextualização das teorias que sucedem às teorias pós-críticas, Casimiro Lopes (2011, p. 4, tradução nossa⁷) pontua:

⁶ Estas teorías incluyen estudios sobre identidad, subjetividad, cultura, género, raza, etnia, sexualidad, multiculturalidad. La crítica fundamental y la propuesta desde estas nuevas voces, a nivel curricular, es la crítica a la racionalidad eurocéntrica heredada desde la Modernidad Clásica y que se amplía a todos los aspectos y escenarios de la sociedad. Y es desde es alteridad que se proponen nuevos estudios decoloniales, contra-hegemónicos y discursivos.

⁷ [...] en el campo del currículum, la expresión teorías pós-críticas, es utilizada para referirse a las teorías que cuestionan los presupuestos de las teorías críticas, marcadas por las influencias del marxismo de la escuela de Frankfurt y en alguna medida de la fenomenología, discusiones en que se destacan las conexiones entre currículo, poder e ideología (Lopes, 2011, p. 4).

[...] No campo do currículo, a expressão teorias pós-críticas, é utilizada para se referir às teorias que questionam os pressupostos das teorias críticas, marcada por influências do marxismo da escola de Frankfurt e em alguma medida da fenomenologia, discussões em que se destacam as conexões entre currículo, poder e ideologia.

Não que as teorias críticas não trabalhassem essas conexões, mas a questão principal é que as teorias pós-críticas acrescentam outros debates que abrangem as subjetividades e identidade dos sujeitos, pautando questões de raça, etnia, cultura, gênero e sexualidade. Assim, a crítica ao currículo pós-crítico desloca-se do campo da política ideológica da globalização e do capitalismo, onde eram abordadas as críticas à mercantilização do currículo tecnicista, para a subjetividade e desconstrução do cenário discriminatório em que se encontram esses grupos marginalizados e subalternos.

Dessa forma, é possível destacar que o currículo pós-crítico e a contra-hegemonia estão intimamente conectados. No sentido em que, tanto um quanto outro, são conceitos que buscam desafiar o cenário educacional a partir da transformação da sociedade e das práticas educativas. Essa conexão abala o sistema de dominação presente não somente na sociedade, mas também nas práticas de dominação a partir dos conteúdos presentes nos currículos e também na educação.

O currículo pós-crítico pretende trazer algumas mudanças referentes às práticas tradicionais de ensino, fazendo críticas aos currículos tradicionais, questionando principalmente as estruturas de poder e dominação presentes no currículo. A finalidade de um currículo pós-crítico é investigar a partir dos estudos da teoria pós-crítica do currículo como ocorre o processo de dominação a aplicabilidade de práticas que visem a desconstrução de padrões de dominação, a valorização da diversidade e os multiculturalismos e multiletramentos que também se encaixam na perspectiva de aprendizado. Conforme Lopes (2011), a ideia desse currículo é dar voz às narrativas de pessoas colocadas à margem da sociedade e à desconstrução dos sistemas dominantes.

É possível unir às perspectivas de um currículo pós-crítico e da contra-hegemonia, proporcionando uma reflexão crítica sobre os mecanismos de produção e reprodução dos padrões de dominação presentes nos currículos, visando uma transformação que se estenda da elaboração do material às práticas em sala de aula. Portanto, considerando a diversidade cultural, social e linguística, é significativo que os currículos de pós-graduação, graduação e, consequentemente, da educação básica, sejam inclusivos tragam novas narrativas protagonizadas por outros grupos sociais e culturais.

Para isso, é indispensável um currículo que trabalhe por meio de abordagens reflexivas e significativas para todas(os), práticas mais ativas e críticas que promovam uma transformação social que abranja todas as pessoas e culturas. Faz-se necessário, então, um currículo que incorpore perspectivas contra-hegemônicas e decoloniais, que questione as narrativas tradicionais a fim de desconstruí-las, abrindo espaço para uma educação inclusiva e emancipatória.

CAPÍTULO 2 - SUBJETIVIDADES DOS SUJEITOS

Neste capítulo, discutimos a subjetividade dos sujeitos e o seu papel social a partir dos padrões que a sociedade impõe. Além disso, o foco será em demonstrar como essas imposições produzem e reproduzem padrões sociais e como isso reflete na identidade desses sujeitos. Inicialmente, trago uma definição de sujeito para embasar os estudos da subjetividade dos sujeitos, compreendendo que a construção de sujeito é influenciada por uma série de fatores que perpassam a individualidade. É nesse sentido que a perspectiva interseccional serve para compreensão das identidades sociais atreladas à construção das identidades sociais a partir da perspectiva de raça, gênero, sexualidade, entre outros, que não serão o foco deste trabalho.

Em seguida, abordamos ainda que brevemente nas discussões das questões raciais, de forma não aprofundada, entretanto, visto como necessário trazer estas discussões, pois não há como ignorá-las ao se falar de contra-hegemonia e decolonialidade. As questões raciais estão intrinsecamente ligadas aos conceitos de contra-hegemonia e decolonialidade, visto que as estruturas de poder que moldam a sociedade, desde a colonização definem as relações sociais. Dessa forma, embora não haja um aprofundamento em todos os aspectos, reconhecemos a importância de abordar, ainda que parcialmente, algumas questões sobre raça e o racismo na construção da estrutura social que este trabalho busca questionar e desconstruir.

Por fim, discutimos neste trabalho sobre os papéis sociais e os padrões pré-estabelecidos, iniciando pelos padrões heteronormativos, que aborda tanto questões de gênero como sexualidade, a fim de perceber como esses padrões sociais refletem, negativamente, na vida dos sujeitos, principalmente os sujeitos que fogem aos padrões heteronormativos.

2.1 COMPREENDENDO A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Para iniciar, é importante ser definida a palavra “sujeito”, faremos isso a partir do dicionário filosófico de Nicola Abbagnano (2007):

SUJEITO- Para Kant. S. é o eu penso a consciência ou autoconsciência que determina e condiciona toda atividade cognoscitiva: "Em todos os juízos sou sempre o S. determinante da relação que constitui o juízo". "Para o eu. para o ele ou para aquilo (a coisa) que pensa, a representação é apenas de S. transcendental dos pensamentos, que só é conhecido através dos pensamentos que são seus predicados e cios quais, à parte estes, não podemos ter o menor conceito" (Abbagnano, 2007, p. 930).

A partir da definição sobre sujeito, para este trabalho é importante que pensemos com base na definição de Kant (1999), em relação ao ‘eu’ (sujeito) e ao fato pontuado por Kant como determinante da relação que constitui o juízo para o ‘eu’, para o ‘ele’ e para ‘aquilo’, que podemos colocar sobre o objeto. É interessante entendermos que a partir das relações de poder, determina-se o juízo em relação ao outro que, segundo a história da hierarquia social, coloca o outro como não-eu, tratando-o como objeto para produção de riquezas, para ponderar e manter a hierarquia social, onde o negro era colocado co-primitivo e não-racional, para que o se opusesse ao homem-branco-heterossexual, e da mesma forma, outras dicotomias surgem a partir do não-eu eurocêntrico.

Ainda sobre as definições de sujeito de Kant (1999), ele fala que os sujeitos têm a capacidade de refletir sobre si e estar ciente de sua própria existência no mundo. A partir disso, é importante cada vez mais estimular os sujeitos a refletirem sobre si e sobre seu lugar na sociedade, já que existem papéis sociais que nos são designados, então precisamos reconhecê-los e olhar para estes lugares impostos e agir a partir disso com criticidade.

Como mencionado no capítulo anterior, quando se trata de currículo, não há como dissociar o currículo de identidades, por isso, currículo neutro é uma farsa. Além disso, considero que não há como dissociar o sujeito de suas identidades, por isso a necessidade de um currículo tratar de identidade e considerar as subjetividades dos sujeitos.

Partimos da ideia de que há alguns padrões sociais preestabelecidos e que estes partem de uma norma aplicada por meio dos currículos. Geralmente, essa norma é consolidada pela convicção de que os padrões precisam ser mantidos, seguindo a ideologia dominante, que privilegia certos grupos sociais que buscam manter seus privilégios. Segundo Paulo Freire (1987, p. 34), os “opressores”, denominado pelo autor como um grupo dominante, busca “transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”⁸, pois dessa maneira é possível que a hierarquia social, mantendo seus privilégios e alienando os grupos dominados.

Assim, a partir destes padrões de dominação, quando se trata de falar de raça, gênero e sexualidade, questões abordadas nas identidades dos sujeitos, tudo é considerado tabu. Então, o consenso é não falar sobre o assunto, principalmente em estabelecimentos de ensino, por medo de trazer problemas para os órgãos responsáveis e ser malvisto pela sociedade, afinal, os oprimidos precisam seguir neste padrão de subjugação. Um exemplo desse padrão vem da

⁸ Dentro desta citação, na 17ª edição de *Pedagogia do Oprimido* (1970) é feita referência a uma citação de Simone Beauvoir, *El pensamiento Político de la Derecha*. Buenos Aires, Ediciones Siglo Veinte/S.R.L., 1963, p. 34. Entretanto, optou-se por colocar a de Paulo Freire, pois a análise à citação tinha relevância para este trabalho.

experiência vivenciada com o GECED que, ao adentrar com extensão em uma escola estadual de Ponta Grossa para tratar do tema “meritocracia”, algumas professoras da escola, proferiram palavras de ódio ao grupo, apontando que “a universidade tem que sair do seu lugar para entrar na educação básica, levando possibilidade de debates sobre um tema bastante simples, pois, a realidade das universidades é outra.” Ou seja, existe um lugar no ensino escolar que não se pode ultrapassar o limite imposto. Além disso, é como se a escola e a universidade tivessem lugares distintos e não se conectam ou se complementam, e o pensamento deveria ser contrário, pois devem funcionar juntos, um como extensão do outro.

Dessa forma, é importante que falemos, primeiramente, sobre os sujeitos e suas subjetividades e, para isso, devemos pensar nas relações de poder que percorrem as relações humanas na sociedade em geral. Assim, o cenário escolar também é espaço de luta de poder e de imposição de uma hierarquia social onde sujeitos que encaixam a certos padrões hegemônicos são considerados superiores e sujeitos que não se encaixam são marginalizados e subalternizados por não estarem dentro dos padrões dos grupos dominantes. Dessa forma, esse mesmo grupo dominante determina os sujeitos que importam, que são privilegiados, pautados em padrões culturais hegemônicos de raça, de gênero e sexualidade. Assim, Segundo Louro (2013), os sujeitos fora da norma e dos padrões são excluídos e deixados à margem da sociedade. Nesse sentido, a escola não foge da normalização.

Com isso, entendendo a sociedade como espaço de poder que se reflete em diversos âmbitos sociais, a escola também funciona como ferramenta de produção e reprodução de discriminação e desigualdades. Dentro desse sistema hierárquico de poder, a produção e a reprodução das desigualdades se falam presentes. Cida Bento (2022, p. 8) conta, na introdução de seu livro, como foi sua experiência com a escola:

[...] quebrar a lógica da história das relações entre brancos e negros no país é algo complexo. Ao mesmo tempo, a escola não era um dos ambientes mais acolhedores para crianças negras como nós. Por anos, me senti invisível na sala de aula, como se não fizesse parte daquele lugar.

Entendendo a escola como espaço de disputa de poder, questões raciais, de gênero e sexualidade, além de outras questões sociais que não são o foco deste trabalho, a escola acaba sendo uma extensão da universidade, já que é a partir dela que se formam os conhecimentos necessários para ser docente. Dentro das licenciaturas, entretanto, algumas áreas de estudos terão conteúdos cuja responsabilidade de abordar temáticas relacionadas à raça, gênero e sexualidade se tornará mais necessário. Com isso, é interessante que o currículo da pós-graduação em letras tenha a responsabilidade de discutir e criticar temáticas que envolvem relações sociais marcadas pela linguagem e que refletem padrões de dominação que

mantém a hierarquia social.

Além disso, o currículo de pós-graduação precisa estar atualizado, segundo Nancy Fraser, citada por Silva, Nader e Moratti (2021, p. 151), “As teorias pós-críticas continuam a enfatizar que o currículo não pode ser compreendido sem uma análise das relações de poder nas quais ele está envolvido”. A mesma autora afirma que não há como ignorar as influências da classe dominante nas questões de raça, gênero e sexualidade e acrescentamos que também não há como não considerar as suas relações intrínsecas por meio da linguagem. Assim, a estrutura de discriminação relacionada às minorias só pode ser desenraizada a partir dos conhecimentos que vêm das universidades e percorrem os demais ambientes de interação humana e, dessa forma, a desconstrução dos padrões sociais pode começar pelos currículos de pós-graduação.

2.2 UM BREVE OLHAR SOBRE QUESTÕES RACIAIS

Como exemplificado anteriormente, as questões raciais, de gênero e sexualidade estão interligadas aos cursos de pós-graduação, uma vez que o campo literário e o campo linguístico podem tanto dar voz, quanto silenciar culturas marginalizadas. Não há como não perceber que a educação é lugar para entender melhor as questões das subjetividades dos sujeitos.

Neste sentido, cabe ressaltar que, historicamente, os negros foram submetidos ao apagamento de suas culturas, discriminação e lhes foram negadas condições de acesso em espaços educacionais e culturais, pois, com a escravidão, nem ao menos eram considerados sujeitos. Nesse contexto, entende-se a língua como uma ferramenta poderosa de demarcação de território e dominação, que reforça relações de poder que privilegia certos grupos em detrimento de outros. Segundo Cida Bento (2022), os “pactos da branquitude”, por exemplo, sustentam essas relações de poder, servindo para que os privilégios e espaços continuem sendo dos opressores, mantendo a hierarquia social dificultando a abertura para que esses padrões sejam desconstruídos.

A história dos negros continua sendo invisibilizada pelos brancos, seja pelas oportunidades que não lhes são ofertadas, pelos trabalhos que lhes são negados por “não se encaixarem no perfil que a empresa procura”, ou por qualquer outro motivo que fortaleça os privilégios deixados para que pessoas brancas continuem ocupando esses lugares e os negros sigam no mesmo lugar da divisão social. Bento (2022, p. 12) nos explica:

Assim vem sendo construída a história de instituições e da sociedade onde a presença e a contribuição negras se tornam invisibilizadas. As instituições

públicas, privadas e da sociedade civil definem, regularmente me transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistema de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. Essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustadas. Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios.

A autora evidencia que este pacto da branquitude não é verbalizado, porém, ele se apresenta presente na sociedade, seguindo o mesmo padrão que privilegia os mesmos que colonizaram e escravizaram pessoas. Além disso, esse pacto reverbera no preconceito que ainda é perpetuado na sociedade. No livro “O Pacto da Branquitude”, Bento (2022) ao realizar uma pesquisa em algumas instituições sobre os processos de construção e legitimação da hierarquia de raça e gênero no ambiente de trabalho, constata haver uma naturalização “da supremacia branca” nessas instituições, demonstrando como ocorria sua construção e produção nesses ambientes. Não somente nos lugares pesquisados, mas que os pactos se estendem para outros espaços, onde a desigualdade e a violência racial e de gênero se fazem presentes.

A desvalorização e o desprezo pelas culturas de origem africana e indígenas é, ainda hoje, escancarada na sociedade. A cultura dos povos primitivos e dos negros, estes trazidos à força para o Brasil, ao longo da história, e aqueles que aqui viviam e são os verdadeiros donos deste país, ainda sofrem o impacto da colonização e tentativa de apagamento de suas culturas como forma de sobrepor a cultura dominante, advinda da Europa. Esse processo faz com que a subjetividade dos sujeitos de outras culturas não brancas seja vista com preconceito, violência e desumanização.

2.3 OS PADRÕES PRÉ-ESTABELECIDOS PELA HETERONORMATIVIDADE

Outro fator observado nos currículos de pós-graduação em estudos da linguagem é a questão da heteronormatividade, que coloca de maneira padronizada as ações e as identidades de todos os sujeitos, excluindo e deixando à margem os que não compactuam com ela. Dentre os problemas sociais que presenciamos no nosso cotidiano, a heteronormatividade é uma problemática que interfere nas relações de gênero e sexualidade, pois se trata de uma ideia levada para os sujeitos, colocando-a de maneira dicotômica: certo/errado, normal/anormal, entre outras formas que determinam e moldam os sujeitos a partir dela. Há diversos impactos sociais que derivam da heteronormatividade, grandes exemplos são os problemas relacionados

ao machismo e à homofobia, que podem levar a graves violências físicas e psicológicas, por conta de discriminações atreladas aos padrões de gênero e sexualidade, podemos verificar este impacto segundo os dados de violências e assassinatos em que mulheres e pessoas lgbtqi+ são vítimas diariamente.

Para Guacira Lopes Louro (1997), nós enquanto educadores devemos nos atentar para não reforçarmos esses padrões heteronormativos. Devido a isso, é necessário abordar questões de gênero e sexualidade dentro da sala de aula, pois são questões que estão presentes nesses ambientes. Desse modo, abordar o tema relacionado ao gênero e à sexualidade, a fim de promover as diversidades e desconstruir alguns padrões normativos que são opressores, pode ser uma forma de promover, em sala de aula, debates acerca dessas temáticas. Nesse sentido, a sala de aula se torna um ambiente de acolhimento às diversidades e proporciona reflexões sobre esse sistema de opressão, que subalterniza e silencia as pessoas, tornando o espaço escolar em lugar sem violências e violação dos direitos humanos.

Para podermos compreender as questões, Berenice Bento (2017, p. 109) nos faz uma definição da influência dos papéis de gênero na vida dos sujeitos:

Quando você nasce, já existe um conjunto de expectativas para um corpo que está na barriga da mulher, inclusive a grande expectativa em torno do sexo. Você vê aquelas máquinas passando lá (ultrassom) e os médicos dizem coisas como ‘é uma bebê’. No momento em que o médico diz as palavras mágicas, é como se você tivesse o dom de criar a criança. Aquela frase ‘parabéns, mamãe, você vai ter uma menina’, ‘parabéns, mamãe, você vai ter um menino’, desencadeia um conjunto de expectativas materializadas em cores e brinquedos. Quando essa criança nasce, ela não é um corpo, uma natureza, um conjunto de células, mas sim um corpo generificado, cirurgiado no sentido de que já há uma cultura de expectativas por aquele corpo; ele não está livre dos imperativos.

Com isso, podemos observar como a heteronormatividade está presente na vida do ser humano, determinando padrões de gênero e sexualidade em todos os âmbitos sociais. Esses padrões já começam pelas relações com as nossas famílias, que detêm uma parte fundamental das expectativas sobre os sujeitos conforme os acordos sociais do que é ser menina ou menino. Essas expectativas são cerceadas em comportamentos segundo o sexo e os padrões determinados para aquele sexo, desde a identificação do bebê como pertencente a um dos gêneros atribuídos ao nascimento.

Dentro dessa “generificação” colocada pela autora, é definido como os seres humanos devem agir, ser, comportar-se e quais ideologias de gênero devem seguir. A generificação decide como uma menina deve se vestir, quais são os brinquedos que uma menina ou um menino pode ter para brincar, que cor deve gostar e usar, do que tem que gostar, como devem

se comportar em público, entre outros comportamentos e formas de ser. Essas simbolizações de sexo e gênero são introduzidas na criança para que, quando adultos, saibam agir segundo as determinações dos padrões hegemônicos. Dessa forma, os padrões de comportamento e desenvolvimento de vida são reproduzidos conforme a sexualidade e o gênero. Assim, um menino não pode gostar de brincar de boneca para não ser homossexual quando crescer, ou seja, começa a ser monitorada a sexualidade do sujeito ainda quando criança para que o silenciamento ocorra desde a raiz.

Os padrões heteronormativos afetam todos, desde os que se enquadram aos que não se enquadram nos padrões, levando a questões mais complexas de violências físicas e psicológicas. Por isso, é importante que estejamos atentos a essas questões, pois as discriminações estão presentes em todos os âmbitos sociais, assim, consequentemente, também estarão presentes na escola, por isso a necessidade da desconstrução desses padrões e no combate a qualquer tipo de discriminação no ambiente escolar.

Uma demonstração de como a heteronormatividade afeta de maneira preocupante a vida das pessoas que não se identificam com os padrões impostos, e vivem a marginalização, exclusão e violência que ocorre também dentro da escola, é o relato da participante Linda, presente na tese de Joseli Maria da Silva (2008, p. 11):

Minha preocupação quando eu estava na escola não era estudar. Minha preocupação era correr dos piás depois, na saída da escola. Minha preocupação era me esconder durante o recreio. Era essa minha preocupação na escola. Eu não sei como é que eu consegui terminar o segundo grau, sinceramente eu não sei. Minhas notas eram péssimas, não sei como me passaram. Eu não conseguia estudar muito bem porque minha preocupação era sempre essa: como é que eu vou fazer pra não apanhar hoje? Eu não me preocupava em tirar dez na prova. Minha preocupação era não ser agredida. Minha cabeça estava sempre pensando, o que é que eu vou fazer? Às vezes matava a última aula no colégio (...). Uma vez eu apanhei até na frente de uma professora na sala de aula. Uma professora de história. Eu tinha 14 anos por aí. O cara me bateu na sala de aula. Essa foi a única vez que eu chorei na escola. Não chorava nunca na escola. Eu chorava muito em casa depois sozinha, mas na escola nunca. Não queria que ninguém me visse chorando. Ele me bateu e a professora perguntou: porque você está batendo no (...)? Daí ele falou: porque ele é veado. Daí ela virou para o quadro e ficou quieta. Daí eu não aguentei e chorei. Essa vez eu não aguentei segurar. Chorei muito.

A partir deste relato, podemos perceber a gravidade e a urgência de discussões que visem proporcionar possíveis formas de combater a essas discriminações, que assegurar que situações como essa não ocorram, principalmente, em ambientes educacionais, pois todos têm direito a uma educação de qualidade num lugar que se sintam seguros e acolhidos. É a partir disso que se inicia o processo de violência, exclusão e silenciamento. Louro (1997) salienta

que a heteronormatividade visa à garantia da “norma”, assim as pessoas se veem submetidas a esconder sua identidade e sexualidade em diversos espaços. Essa “norma” serve para que os padrões continuem a ser reforçados, para que ainda se obtenha controle sobre os corpos das pessoas.

Para reafirmar esse reflexo de discriminações propagando nas redes de ensino, continuamos as discussões sobre o relato acima que marca como a escola é um espaço de violências. Linda mesmo relata, “sua preocupação não era estudar” e como pensaria em estudar numa situação como essa? Quando nos deparamos com cenários assim, percebe-se quão falho foi o sistema educacional, pois a escola é lugar de aprendizado, segurança e desenvolvimento, e para Linda tornou-se um espaço de múltiplas violências.

Foucault (1975, p. 142), faz uma colocação que “a escola é um espaço marcado por imposições, uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” fazendo refletir sobre o espaço escolar e as normas estabelecidas pelos currículos remetidas às relações de poder. Pontuando que essas relações de dominação estão presentes, também, no sistema escolar, servindo como uma forma de manipular e garantir a norma, já que a escola também funciona como espaço de luta por poder e politização dos corpos.

Se a escola é local de discriminação e espaço de luta de poder, a transformação desse cenário deveria começar pela universidade, onde as discussões e conhecimentos acerca das relações sociais inicia-se, para que as abordagens e estudos a partir dessas teorias sejam aplicadas na sala de aula e passem a existir. Por isso, é necessário haver conhecimentos construídos para embasar essas abordagens e estudos. Os currículos em pós-graduação de estudos da linguagem, ao discutir sobre formação docente, estudos linguísticos e literatura, que são áreas às quais as relações de poder estão sempre envolvidas, é interessante que tenham a consciência do impacto e relevância de abordar temáticas de raça, etnia, gênero, sexualidade e classe que reforçam as desigualdades. E a partir disso, focar na construção de conhecimento que sejam contra-hegemônicos e decoloniais, para lutar pela desconstrução de padrões hegemônicos que predominam nas universidades, escolas e demais áreas da sociedade. Por isso, é relevante que os currículos de pós-graduação em estudos da linguagem incluam perspectivas contra-hegemônicas.

Faz-se necessário que medidas sejam tomadas para transformar o ambiente escolar em um lugar que as diversidades sejam valorizadas e não violentadas, assim, o meio para concretizar-se isso é o currículo, começando pelo currículo de pós-graduação, que é foco deste trabalho, percorrendo para o currículo de graduação para enfim chegar aos currículos.

Ainda justificando a importância de assuntos como esses serem pautas dentro das

universidades e escolas, vejamos as estatísticas que nos mostram que o Brasil é o “país que lidera o ranking mundial de assassinato de pessoas LGBT, tendo 257 mortes violentas no Brasil, no primeiro quadrimestre do ano 2023, (Relatório Mortes de LGBT no Brasil, GGB, 2023) isso só falando em número de mortes de pessoas LGBTQIA+. Assim, não há como ignorar esses assuntos nos ambientes educacionais, essa estatística deve ser mostrada e debatida nestes espaços. Agora, o mapa da violência de 2016, nos anos de 2013 a 2014, mostra que os homicídios por armas de fogo no último ano foram de 26.354 (62,3%) pessoas pardas e 3.459 (8,2%) dessas pessoas eram pretas (Waiselfisz, 2016).

A universidade tem papel transformador na educação e sociedade, especialmente no contexto da formação por meio de programas de pós-graduação em estudos da linguagem, pois esses programas, além de capacitar para atuarem nos diversos ambientes educacionais, também tem o papel de desafiar a refletir criticamente sobre as questões sociais, culturais e políticas que têm impacto na sociedade e podem estar relacionadas direta ou indiretamente à língua. Diante disso, a pós-graduação, portanto, pode ter impacto positivo na educação, revisitando e estudando fenômenos que fazem parte da nossa sociedade e ocorrem por meio da língua, por isso, é conveniente a tentativa de tornar a sociedade um lugar mais justo, humano e igualitário que esteja engajada no combate ativo de discriminações.

Além disso, o currículo de pós-graduação em estudos da linguagem precisa fomentar a formação de cidadãos críticos, que sejam capazes de perceber as violências presentes nos discursos e situações comunicativas cotidianas, com o objetivo do não silenciamento diante dessas situações. Isso é relevante aqui porque sabemos que a linguagem tem um papel central que funciona como ferramenta de produção e reprodução de discursos que sustentam os padrões normativos. Esses discursos carregados de práticas preconceituosas e discriminatórias, muitas vezes de forma estrutural, refletem e reforçam padrões discriminatórios e desiguais na nossa sociedade.

Para demonstrar essas práticas discriminatórias podemos pensar na pejoratividade dos termos usuais na sociedade, mas que carregam o peso da discriminação e levam como objetivo ridicularizar e ofender as pessoas, como, por exemplo ‘viadinhos’, ‘gay’, ‘preto’ e etc, são termos criados no intuito de marginalizar e humilhar as pessoas para manter o padrão de gênero e sexualidade intacto, servindo de controle sobre essas pessoas, esses termos categorizam as pessoas para colocá-las num lugar que elas sintam vergonha em estar.

Os termos citados anteriormente são muito presentes no ambiente escolar. Dessa forma, todos os professores já devem ter ouvido diversas vezes em suas salas de aula, por isso somos convidados a rever nossas próprias práticas de ensino para não reforçarmos padrões

discriminatórios e nos motivarmos a buscar formas de desconstruir esses padrões.

Dentro do contexto discriminatório que somos inseridos, as normas funcionam como forma de marcar as pessoas na hierarquia das relações sociais de poder, por isso, diante dessas questões, deve-se haver espaços de questionamentos para entendermos esse sistema de marcação e poder falar a partir dele e nos posicionarmos diante de nossas lutas. Essas marcas impostas falam a respeito da nossa raça, gênero, sexualidade e, a partir delas que devemos seguir o que cabe a nossos corpos, ou seja, temos de seguir padrões de comportamento e situações que irão nos perseguir ao longo da vida. Entretanto, ao entender o nosso papel social na hierarquia, podemos agir e utilizar de conhecimentos a nosso favor e em favor das nossas lutas por transformações sociais que favoreçam a diversidade. Por isso, os estudos de gênero e sexualidade são considerados contra-hegemônicos, uma vez que buscam abalar as estruturas dominantes e desconstruir padrões normativos construídos e estruturados pela hegemonia.

Os estudos sobre raça, gênero e sexualidade são estudos presentes nas teorias pós-críticas, e são temáticas que trazem discussões contra-hegemônicas, e consequentemente, para a sala de aula. Assim, é necessário que participemos ativamente da construção de um currículo, e isso se faz por meio das críticas aos currículos vigentes.

Deste modo, o currículo de pós-graduação em estudos da linguagem deve incluir disciplinas e discussões contra-hegemônicas sobre o impacto da linguagem na perpetuação das desigualdades sociais, já que é preciso que o ambiente acadêmico seja um espaço aberto a questionar e refletir criticamente os padrões e discursos discriminatórios. Assim, adentramos às questões contra-hegemônicas e à importância da presença de suas abordagens num currículo de pós-graduação em estudos da linguagem que tem a língua e a literatura como foco.

CAPÍTULO 3 - LINGUAGEM, PODER E PERSPECTIVAS CONTRA-HEGEMÔNICAS NOS CURRÍCULOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Iniciamos este capítulo falando sobre a língua e as relações de poder que se perpetuam por meio desta. É crucial que pensemos que língua é poder e que esta é utilizada como ferramenta de dominação por grupos dominantes desde a colonização até a atualidade. Hoje, o poder se constitui através da hierarquia social que se estruturou em nossa sociedade e determina as relações que são padronizadas e normativas, produzidas e reproduzidas por meio da linguagem e determinadas por quem detém maior poder econômico e, consequentemente, social.

Dessa forma, é importante destacar que as políticas linguísticas servem como garantia de uma norma de quem possui mais poder e acesso a certos conhecimentos. Além disso, os discursos reproduzidos na sociedade que discriminam alguns grupos em detrimento de outros também funcionam como ferramenta de dominação, pois reforçam padrões hierárquicos e mantêm privilégios de grupos dominantes. É sobre essas questões que trataremos na primeira parte deste capítulo.

A segunda parte, consiste em explicar as teorias contra-hegemônicas a fim de entender do que se trata e qual a sua importância, para podermos entender e demonstrar a importância de um currículo de pós-graduação em letras apresentar perspectivas contra-hegemônicas. Dessa forma, este capítulo servirá como base para analisar os currículos de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Federal do Paraná e observar a presença de perspectivas contra-hegemônicas nos currículos desses programas.

3.1 A LÍNGUA E AS RELAÇÕES DE PODER

O modo como a linguagem é regulamentada fomenta uma espécie de controle sobre ela que reflete nos sujeitos usuários da língua e nas relações de poder estabelecidas por ela. Isso assegura padrões normativos que privilegiam pessoas que ocupam certos espaços na sociedade e têm relação com influências não só sociais, mas também econômicas. Nesse sentido, a língua funciona como mecanismo de controle e poder, isso vem desde os fenômenos de imposição de uma língua em território colonizado como marca de domínio e poder sobre o povo e se constitui, até a atualidade, por meio dos discursos e normas que se perpetuam.

Quando falamos em língua e o papel das políticas linguísticas presentes desde a colonização dos territórios e povos, não há como dissociar as relações de poder e controle e com a hierarquia racial. O impacto dos colonizadores brancos na estrutura social foi determinante para a consolidação estrutural do racismo. Além disso, não podemos desvincular o sujeito social da língua, sendo importante que pensemos nos sujeitos por trás dela, como pontua Gabriel Nascimento (2019, p. 15), em sua obra “Racismo linguístico”, que diz que “As línguas têm sujeitos por trás delas. E esses sujeitos são situados e datados, no ocidente, por sistemas da racionalidade que vem racializando sujeitos nas Américas desde 1492.”

Então, podemos perceber a consolidação das relações de poder por meio da língua, além de como esta funciona como mecanismo e instrumento de dominação e marcação dessa dominação. Nascimento (2019, p. 16) traz um ponto muito interessante que possibilita reflexão através da pergunta: “língua tem cor?” e em seguida explica:

Em si, como iniciamos anteriormente a argumentação, nenhuma língua tem cor porque nenhuma língua existe em si. Entretanto, ao serem politizadas, as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo fundado a partir de 1492 e a colonialidade que ainda continua entre nós como continuidade dele.

A politização da língua ocorre a partir das relações de poder e dominação presentes nela. A Língua Geral, como explica José Ribamar Bessa Freire (2011), foi uma língua criada a partir das línguas indígenas, especialmente o tupi, e falada no Brasil colonial, sendo usada como meio de comunicação entre povos indígenas, africanos e portugueses. Nós, brasileiros, temos esse retrato dentro do país, a partir da colonização e extermínio das línguas indígenas e africanas que foram proibidas de serem faladas após os portugueses perceberem que a língua que estava sendo falada no país era a Língua Geral. (Freire, 2011, p. 17). Neste momento, a presença da normatização da língua representou não apenas a imposição do português como idioma oficial, mas também um processo violento de silenciamento das vozes indígenas e africanas. Além disso, é um exemplo da língua sendo utilizada como ferramenta de poder e de dominação cultural neste processo de colonização, apagando parte significativa da diversidade cultural vinda dos povos indígenas e africanos.

Outro autor que apresenta de forma muito clara essa questão é Maurizio Gnerre, que afirma que a língua é instrumento de poder nas relações, sejam internas ou externas, além disso, o autor explica que é por meio da língua que as doutrinas e os costumes de um povo são consolidados, assim, é pela língua que esses costumes e doutrinas são introduzidos em culturas de outros povos. Como o autor mesmo coloca sobre a relação da perpetuação da

língua portuguesa no Brasil, “A língua é instrumento para perpetuar a presença portuguesa, também quando a dominação acaba” (Gnerre, 2009, p. 14).

Uma vez que a linguagem funciona como meio de representação dos sujeitos, a presença das perspectivas contra-hegemônicas nesses currículos poderia gerar discussões relevantes, desenvolvendo a criticidade para perceber as estruturas de poder e desigualdades sociais relacionadas à linguagem. Ao se fazer isso, incluir essas perspectivas contra-hegemônicas para os estudos linguísticos, há a possibilidade de se analisar e refletir sobre os discursos dominantes que marginalizam os seres que não se enquadram aos padrões normativos.

Michel Foucault diz que a linguagem é utilizada como ferramenta de poder para categorizar e controlar os indivíduos por meio das relações. Além disso, não só a linguagem, mas também a própria escola pode funcionar como ferramenta de controle social, como explica o autor: “A escola é um espaço marcado por imposições, uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (Foucault, 1975, p. 142).

A própria gramática funciona como sistema de discriminação, subalternizando sujeitos que não falam conforme a norma-padrão e privilegiando sujeitos que se enquadram a essas normas, o que acaba reproduzindo desigualdades e discriminações. Para demonstrar isso, autores como Görski e Coelho (p. 74-75, 2009), fazem com que reflitamos podemos isso a partir da seguinte citação: “Que efeitos essa concepção de língua e de gramática pode provocar? Acreditamos que o efeito mais avassalador seja a reprodução do modelo sociocultural dominante que enfatiza as desigualdades sociais [...]”.

Quando pensamos na língua e na gramaticalização da língua a partir de uma perspectiva decolonial, é importante pensarmos na gramática e sua relação com as condições promovidas por meio dela, pois é a partir dessa norma que a classe dominante contribui para a reprodução das desigualdades sociais.

No capítulo nomeado: “Essa Raça: um signo que me deram e que eu não aceito”, Nascimento (2019), faz uma crítica social ao uso da gramática e a sociedade racista, sendo a gramática utilizada por pessoas brancas para referirem-se à raça que, segundo ele, foram os próprios brancos que a colocaram sobre eles. O autor faz uma citação evidente e uma crítica que nos faz refletir sobre essa questão e a relação da identidade construída em cima dos sujeitos. “Esta raça que me deram não é verdadeiramente minha. Ela nunca foi decisão minha, nunca foi construída por mim e eu nunca a quis enquanto ela somente significou opressão” (Nascimento, 2019, p. 26).

Ainda segundo Nascimento (2019), para trazer essa questão de racialização dos sujeitos, o autor deixa evidente a relação de dominação do branco quando codifica os sujeitos e os coloca numa posição determinada por ele, condicionando-os em uma posição hierárquica. Ou seja, ele racializa o outro. Dessa forma foi o branco, que, portanto, não se autorracializou, mas apenas racializou os negros.

Gnerre (2009, p. 20) colabora com o debate sobre o poder da palavra em um de seus capítulos do livro “Linguagem, Escrita e Poder”, que, nas palavras do autor, diz:

[...] o poder das palavras é enorme, especificamente o poder de algumas palavras, talvez poucas centenas, que encerram em cada cultura, mais notadamente nas sociedades mais complexas como as nossas, o conjunto de crenças e valores aceitos e codificados pelas classes dominantes.

É possível perceber a aceitação ou não de determinadas palavras e termos na nossa gramática, termos que devem ou não ser usados, o que é considerado “certo” ou “errado” na fala ou escrita. Tudo isso é marcado, também, por relações de poder e dominação. O próprio apagamento das línguas indígenas e africanas no nosso país é um grande exemplo dessa imposição de poder e domínio a partir da língua, e a gramática vem para marcar esse papel de discriminação linguística desses falantes que ainda trazem algumas marcas desses povos. Quem é o sujeito que fala segundo a norma ou mais se aproxima dela? E quem é o sujeito que fala fora da norma-padrão? As palavras consideradas erradas e marcadas e estigmatizadas são utilizadas por quais grupos sociais? É importante que façamos essas perguntas, os sociolinguistas estão fazendo muito bem esse exercício de responder a perguntas como essas a partir das categorias sociais de raça, gênero e situação socioeconômica. Pois, como comenta Joana Plaza Pinto (2010, p. 5): “A língua é, então, um elemento das redes de poder instauradas nos processos coloniais de racialização. Usar uma ou outra língua, falar de uma forma ou de outra, falar *melhor* ou *pior*, equivale a ocupar ou interpelar uma posição nas relações raciais”.

Com isso, é possível afirmar que a colonização ainda se faz presente em nossa sociedade e ainda vêm impondo normas e disseminando desigualdades por meio da língua. Entretanto, também é por meio da linguagem que combatemos os efeitos da dominação, a partir de perspectivas decoloniais para pontuar essas discriminações, criticá-las e desconstruí-las. Como explica Nascimento (2019, p. 29), “a linguagem passou a figurar como uma das maiores ferramentas usadas para o processo de dominação dos não brancos”. O autor também fala sobre a discussão do papel da linguagem usada como objeto no fortalecimento de regimes coloniais, principalmente no ocidente, como forma de codificar o mundo, e com isso a linguagem funciona como principal ferramenta de dominação (Nascimento, 2019, p. 29).

Dessa forma, essa ferramenta de dominação codifica, nomeia e racializa os não brancos, estabelecendo políticas de exclusão de pessoas e disseminação de outras línguas. “É o que avaliamos no caso das políticas públicas que geraram e geram precarização para as pessoas negras” (Nascimento, 2019, p. 29).

Entretanto, como mencionado anteriormente, compreendemos que, assim como a língua é usada como ferramenta para dominação, ela também pode ser utilizada como forma de resistir, sendo uma ferramenta precisa no processo de descolonização. A educação também pode servir de espaço para esse processo de transformação da sociedade, pois, segundo questionamento feito por Freire (1987, p. 5) em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, “A libertação a que não chegarão por acaso, mas pela práxis da busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de buscar por ela”.

Uma vez que o papel de um currículo de graduação e pós-graduação é a formação de professores pesquisadores que sejam capazes de despertar o senso crítico dos alunos e mediar para que estes sejam protagonistas no processo de transformação da sociedade, cabe reforçar o dever de incentivar o exercício de seus direitos como cidadãos, para que tenham um olhar crítico para todas as questões abordadas anteriormente. Entendemos que, uma vez que esses estudantes compreendem o funcionamento da sociedade, dos lugares dos sujeitos e o papel da língua e que esta detém poder, quiçá os alunos possam utilizar estes preceitos no processo de transformação da sociedade.

3.1.1 Um breve olhar sobre a colonização

Dando segmento ao estudo mais amplo sobre os conteúdos presentes nos currículos, abordamos brevemente sobre o entendimento de colonização, pois o colonialismo e a colonialidade, são questões eurocêntricas que nos levam a hegemonia para chegarmos as perspectivas decoloniais e contra-hegemônicas. E para melhor compreensão destas questões, é importante estar claro o funcionamento das relações sociais, considerando as questões de raça, gênero, sexualidade e questões socioeconômicas. Assim, é necessário, primeiramente, uma discussão sobre raça segundo Quijano (2007, p. 118):

A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim,

termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.

Com base nesta explicação, percebe-se a ideia de relações sociais baseadas em relações de dominação e hierarquias sociais, servindo como meio de classificar as pessoas e colocá-las como inferiores à raça dominante. Junto a isso, também vêm outros tipos de dominação e controle da sociedade, há também as hierarquias sociais de raça, gênero, sexualidade e conhecimentos. Tudo que não está nos padrões dominantes torna-se “o outro”, o indesejável, o irracional, o primitivo. O grupo dominante sempre ditou quais eram os corpos que tinham valor social, por quem deveriam sentir atração, quais conhecimentos eram validados, qual era a cultura de valor, além de outros padrões hierárquicos que foram impostos.

Ainda reiterando sobre hierarquia de raça, Quijano (2007, p. 118) aponta que a raça foi uma forma de impor e legitimar essas relações de dominação a fim de expandir essas novas identidades, desde a Europa, depois na América, para o resto do mundo, em que dentro dessas classificações constrói-se a ideia de raça baseadas nos padrões dicotômicos de relações de “superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados”.

Neste sentido, Veronelli (2016, p. 41, tradução nossa) argumenta que a relação da colonialidade e a classificação racial auxiliam no entendimento da estrutura eurocêntrica que reflete nesses padrões hierárquicos e sua relação com a linguagem, vejamos:

Se a ideia de raça, segundo foi definido anteriormente, constrói a percepção dos colonizadores, então os colonizados, eles deveriam acabar sendo seres não-humanos ou menos humanos e, portanto, seres sem capacidade de estabelecer uma comunicação dialógica racional, quer dizer, sem linguagem.⁹

Nesse sentido, compreende-se a relação direta entre os padrões hierárquicos estabelecidos por uma estrutura eurocêntrica de raça que reflete na sua relação direta com a linguagem. Isso ocorre desde muito tempo e ainda podemos ver claramente esses reflexos na atualidade, quando pensamos em que linguagem é aceita ou “correta” e que linguagem é “vulgar” e marginalizada. Tudo isso começa pelos padrões estabelecidos de civilização, desde

⁹Si la idea de raza, según se la ha definido en el apartado anterior, construye la percepción de los colonizadores, entonces los colonizados debieron resultarles seres no humanos o menos que humanos y, por ende, seres sin capacidad de establecer una comunicación dialógica racional, es decir, sin lenguaje.

os padrões hierárquicos de superioridade/inferioridade, primitivo/selvagem, para o que hoje podemos ver com algumas nomenclaturas que carregam valor pejorativo como “agressivo”, “marginal”, entre outros.

Tudo isso tem suas influências e acontece num momento histórico, em que o capitalismo estava se estabelecendo na América, pois era de interesse dos povos colonizadores que o poder continuasse nas mãos das mesmas pessoas e a dominação se estendesse de outras formas nesse novo sistema. Foi por meio dessa nova estrutura de trabalho que estava sendo instaurada pelo novo sistema capitalista, que surgiu o controle da exploração do trabalho. Como pontua Quijano (2007), tudo girava em torno do “capital-salário”, desta maneira, o autor explica que “Incluíram-se a escravidão, a servidão, a pequena produção mercantil, a reciprocidade e o salário. Em tal contexto, cada uma dessas formas de controle do trabalho não era uma mera extensão de seus antecedentes históricos (Quijano, 2007, p. 118).

Dentro deste cenário do mercado de trabalho em torno do capital-salário, mesmo estabelecendo padrões que levassem para esse novo sistema a continuidade do sistema de dominação. A questão da escravização, na América, foi organizada para que os escravizados fossem agora mercadorias no novo mercado mundial, servindo agora às necessidades capitalistas (Quijano, 2007, p. 126). Ou seja, os escravizados não foram libertos para serem inseridos no novo sistema que estava sendo implantado. Quando os detentores da dominação foram pressionados para a libertação dos escravos, foram criadas formas de substituição, dando novos nomes para os mesmos fins da escravização. Além de fazerem isso de maneira ilegal, com novas estratégias para burlar a lei de proibição do tráfico negroiro.

Podemos pensar como este contexto ainda afeta a sociedade em que vivemos. Criaram-se identidades históricas como os “brancos”, com eles mesmos se automeando, para atualizar o cenário de exploração de trabalho ou mão de obra, reforçando a dominação, agora a partir de um novo contexto. Entretanto, quem continuava num cenário de privilégios e no topo da hierarquia social continuava sendo o mesmo povo que colonizou e explorou outros povos. O sistema se modificou, mas a base continuou a mesma, em outras palavras “Essa distribuição racista de novas identidades sociais foi combinada, tal como havia sido tão exitosamente logrado na América, com uma distribuição racista do trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial” (Quijano, 2007, p. 119).

A mudança também afeta outras áreas, como citado anteriormente, também foi determinado, mais uma vez, quais eram as culturas e conhecimentos considerados valiosos e relevantes e os que eram rejeitados e vistos “marginais”. Podemos perceber essa valorização

da cultura eurocêntrica quando pensamos qual é a cultura, música e arte que são consideradas belas e ricas e quais são vistos como vulgares e marginais. O retrato disso está na nossa sociedade, a arte, a cultura e os conhecimentos valorizados são as culturas eurocênticas. Quijano (2007, p. 121) fala sobre isso mais adiante neste mesmo artigo, vejamos:

A incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo dominado pela Europa, significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, para estabelecer o capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências históricas, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento.

Além das culturas consideradas relevantes/irrelevantes, podemos perceber esse retrato no âmbito do conhecimento: quais conhecimentos têm relevância na sociedade? Quem produziu esses conhecimentos que faziam parte dos conhecimentos acadêmicos? Quem determina esses conhecimentos? Neste mesmo sentido, Veronelli (2016) argumenta que “Assim como a classificação da população mundial como raças são superiores e inferiores, está acompanhada pelo pensamento de que as formas que têm para se expressar também são superiores e inferiores” (Veronelli, 2016, p. 45, tradução nossa).¹⁰ Apesar das lutas sociais para superar este cenário discriminatório em relação às raças subalternas e os lugares que deveriam ocupar nas universidades, artes, culturas e conhecimentos canonizados, ainda estamos longe de alcançar um contexto de igualdade.

Atualmente, mesmo com programas de cotas para negros, as universidades ainda são frequentadas predominantemente por pessoas brancas, é assim que vemos a importância de continuarmos lutando por essas políticas e como a desigualdade racial ainda é presente na sociedade. No próprio mercado de trabalho, a distribuição do trabalho é desigual. Os brancos têm mais oportunidades para cargos considerados mais elevados do que pessoas negras. Isso faz parte das determinações capitalistas colocadas por Quijano (2007, p. 125) que “exigiam também, e no mesmo movimento histórico, que esses processos sociais, materiais e intersubjetivos, não tivessem lugar exceto dentro de relações sociais de exploração e de dominação”.

Quando trabalhamos abordagens contra-hegemônicas, é interessante incluir temáticas relacionadas a gênero e sexualidade, pois, são questões que atravessam nosso cotidiano e,

¹⁰ Cómo la clasificación de la población mundial como razas que son superiores e inferiores está acompañada por el pensamiento de que las formas que tienen para expresarse también son superiores e inferiores.

mesmo com tantos avanços, ainda falta diálogo, escuta e aceitação. Por isso, é fundamental orientações e reflexões a respeito dessas questões em sala de aula, contribuindo para uma formação mais crítica, consciente e empática para perceber padrões de discriminações, questionar e se posicionar diante desses padrões.

Além disso, quando falamos em padrões hegemônicos pré-estabelecidos, estamos apontando para a cadeia hierárquica que diz que o homem, branco, heterossexual de classe média foram construídos, historicamente, na posição de referência (Louro, 1997). Dessa forma, esse sistema cria a subalternização e marginaliza os sujeitos que não estão incluídos nessa cadeia hierárquica. Uma vez que todos esses padrões estabelecidos influenciam negativamente na identidade, dignidade e imagem dessas pessoas perante a sociedade, negando o direito a uma vida digna, a oportunidades, a ocupação de lugares sociais de prestígios e os colocam em uma posição de extrema vulnerabilidade, discriminação e violência.

Por isso, tradicionalmente, se estabelece esse padrão social que designa papéis de raça, de gênero e de sexualidade como norma dentro da sociedade. Os estudos com as diversidades culturais, por exemplo, buscam desconstruir esses padrões, desafiando as normas hegemônicas dominantes, questionando as estruturas de poder estabelecidas.

É deste modo que raça, gênero e sexualidade se tornam parte dos estudos contra-hegemônicos, pois questionam e criticam padrões dominantes que privilegiam certos grupos sociais e discriminam outros. Com isso, ressaltamos a necessidade de estudos que não apenas trabalhem questões de gênero e sexualidade, mas que considerem as interseccionalidades de raça, gênero, sexualidade, classe, etc., buscando a valorização das diversidades.

Dessa maneira, é com o entendimento sobre a contra-hegemonia e a compreensão dos currículos educacionais que podemos utilizar deles como forma de resistência e luta política para transformar a sociedade e a educação, por isso esta pesquisa se fortalece nestas discussões. Dessa forma, a teoria trazida se interliga ao conteúdo das ementas dos currículos analisados, visto que os opressores têm por objetivo estabelecer padrões sociais de raça, gênero e sexualidade, estruturando-os a partir dessas normas hegemônicas. As abordagens contra-hegemônicas surgem visando desconstruir esses padrões e estudar essas teorias que envolvem tais temáticas por um olhar diferente, considerando a narrativa desses sujeitos que foram marginalizados e oprimidos, no intuito de desconstruir padrões discriminatórios e dar outro rumo para a história dos sujeitos.

3.2 A RELEVÂNCIA DE UM CURRÍCULO DE PÓS-GRADUAÇÃO ABORDAR QUESTÕES CONTRA-HEGEMÔNICAS

A partir dos capítulos anteriores foi possível mapear a importância de um currículo na educação superior, neste caso, em cursos de pós-graduação, um currículo que seja pós-crítico e que leve em consideração abordagens decoloniais e contra-hegemônicas, que abordem questões relacionadas à colonialidade, a fim de criticá-la. Vimos também a necessidade de um currículo que valorize as questões de raça, gênero e sexualidade, sabendo que é a partir da linguagem que esses discursos são sustentados, entendendo que a língua é uma ferramenta para marcar as relações de poder, assim, faz-se necessário um currículo de letras abordar questões contra-hegemônicas.

Com a explanação sobre currículo, também como espaço de luta de poder, assim como a linguagem, é fundamental que os currículos de letras trabalhem os estudos linguísticos de um lugar que coloque em questionamento essas relações de poder estabelecidas por meio da língua. Atento em questionar os discursos que permeiam a nossa sociedade, que ainda reproduzem e trazem as cargas da colonização, disseminando discriminações e sustentando a desigualdade social. Principalmente em se tratando de um currículo de estudos da linguagem que estuda a língua, é impensável não abordar o histórico da língua, sua utilização como ferramenta de imposição de poder e dominação, os territórios pelos colonizadores, e como ainda é utilizada para fins de dominação. Sendo a língua um instrumento que esses grupos usam para manter a hierarquia social e o controle da sociedade, seus privilégios a partir de certos discursos que reproduzem padrões hegemônicos.

Dessa forma, é a partir de um currículo pós-crítico que essa estrutura é criticada e os conhecimentos no sistema de ensino começam a ser questionados. Um currículo pós-crítico que visa ter como base uma perspectiva contra-hegemônica e decolonial, tendo como foco a transformação social, baseada na desconstrução de padrões sociais que estruturam as relações de poder presentes na sociedade. Essa transformação começa com o currículo, que a partir das críticas, possa apresentar novas perspectivas de construção de conhecimentos, com a incorporação de perspectivas decoloniais e abordagens contra-hegemônicas, que critiquem a estrutura de poder, propondo novos caminhos para educação. Esses caminhos partem da valorização das diversidades e descentralização do eurocentrismo, que nada mais é que fazer isso por meio de uma abordagem contra-hegemônica.

As abordagens contra-hegemônicas buscam valorizar outras narrativas que não a eurocêntrica, fazendo com que outras histórias e narrativas sejam protagonizadas e os falsos

discursos meritocráticos produzidos pelos brancos sejam colocados em questionamento. Mostrar histórias protagonizadas por pessoas negras, mulheres, indígenas e LGBTQIA+ para inspirar e mostrar que a história não foi somente hegemônica. As histórias dessas pessoas foram apagadas e silenciadas e o nosso papel é fazer com que as histórias que nos foram contadas sejam questionadas buscando o motivo disso ter ocorrido.

Com a intenção de questionar as narrativas eurocêtricas, o uso de práticas contra-hegemônicas busca desconstruir este cenário. É dessa maneira que trazemos pela literatura, por exemplo, a história de pessoas marginalizadas. A utilização de outras metodologias, como as consideradas críticas, nos auxilia a construir o conhecimento, sendo a pedagogia crítica freireana uma ótima maneira de se fazer isso, já que “A pedagogia do oprimido, que implica uma postura crítica, convida os sujeitos à reflexão e à ação sobre a realidade, para transformá-la.” (Freire, 2021, p. 47). Paulo Freire, ainda no século passado, desenvolveu uma educação crítica e reflexiva em que a realidade dos alunos possa contribuir na construção do conhecimento. Além disso, mostrar que os sujeitos alunos podem ser protagonistas na construção do próprio conhecimento a partir de métodos ativos, os transformam em parte essencial dessa construção. Neste sentido, a reflexão crítica na educação auxilia para a transformação social (Freire, 2021, p. 32)

Quando se trata de estudos de gênero e sexualidade, estes podem estar focados em evidenciar e desconstruir os padrões. Isso é feito por meio de críticas aos padrões que promovem às desigualdades, buscando a desconstrução do poder hegemônico, além de também incluir o protagonismo das pessoas que foram marginalizadas. Isso dá voz a essas minorias e promove o empoderamento e a transformação da sociedade para a igualdade de gênero. Além disso, é interessante frisar as abordagens antirracistas como fundamento para combater a hegemonia, pois estas buscam desconstruir o racismo estrutural, enfatizando a história e a cultura de grupos raciais marginalizados na sociedade e no currículo da escola, promovendo a inclusão, a justiça e a igualdade. Afinal, é por meio de práticas antirracistas que é possível abalar a estrutura de poder hegemônico que está presente na sociedade e na educação, uma estrutura que silencia, que exclui e marginaliza, e dessa forma, inserir temas anti-hegemônicos nos currículos.

Compreendemos, então, que estes são alguns exemplos de como abordagens que buscam desconstruir e denunciar padrões hegemônicos podem estar presentes em sala de aula e instigar o senso crítico dos discentes para lutarem por uma sociedade mais humana e igualitária. Ou seja, são os currículos que determinam os conteúdos que entram ou não nas ementas das disciplinas que são estudadas, em nosso caso, na pós-graduação em estudos da

linguagem. Conclui-se, portanto, que um currículo pós-crítico tem o papel de desconstruir esses padrões, a partir do questionamento desses currículos, que reproduzem conhecimentos baseados em discursos que reforçam hierarquias sociais.

Dessa forma, as transformações educacionais que refletem a sociedade em que vivemos iniciam pelos currículos, para que, gradualmente, a sociedade possa ser transformada por meio da educação. Com base nos estudos apresentados nesta dissertação sobre o currículo pós-crítico e sua ligação às perspectivas contra-hegemônicas, faz-se necessário que os programas de pós-graduação em Letras incluam essas abordagens nos seus currículos e disciplinas. Afinal, a linguagem pode funcionar como ferramenta de dominação e é por isso necessário fomentar estudos que visem incorporar perspectivas contra-hegemônicas nos estudos da linguagem.

CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa inicialmente se tratava de analisar os temas transversais da Base Nacional Comum Curricular de 2018 -doravante (BNCC/2018) e aplicar um questionário em discentes do curso de Letras para verificar o que entendiam por temas transversais e qual a importância de trabalhar os temas transversais na graduação. Entretanto, a pesquisa foi modificada, pois, no decorrer da trajetória de pós-graduanda e com a ajuda de algumas professoras percebi que os temas transversais estavam inclusos na língua, assim não havia necessidade de serem estudados a parte, e sim, serem trabalhados para fazer parte dos estudos linguísticos.

Neste seguimento, voltamos a pesquisa para os currículos de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR), instituições com as quais tive um contato direto durante a pós-graduação, a fim de investigar se, na área de estudos linguísticos, esses programas apontam propostas ou vertentes que possibilitem perspectivas contra-hegemônicas nos estudos da linguagem.

Neste sentido, esta pesquisa é qualitativa, documental e bibliográfica. Para analisar os dados, optamos por utilizar a análise de conteúdo de Bardin (2011), que entende a análise de conteúdo como uma técnica amplamente utilizada em pesquisas qualitativas para interpretar dados textuais. Trata-se de uma abordagem sistemática e estruturada que auxilia na análise dos dados de forma rigorosa.

Com isso, a pergunta investigativa desta dissertação é: os currículos dos cursos de pós-graduação na área de Letras UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa) e da UFPR (Universidade Federal do Paraná) apresentam abordagens contra-hegemônicas? E esta questão nos levou a esta proposta e ao objetivo geral: pesquisar e analisar o que há de conteúdo contra-hegemônico nos programas de pós-graduação em estudos da linguagem e/ou letras, especificamente em estudos da linguagem e linguística, da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Federal do Paraná. Os objetivos específicos são: 1) Descrever as teorias de currículo; 2) Delinear algumas questões sobre a subjetividade dos sujeitos; 3) Abordar as perspectivas contra-hegemônicas e sua importância; 4) Apresentar um esboço sobre a linguagem e o poder e 5) Apresentar uma análise sobre as abordagens curriculares dos programas da área de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa e a Universidade Federal do Paraná.

Para entender os procedimentos metodológicos realizados no decorrer da pesquisa, iniciamos com leituras e pesquisas nas temáticas de estudos nas áreas de interesses para

embasamento teórico da pesquisa. Depois, partimos para as pesquisas nas áreas de currículo, primeiramente, para que pudesse seguir uma das teorias dos currículos para fundamentar essa pesquisa. A teoria do currículo escolhida para esta pesquisa foi a pós-crítica, já que ela tem por objetivo criticar os currículos tradicionais e, principalmente, por questionar as estruturas de poder presentes nos currículos. Além disso, o currículo pós-crítico procura trazer estudos de raça, etnia, gênero e sexualidade, considerando os estudos de identidades, estudos que se aproximam de perspectivas que vão contra a hegemonia.

É deste modo que foi possível unir às teorias pós-críticas do currículo com as abordagens contra-hegemônicas, visto que ambos promovem uma reflexão crítica a mecanismos de produção e reprodução de padrões de dominação presentes na língua e no currículo, tendo por finalidade uma transformação social, que pode partir de um currículo cujo princípio seja promover a criticidade a partir de uma abordagem contra-hegemônica sob uma perspectiva decolonial.

Após os estudos de currículo, o próximo passo foi pesquisar os sujeitos afetados pelos padrões de dominação hegemônico como: questões de raça, etnia, gênero, sexualidade e perceber como o domínio desses corpos se perpetuam a partir de normas pré-estabelecidas na sociedade e, conseqüentemente, nos estabelecimentos de ensino.

No capítulo três “Perspectivas contra-hegemônicas e sua importância” também temos presente, estudos decoloniais, o principal autor utilizado foi Quijano (2007), e neste capítulo voltamos para como o colonialismo ainda tem impacto na nossa sociedade e ainda tem domínio sobre ela, pois foram os colonizadores que estruturam nossa sociedade impondo padrões sociais que marginalizam pessoas não-brancas e que não seguem os padrões sociais impostos por esse grupo dominante.

A decolonialidade fez-se muito presente nos estudos raciais e estudos da linguagem, sendo o capítulo seguinte nomeado “Linguagem e poder”, já que a língua é utilizada como ferramenta de poder e dominação para grupos dominantes, como explica Pierre Bourdieu:

A língua é um instrumento de poder. No entanto, para que esse poder simbólico seja exercido, é necessário que ele seja reconhecido como legítimo. A autoridade da língua está ligada à autoridade daqueles que a falam, isto é, daqueles que estão em posição de poder. (1982, p. 57)

Apesar de ser uma referência não muito atual, expressa exatamente o que esta pesquisa busca reforçar, deste modo, os estudos decoloniais foram fundamentais para demonstrar a importância de perspectivas contra-hegemônicas para a desconstrução de padrões de dominação. Depois de todo esse aparato teórico, inicio as análises para verificar o que tem de contra-hegemônico nos programas e currículos de pós-graduação em estudos da

linguagem, mais especificamente voltados para os estudos linguísticos, da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Federal do Paraná.

Para analisar os dados da pesquisa, utilizei a análise de conteúdo de Bardin (2011, p. 125). Esta parte consiste em se fazer a análise dos dados separados em partes. Segundo a autora, é inicialmente feita uma “pré-análise” para definir os objetivos e organizar os materiais, depois é feita a “exploração do material” que é a leitura dos textos para embasar a pesquisa e se familiarizar com os temas. Em seguida, é hora da “codificação” que é categorizar as análises mais importantes por meio de temas, e que aqui escolhi como temas as perspectivas contra-hegemônicas para serem analisadas nos currículos.

A metodologia de Bardin (2011, p. 125) propõe que seja feita a pré-análise, sendo a parte de levantamento e organização do *corpus* da pesquisa. Aqui é feito uma leitura superficial do documento que será analisado, neste momento do trabalho realizei a leitura dos programas de pós-graduação em Letras da UEPG, da UFPR e da UEL para perceber nos programas o que seria interessante para a pesquisa, conforme a proposta de apontar a contra-hegemonia presente na área de estudos linguísticos feitos a partir da ementa das disciplinas.

Em seguida, foi o momento de explorar o material coletado, que é quando ocorre a codificação e a categorização dos dados por partes que interessam para a pesquisa. Neste momento, optei por pesquisar em apenas dois programas de pós-graduação que estudam a linguagem, o programa da UEPG e o da UFPR. Neste processo filtrei apenas o que é interessante para a pesquisa, neste caso, categorizei apenas as disciplinas presentes na ementa que cumpria com o objetivo deste trabalho, que era perceber o que há de contra-hegemônico nos programas. Dessa forma, durante o processo de categorização, filtrei as disciplinas que tinham potencial para perspectivas contra-hegemônicas. Deste modo, a UFPR, por se tratar de uma universidade maior, com mais linhas de pesquisas e uma quantidade maior de disciplinas ofertadas, optei por analisar apenas duas linhas que tinham mais proximidade com as perspectivas contra-hegemônicas, as linhas “Linguagem e suas Práticas Sociais” e “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem”.

O próximo passo foi a “categorização”, o momento de agrupar as ideias ou temáticas mais relevantes, aqui selecionei no programa de pós-graduação das duas universidades, linhas de pesquisa em estudos da linguagem, na UEPG, e estudos linguísticos, na UFPR, assim, trazendo para análise as linhas de pesquisa, áreas de concentração, curricularização, disciplinas ofertadas que fazem parte do currículo e, por fim, realizei uma análise das disciplinas ofertadas nos dois últimos anos nessas universidades, ano de 2023 e 2024.

No processo de categorização, levo em consideração nas análises das ementas das disciplinas o que está proposto no objetivo da pesquisa e no material do referencial teórico, buscando por elementos que dessem algum indício de práticas ou discursos contra-hegemônicos. Dessa forma, a análise foi feita considerando a fundamentação teórica, analisando tudo que indicasse perspectivas ou práticas decoloniais, que considerassem os estudos de identidade, de diversidades linguística, cultural, de raça, gênero ou sexualidade, abordagens críticas que se aproximam da temática abordada, abordagens interdisciplinares, interculturais ou multiculturais, conforme segue:

- Abordagens interdisciplinares são aquelas que estabelecem relações entre conteúdos de diferentes disciplinas.
- Interculturalidade referem-se aos estudos e relações entre diferentes culturas.
- Multiculturalismo diz respeito às inter-relações entre várias culturas em um mesmo ambiente.

A interdisciplinaridade é relevante para os estudos contra-hegemônicos, pois não se limita ao tradicionalismo e permite relacionar a disciplina — no caso dos estudos linguísticos — e outras áreas de conhecimento, por meio de processos históricos e geográficos, por exemplo. Já a interculturalidade e multiculturalidade são consideradas contra-hegemônicas por romperem os padrões hegemônicos que impõe uma hierarquia cultural, atribuindo superioridade a determinadas culturas, especialmente as de raiz eurocêntrica. Ambas promovem o reconhecimento e valorização das diversidades culturais.

Por fim, temos o tratamento dos resultados, que é onde me debrucei sobre os dados para interpretar e categorizar os resultados alcançados, alinhando esses dados com o referencial bibliográfico, objetivos e a pergunta de investigação proposta. Seguimos então para o passo final, a “Interpretação” daquele conteúdo, que foram as análises feitas nos documentos citados anteriormente para verificar o que há, o que pode ser incluído nas abordagens contra-hegemônicas naqueles currículos e disciplinas presentes no site dos programas de pós-graduação em Letras, na área de estudos da linguagem e estudos linguísticos, da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Federal do Paraná.

Assim, agora, seguimos as análises indicando o que havia de contra-hegemônico nas disciplinas das linhas selecionadas e as possibilidades de aproximação dessas perspectivas com os conteúdos que estavam sendo abordados. As interpretações dos resultados prosseguiram conforme o referencial teórico dos estudos contra-hegemônicos, indicando o que seria possível perceber num currículo de línguas. Assim como explica Paiva (2019, p. 14) “as pesquisas qualitativas incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de

interações, de documentos [...]” Por estas questões, esta pesquisa é qualitativa e utiliza o método da pesquisa bibliográfica para investigar, a partir de páginas de web sites desses programas, os fenômenos contra-hegemônicos que podem estar presentes nos programas de pós-graduação.

Assim, como explica Fonseca (2002, p. 32), “A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos como livros, artigos científicos e páginas de web sites”. Deste modo, como posteriormente explica o autor, todas as pesquisas, inicialmente, são bibliográficas, já que se baseia em outros autores para incrementar a investigação. Entretanto, esta pesquisa se restringe a somente análises de dados retirados dos documentos oficiais dos sites do PPGEU da UEPG e da UFPR, não partindo de uma análise de dados a partir de entrevistas, por exemplo.

É dessa forma que apresento essa pesquisa, cujo objetivo é que a partir dela outras pesquisas possa modificar os currículos vigentes a fim de atualizar positivamente os nossos currículos nas áreas da linguística com propostas de uma transformação social que seja contra-hegemônica, para ser possível desconstruir os padrões hegemônicos presentes na sociedade e que também percorrem os currículos educacionais.

Este trabalho consiste em motivar novas investigações em currículos, seja de cursos de graduação ou pós-graduação, que se proponham a mudar o cenário discriminatório de dominação que continua reproduzindo discriminações desde a colonização. Seguimos adiante com as análises dos resultados, começando com uma breve explicação do histórico dos cursos, áreas de concentração, linhas de pesquisa e por fim as disciplinas, com análises e interpretações. Começo pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Paraná e, em seguida, parto para o programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Antes de iniciar as análises, é importante destacar que a organização foi realizada de forma diferente referente ao PPGEU-UEPG e PPGEU-UFPR. Em relação ao PPGEU-UEPG, as análises referentes às disciplinas ocorreram a partir da curricularização, no subcapítulo intitulado “Disciplinas da área de Estudos linguísticos que compõem a grade curricular PPGEU-UEPG”. Assim, a último subcapítulo, chamado “Disciplinas ofertadas nos dois últimos anos: 2023 e 2024 PPGEU-UEPG” apenas apresenta as disciplinas ofertadas no ano de 2023 e 2024, isso foi feito devido à organização do próprio PPGEU, pois, a UEPG não apresenta no site as ementas das disciplinas ofertadas em cada semestre.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS

5.1 O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM UEPG

O Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UEPG), iniciou suas atividades em 2010, com o nome do programa como “Linguagem, Identidade e Subjetividade”, entretanto, houve mudança no nome do programa porque o título de mestre em “Linguagem, Identidade e Subjetividades” poderia prejudicar os egressos ao realizar um concurso público, por não apresentar uma titulação específica em estudos da linguagem.

Por isso, solicitou-se que houvesse a alteração do nome do programa, que passou a se chamar Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, aprovada pela CAPES em 2016, e a área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade. A área é composta por duas linhas de pesquisa: Texto, Subjetividade e Horizontes Teóricos e Pluralidade, Identidade e Ensino.

A área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade compreende a linguagem por um viés da interação social e busca investigar as subjetividades presentes no uso da linguagem, proporcionando também reflexões sobre questões relacionadas à linguagem e à formação dos professores. Além disso, promove a aproximação de questões relacionadas entre Língua, Linguagem e Literatura, considerando as transversalidades com os textos e a subjetividade. Não há um tópico específico de currículo no site, entretanto analisamos o currículo a partir de outros tópicos que nos indicam informações em relação à curricularização, como, por exemplo, a descrição do curso, linhas de pesquisa e disciplinas. Por esse caminho, encontramos explicação sobre o histórico do programa de pós-graduação, entre outras informações.

A partir das apresentações presentes no [site do PPGEL \(UEPG, 2025\)](#), traremos agora um apanhado sobre as linhas de estudos: Linguagem, Identidade e Subjetividade, que é tema do segundo tópico presente no site do PPGEL (UEPG, 2025) em Programa e Área de Concentração. Assim, o que iremos abordar aqui, já que muitas coisas se repetem, tem como perspectiva compreender a linguagem pelo viés da interação social, pois segundo o programa “o homem se constituiu na e pela lingua(gem)” (UEPG, 2025). Essa linguagem, apresentada pelo programa da UEPG, é a linguagem por um viés heterogêneo, plural e multifacetado e é dessa forma que se tenta demonstrar às subjetividades presentes no uso da fala, proporcionando reflexões acerca da linguagem também na formação de professores.

Além disso, como é afirmado pelo programa: “Nesse sentido, os estudos desenvolvidos no âmbito do PPGEL têm contribuído, por um lado, para investigar a subjetividade presente no uso da linguagem e, por outro, para observar como os indivíduos revelam e negociam suas participações e pertencimento a determinados grupos sociais pelo uso da linguagem, esta é a especificidade do PPGEL/ UEPG (2022)”. Descrição esta que se encaixa na temática abordada nesta pesquisa, que tem como um dos focos, permitir a reflexão da língua a partir dessas relações sociais hierárquicas, do pertencimento ou não pertencimento de certos grupos e determinados privilégios e exclusões dentro da hierarquia social que é transmitida e reforçada pela linguagem. Aqui podemos notar uma brecha para os estudos contra-hegemônicos e estudos na área, com objetivo de compreender as relações de poder presentes na linguagem.

Ainda abordando o tópico anterior, o programa acentua que busca o ensino de diferentes vértices da linguagem voltados às políticas públicas, linguísticas e educacionais, além disso, destaca-se o objetivo de que os pesquisadores reconheçam as subjetividades presentes na linguagem, sabendo descrevê-la em seus diferentes âmbitos, sejam eles sociais, estéticos, culturais ou éticos.

Depois disso, são apresentados os objetivos específicos do curso, sendo esses objetivos mais abrangentes dos estudos da área, então, nesses objetivos o que mais se aproxima do que se espera encontrar na presente pesquisa, é o último objetivo “Estudar as identidades periféricas (ou não) e suas expressões nas literaturas de língua portuguesa e de línguas estrangeiras” (UEPG, 2025) que fala sobre identidade, entretanto, mais para área da literatura do que para os estudos linguísticos. É importante lembrar que os objetivos são abrangentes, já que um deles, por exemplo, fala sobre a qualificação do profissional para o ensino e para a pesquisa em estudos linguísticos, assim, não é possível nos apegarmos a isso, já que não é o foco da pesquisa.

Para finalizar este tópico, designado a explicar o funcionamento do curso, é exposta a duração máxima do curso, que é de 24 meses, incluindo a elaboração e defesa da Dissertação de Mestrado, e são explicados os créditos e sua distribuição.

Quanto às linhas de estudos, é importante ressaltar que a última atualização presente no site foi em 2022, sendo divididos em Estudos Literários e Estudos Linguísticos. A linha de Estudos Literários é responsável por investigar os fenômenos literários e suas manifestações estéticas, éticas, históricas, políticas e socioculturais entre a linguagem, identidades e subjetividades. No entanto, a linha de estudos literários não será foco deste trabalho.

A linha de Estudos Linguísticos é responsável por estudar e proporcionar reflexões sobre a língua e suas inter-relações “entre língua/linguagem, sujeito e sociedade a partir de diferentes áreas e perspectivas teóricas do campo dos estudos linguísticos teóricos e aplicados” (UEPG, 2022), além disso, no programa se dispõem estudos inter e transdisciplinares, compreendendo a língua e a linguagem atrelada a processos histórico-culturais, biológicos, psicológicos, pedagógicos, econômicos e políticos. (UEPG, 2022).

O quarto tópico presente no site sobre o Programa é a parte de *curricularização* que está vazia, o que impossibilita a nossa análise e reflete na falta de condições para melhor entendimento do curso para quem tenha interesse em saber da curricularização da pós-graduação em Letras. Uma alternativa para quem quer saber sobre o currículo é conhecê-lo a partir da apresentação das disciplinas.

O próximo tópico que será apresentado é o das [disciplinas presentes no curso de pós-graduação em Letras da UEPG](#), já que no tópico de curricularização não apresentava nenhuma informação sobre o currículo do curso. Assim, busco observar esse currículo a partir das disciplinas ofertadas e os conteúdos presentes nela para perceber o que há de contra-hegemônico. Seguindo as informações sobre o PPGEL/UEPG, estão as disciplinas que compõem a grade curricular.

Considerando que o foco deste trabalho será na área de Estudos Linguísticos, com o intuito de perceber o que há de contra hegemônico ao trazer a questão da língua nas disciplinas que compõem a grade curricular do curso de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cada disciplina analisada corresponde a uma categoria, conforme Bardin (2011), pois esta foi a maneira que encontramos para fazer as análises. Vamos analisar a primeira disciplina eletiva presente no programa:

LIN037 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS Ementa: Variável que pode compreender tópicos específicos relativos à linha de pesquisa Estudos Linguísticos (UEPG, 2025).

Dentro desta disciplina, estuda-se diferentes teorias linguísticas e áreas, por exemplo, os estudos em sociolinguística podem ser vistos como uma prática contra-hegemônica, já que estuda a linguagem em seus discursos nos diferentes contextos sociais, considerando algumas variáveis como raça, gênero, etnia, situação socioeconômicas, classe social e faixa etária. Dessa forma, estudam-se os dialetos e variedades linguísticas que não estão dentro da norma-padrão dominante consideradas hegemônicas. Além disso, a sociolinguística expõe essa relação de dominação sobre as falas de pessoas marginalizadas pela sociedade, o que

contribui para demonstrar e refletir sobre poder e identidade presentes e reforçados pela linguagem e pelo padrão de prestígio de uma forma crítica.

Entretanto, as áreas de estudos nas disciplinas de LIN037 Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos I e LIN038 Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos II, como é apresentado no quadro de disciplinas do programa, podem ser mais abrangentes, já que poderá depender da área de estudos dos professores que irão ministrar a disciplina, pois cada professor se aprofunda mais em sua área específica para compor os conteúdos para a disciplina ministrada por ele, dessa forma, há a possibilidade do docente seguir por estudos estruturalistas da língua.

O exemplo da sociolinguística foi para pensar que, ao abordar a linguística, ela abre margem para que isso possa ser feito, indo contra a hegemonia atravessada pela língua. Também há a possibilidade de estudar a pragmática e optar por, nas escolhas de pesquisa, temáticas que sejam contra-hegemônicas.

Entretanto, é importante destacar que todas essas possibilidades são apenas possibilidades, não é nada concreto. Além disso, a disciplina de Estudos Linguísticos é uma disciplina que sempre se repete nas ofertas que ocorrem semestralmente, então, pode-se afirmar que é a base dos estudos linguísticos para os egressos. Outra informação interessante a ser refletida é que, como o programa não apresenta uma rede docente muito grande e diversa, as matérias e professores se repetem bastante, e são ofertadas mais ou menos cinco disciplinas anualmente. Dessa forma, os alunos precisam realizar as disciplinas dentro de 24 meses, sendo obrigatórias pelo menos três, caso o discente opte por fazer estágio, ou quatro disciplinas, caso não. Não há muita flexibilidade para realizar e escolher as disciplinas da grade.

Temos nas disciplinas de LIN037 Estudos Linguísticos I e LIN038 II apresentadas pelo programa, que vai abordar diversas teorias presentes na área da linguística, desde as teorias de Saussure até os linguistas mais atuais. Pode-se estudar em sociolinguística a variação linguística, que vai trazer questões das identidades, subjetividades e diversidade dos sujeitos, considerando o lugar social e suas marcas de gênero, sexualidade, raça e questões socioeconômicas.

Entretanto, a disciplina também apresenta a possibilidade dos estudos linguísticos serem levados para os estudos linguísticos estruturalistas, a depender do docente responsável pelas disciplinas. Por toda via, vale considerar, a partir das outras disciplinas apresentadas e ofertadas pelo PPGEL-UEPG, que não é o caso aqui, a grade apresenta disciplinas que condizem com as propostas citadas anteriormente, esta é uma das únicas disciplinas que

permitem abertura para estudos mais estruturalistas da língua, as demais disciplinas vão para o caminho de olhar para a linguagem considerando as subjetividades dos sujeitos.

Apenas para formalizar, também faz parte deste programa a disciplina de Tópicos em Estudos Linguísticos II, como podemos verificar a seguir:

LIN038 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS II
Ementa: Estudos visando o aprofundamento de temas relacionados à linha de pesquisa Estudos Linguísticos.

LIN055 - TEORIAS LINGUÍSTICAS Ementa: Estudo de diferentes abordagens teóricas na Linguística. Objetos e metodologias. Principais contribuições ao campo de conhecimento. (UEPG, 2025).

A LIN038 é uma continuação da disciplina citada anteriormente, “Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos I”, assim, funcionará como extensão da disciplina anterior sendo trabalhada na prática da mesma forma, dependendo da composição do quadro de professores que ministrará e da linha de pesquisa e área específica que compõe o quadro do programa.

A disciplina de “Teorias Linguísticas” é apresentada de uma forma mais geral, dessa maneira, não há como dizer o que é abordado na disciplina, pois só apresenta brevemente que se trata de uma disciplina que estuda diferentes abordagens da linguística, entretanto, apresenta estudos de autores como Chomsky¹¹ e Saussure¹². Dessa forma, podemos deduzir que se trata de uma disciplina que está voltada aos estudos linguísticos mais tradicionais.

Outras disciplinas que fazem parte do quadro de disciplinas eletivas são:

LIN022 - LINGUAGEM, LETRAMENTOS E POLÍTICAS DE IDENTIDADE Ementa: Língua(gem) e políticas de identidade. Linguagem, letramentos, culturas/interculturalidade e identidades bi/multilíngues. Ensino, letramentos em contextos multiculturais e multiculturalismo. professores e contextos sócio-linguisticamente complexos.

LIN047 - LINGUAGENS EM DIFERENTES CONTEXTOS Ementa: Discursos contemporâneos; representações e identidades sociais; letramentos e multiletramentos.

LIN054 - POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E ENSINO Ementa: Constituições dos campos das políticas linguísticas em diferentes contextos acadêmicos. As tipologias das situações plurilíngues. Os instrumentos da planificação linguística. Panorama histórico das Políticas Linguísticas no Brasil. Discussão aplicada ao ensino de línguas. (UEPG, 2025).

Estas disciplinas demonstram de forma mais direta a possibilidade de uma abordagem contra-hegemônica. Por exemplo, ao estudar a linguagem e as políticas de identidades, dentro disso, pode-se tratar todo o histórico da língua e seu processo de imposição de poder, já que,

¹¹ **Noam Chomsky (1928)**, linguista norte-americano, considerado o pai da linguística gerativa. Suas ideias revolucionaram os estudos sobre a linguagem defendendo que os seres humanos possuem uma *gramática inata*, ou seja, uma capacidade natural para aprender línguas.

¹² **Ferdinand de Saussure (1857–1913)** linguista suíço considerado o pai da linguística moderna. Suas ideias sobre a linguagem como um sistema de signos foram reunidas na obra *Curso de Linguística Geral* (1916), influenciando profundamente os estudos linguísticos e as ciências humanas.

principalmente se tratando de língua em um país colonizado, as políticas linguísticas funcionam como mecanismo de impor e manter o poder nas mesmas mãos colonizadoras, mantendo o poder hierárquico e seus os privilégios.

Primeiramente, a disciplina “Linguagem, Letramento e Políticas Linguísticas” é considerada contra-hegemônica pelo fato de questionar a ideia de identidade e desafiar os padrões hegemônicos relacionados à identidade, além disso, a disciplina propõe discutir o multiculturalismo que se coloca de maneira crítica contra a visão hegemônica de desconsiderar as línguas e culturas como homogêneas. Neste sentido, a disciplina preza pela valorização da pluralidade linguística e cultural, desafiando as relações de poder.

Da mesma forma, a disciplina busca questionar o privilégio de certas línguas em detrimento das outras, e questionar a ideia hegemônica de que há apenas uma norma culta ou forma de falar. Para demonstrar isso, Veronelli (2016, p. 49) argumenta sobre a linguagem e colonização:

A linguagem como coisa institucionalizada, ordenada com uma gramática, como língua de um império ou uma nação, se fecha a toda interação que tenta complicar a variedade e heterogeneidade de usuários e situações de interação. O verbo linguajar tem, pelo contrário, a mudança e a continuidade como qualidades centrais. O sentido não está dado e, mais ainda, o laço entre sentido e linguajar possui a complexidade que as interações entre os usuários têm, incluindo a complexidade ligada ao poder e a situação de dominação.

Através dessa citação podemos refletir sobre a importância de pensar a língua não apenas como algo institucionalizado ou ligado à gramática, se considerarmos apenas isso apagamos toda sua riqueza presente na variedade linguística e na heterogeneidade dos falantes. É necessário considerarmos os falantes por trás da língua e todas as complexidades que a envolvem por meio das relações de poder e do seu uso para manter padrões de dominação. Pois precisamos ter consciência de que esse é o sistema linguístico de uma *branquitude*¹³ que, além de continuar mantendo seus privilégios, também se ausenta dos direitos básicos de sujeitos marginalizados.

Além disso, o tópico de multiculturalismos demonstra um olhar contra-hegemônico dentro da ementa, pois fomenta questões identitárias que obrigatoriamente vão abordar a diversidade linguística, étnica, racial, de gênero e sexualidade. Não há como falar de multiculturalismo e não ir contra a hegemonia branca, pois o multiculturalismo traz a necessidade da valorização das diversidades culturais e linguísticas que devem ser garantidas a grupos minoritários.

¹³ Termo utilizado por Cida Bento e outros autores para se dirigir a uma dimensão social da identidade branca para demonstrar seus privilégios e estruturas sociais de poder que mantém estratificadas esses privilégios.

O multiculturalismo busca o reconhecimento e valorização da diversidade cultural, o que é muito importante, principalmente se considerarmos um país colonizado e marginalizado. Canen e Moreira (1999, p. 26) comentam sobre isso:

Na América Latina, a preocupação com a desigualdade e a exclusão que atingem grupos étnicos e culturais marginalizados, tais como indígenas, negros e camadas populares, faz emergirem movimentos de resistência a iniciativas homogeneizadoras e inspira propostas multiculturais comprometidas com a valorização e a representação dessas identidades culturais em práticas sociais, culturais e políticas.

Assim, o multiculturalismo é um tópico essencial num currículo de letras, pois é necessário haver a inclusão visando um desenvolvimento voltado a refletir a diversidade cultural, incentivando-as e pontuando suas influências na língua e nas identidades dos falantes. Dessa forma, o multiculturalismo e as abordagens de multiletramentos podem estar interligadas para complementar uma aprendizagem inclusiva, respondendo às necessidades dos alunos e da sociedade para a transformação social dentro do contexto educacional.

A próxima disciplina é Estudos da Enunciação, vejamos sua descrição:

LIN038 - ESTUDOS DA ENUNCIAÇÃO Ementa: O conceito de enunciação. Relações entre os conceitos de língua, discurso e enunciação. Enunciação falada e enunciação escrita (UEPG, 2025).

A disciplina de “Estudos da Enunciação” é responsável por estudar análises e produções de enunciados, estudos do sujeito da enunciação, o interlocutor, o contexto e as marcas das enunciativas. Uma das principais teorias apresentadas no quadro de da disciplina é Marxismo e Filosofia da Linguagem e um dos principais autores é Mikhail Bakhtin do programa.

Pode-se analisar pela ementa da disciplina que está presente a descentralização do sujeito, já que é definido o papel do sujeito na enunciação e, tratando de contextos sociais, a linguagem se situa e se baseia nas posições sociais e políticas desses sujeitos. Com isso, segundo Braga e Borges (2021, p. 58):

Podemos perceber que a linguagem é carregada de poder, tendo como objetivo agir sobre o outro e sobre o mundo, deste modo, nota-se que os estudos da linguagem jamais se distanciam do sujeito, analisando sempre os contextos em que se estão inseridas, as circunstâncias e suas finalidades.

Com isso, podemos já analisar a disciplina LIN053 que traz o conceito do sujeito nos estudos linguísticos, mostrando como ele é tratado nas diferentes teorias. É possível colocar de forma crítica o conceito de sujeito e perceber o seu papel na linguagem e na sociedade. Entretanto, as três disciplinas pontuadas acima irão abordar o sujeito e a sociedade, a

diferença é que algumas podem ir por um caminho mais gramatical da língua, enquanto outras podem tratar mais a questão do sujeito e da sociedade e os papéis sociais pré-determinados por meio dos discursos.

LIN053 - O CONCEITO DE SUJEITO NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS
Ementa: Estudo teórico, analítico e crítico do conceito de sujeito em diferentes perspectivas linguísticas (UEPG, 2025).

Ademais, ainda a partir da ementa, pode-se apresentar sentido contrário à hegemonia nos estudos pragmáticos e performativos da linguagem, cujo objetivo seja desafiar estruturas de poder. Outro ponto é que é aqui que acontecem as análises críticas dos discursos para chamar atenção para os discursos discriminatórios de produção e reprodução das desigualdades sociais a fim de promover, ainda por meio de discursos, a valorização das diversidades.

A próxima disciplina apresentada é:

LIN043 - ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS Ementa: Estudo de abordagens e métodos de ensino de línguas adicionais nas dimensões teórico-metodológica e histórica, bem como de teorias de aquisição de segunda língua, e respectivos desdobramentos para a prática docente nos processos de ensino, aprendizagem e análise e/ou produção de materiais didáticos (UEPG, 2025).

A disciplina de ensino e aprendizagem de línguas traz a necessidade de um certo cuidado, pois, pode-se definir abordagens contra-hegemônicas ou hegemônicas a depender da maneira como será abordada em sala de aula. Visto que se trata de uma disciplina que aborda o ensino de língua, ela pode ser feita tanto por meio de um viés que trata a língua conforme sua heterogeneidade, trazendo uma visão crítica que valoriza as diversidades linguísticas, ou pode ser que a língua seja abordada por um viés linguístico homogêneo, sustentando as normas padronizadas e ignorando ou desvalorizando a diversidade linguística.

Depois temos a disciplina:

LIN046 - LINGUAGEM E ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS: Ementa: Reflexões no campo da linguagem acerca de estudos afro-brasileiros e Indígenas. Conceitos, teorias e epistemologias acerca de estudos étnico-raciais no que concerne aos afro-brasileiros, diaspóricos e indígenas (UEPG, 2025).

Não há como relacionar linguagem e estudos étnico-raciais, senão por uma abordagem contra-hegemônica. Entrar no campo da linguagem a partir de um estudo afro-brasileiro e indígena é uma forma de resistir e lutar contra o sistema estrutural de poder da classe dominante. Aqui, obviamente, se trata de reflexões acerca do sistema estrutural de linguagem

e de relações de poderes, perante a todos os âmbitos sociais no qual a nossa sociedade é estruturada. Nesse sentido, a disciplina fomenta desconstruir esses padrões hegemônicos refletindo sobre os espaços sociais e quais são os sujeitos que ocupam esses espaços, como forma de buscar combater discriminações de raça e tornar os sujeitos que foram marginalizados pela sociedade protagonistas, mostrando suas trajetórias e entendendo os discursos discriminatórios que funcionam para desconstruí-los.

A língua é uma ferramenta importante de poder utilizada pelos colonizadores contra os povos indígenas e africanos. Fanon (2008) explica que a língua carrega consigo o poder de sepultamento de uma cultura e identidade daquele povo, vejamos uma citação para entender UEPG. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. **Estrutura Curricular**, 2025c. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgel/estrutura-curricular/> /. Acesso em: 27 jan. 2025. melhor essa questão:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. [...] Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura (Fanon, 2008, p. 34-50).

Por meio dessa citação, podemos entender a língua como ferramenta de imposição de cultura e poder, além de ferramenta de apagamento de culturas e identidades de outros povos. Além disso, é pela língua que se produz e se reproduz discursos racistas, mas é por ela que os estudos linguísticos e étnicoraciais permitem transformar, mesmo que minimamente, a sociedade, a partir de discussões e questionamentos, criando-se espaços de resistência e lutando contra a desigualdade social e racial.

Aqui também podemos incluir a disciplina nomeada “Linguagens em Diferentes Contextos” (LIN047, UEPG, 2022) que traz questões dos discursos contemporâneos, as representações das identidades sociais e o letramento e multiletramentos, questões já abordadas e postas como essenciais num currículo que vise uma proposta contra-hegemônica.

Essas são as disciplinas presentes no site do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa, buscamos defini-la como estava presente no site, portanto houve análises que foram feitas a partir do que foi possível considerar pelas abordagens no desenvolvimento das disciplinas. Portanto, a investigação foi feita tentando conectar algumas a partir de correntes teóricas similares, visando procurar perspectivas contra-hegemônicas que podem estar presentes nessas disciplinas que compõem a grade curricular do curso.

Entretanto, é importante ressaltar que ter essas disciplinas na grade não significa que todas estão sendo ofertadas. O programa mesmo deixa claro que a disponibilização das disciplinas depende do quadro de discentes e suas áreas de especializações.

Ao analisar o quadro geral é possível afirmar que não há uma disciplina específica responsável por estudos na área de gênero e sexualidade, nem ao menos para estudos feministas, percebemos que em algumas disciplinas há abertura para discutir sobre gênero e sexualidade, pois se falamos de sujeitos a partir de uma perspectiva marginalizada não há como não tratar essas questões. Por outro lado, poderia ter uma disciplina específica para a área de gênero e sexualidade ligada à linguagem, discurso e sociedade. Principalmente se falarmos de estudos feministas, o conteúdo e as discussões acerca dessa temática são extensos para serem abordados ligeiramente.

Nesse sentido, o programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa, na linha de estudos linguísticos, possibilita, a partir da sua proposta curricular e linhas de pesquisas, perspectivas contra-hegemônicas. Por outro lado, apresenta brechas que nem sempre são suficientes, pois abrem margem para diversas possibilidades que não vão se encontrar a essas propostas. Ademais, uma crítica quanto ao programa atual de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa é que necessita ser atualizado, a linha de pesquisa precisa ser pensada, pois a proposta inicial, junto às disciplinas ofertadas e os temas das pesquisas que estão sendo feitas estão demonstrando essa necessidade.

Precisa-se olhar mais criticamente para as propostas do programa e reformular algumas questões que estão postas e não condizem exatamente com a realidade vivenciada dentro do programa, essa crítica não é uma crítica negativa, muito pelo contrário, é benéfico para a Universidade e para a sociedade que essas mudanças já estão sendo atualizadas internamente, entretanto, isso precisa ser atualizado e exposto externamente também pelo site do PPGEL. Sendo, também necessário, um olhar interno para o próprio programa atual para rever estas questões.

Seguimos descrevendo o quadro de disciplinas oferecido pelo PPGEL-UEPG. Iniciemos pelo ano de 2023, as disciplinas ofertadas para o primeiro semestre na área de estudos linguísticos foram: Identidade, Cultura e Pluralidade; Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos I; Estudos da Enunciação. Para o segundo semestre de 2023, foram ofertadas as seguintes disciplinas: Linguagem, Letramento e Políticas de Identidade; Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos II.

No ano de 2024, as disciplinas ofertadas para o primeiro semestre na área de estudos linguísticos foram: Linguagens em Diferentes Contextos; Teorias Linguísticas; Texto, Discurso e Subjetividade. No segundo semestre de 2024, foram ofertadas as seguintes disciplinas: Políticas Linguísticas e Ensino; Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos I.

Como podemos notar, o quadro de disciplinas analisado anteriormente e o quadro de disciplinas ofertadas nesses dois anos foram limitadas sem muita variedade na grade curricular para escolha dos discentes, sendo apenas cinco disciplinas ofertadas por ano, o que acarreta a falta de autonomia dos alunos para escolher a sua grade curricular. Além disso, a maioria das disciplinas é repetida. Para discentes que se afastam um pouco da linha de pesquisa que está sendo proposta no quadro, pode ser que encontrem mais dificuldade no desenvolvimento da pesquisa.

Também podemos pontuar que, de forma geral, a partir da apresentação do programa e disposição das disciplinas temos duas disciplinas com a possibilidade de apresentar perspectivas contra-hegemônicas, dentro do quadro de disciplinas ofertadas nos anos de 2023 e 2024, nas disciplinas de “Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos I”, “Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos II” e “Estudos da Enunciação”. E temos disciplinas que apresentam perspectivas contra-hegemônicas, como, por exemplo, “Identidade, Cultura e Pluralidade”, “Linguagem, Letramento e Políticas de Identidade”, “Linguagens em Diferentes Contextos” e “Políticas Linguísticas e Ensino” que já apresentam estudos das identidades, subjetividades e políticas linguísticas.

Entretanto, é possível entender que isso ocorra devido à disponibilidade do quadro docente, já que o quadro de professores da Pós-graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa é bem menor e mais jovem que o curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Por isso, este trabalho não tem como objetivo comparar os Programas de Pós-Graduação das duas Universidades no tocante a quantidade de disciplinas ofertadas com a mesma medida, afinal o objetivo desta pesquisa é analisar o que há de conteúdo contra-hegemônico nos programas de pós-graduação em estudos da linguagem e/ou letras.

5.2 O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UFPR

No item histórico e contextualização presente no site do [Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná \(UFPR\)](#), apresenta que o PPG-Letras foi fundado em 1975 com duas áreas de concentração, em Língua Inglesa e em Literatura de

Língua Inglesa, somente em 1985 que foi implantada a área de concentração em Linguística de Língua Portuguesa, e em 1988, a área de concentração em Literatura Brasileira.

Todas as informações referentes ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná foram retiradas do site do PPCEL. Em meados dos anos 1990, viu-se a necessidade de uma reorganização que se adaptasse a novos modos de articulação e ao quadro docente, depois de uma avaliação interna, elevando o nível de pós-graduação, assim após uma reestruturação que optou por duas áreas de concentração, Estudos Linguísticos e Estudos Literários. O PPG-Letras foi obter o credenciamento para doutorado em Estudos Linguísticos em 2002, enquanto a área de concentração em Estudos Literários foi ter o primeiro ingresso no mesmo nível em 2002.

O triênio de 2007 a 2009 tem como composição do quadro docente 30 docentes permanentes e investe na qualificação desses docentes. Em 2008, viu-se a necessidade da criação de mais uma linha de pesquisa e incluiu-se a linha de Estudos da Tradução, concentrada em Estudos Literários. Além disso, veio a linha Alemão como Língua Estrangeira a fim de abrigar o programa de dupla-diplomação do mestrado Bilateral em Alemão como Língua Estrangeira. Em 2008, viu-se a necessidade de adequação às crescentes exigências de regularização, qualidade e distribuição da produção docente e discente.

No triênio de 2010 a 2012, esforçou-se para renovação das políticas institucionais do PPG-Letras, na qualificação dos quadros e atividades de pesquisa e formação. Em 2010, na avaliação, o programa levou nota 5 pela CAPES, alcançando um grau de excelência. Entretanto, a avaliação interna constata a necessidade de articulação entre as áreas de concentração, linhas de pesquisa e disciplinas. Isso levou a uma reforma curricular, discutida entre os dois primeiros anos do triênio e implementada em 2012. Com isso, passou-se o modelo curricular vigente hoje, contando com 4 (quatro) linhas na área de concentração em Estudos Linguísticos e 3 (três) na área de concentração em Estudos Literários. As disciplinas foram atualizadas e o sistema de créditos foi adequado aos novos padrões vigentes.

O quadriênio de 2013 a 2016, segundo site do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, foi marcado por ações de internacionalização, enfatizando destaques aos três programas de mestrados bilaterais, com destaques em docentes e discentes em eventos acadêmicos, estágios de pós-doutorados e doutorados sanduíches no exterior. Em 2014, foi aprovada a proposta de Doutorado Interinstitucional (DINTER-CAPES) com a UTFPR de Campo Mourão, que iniciou suas atividades em 2015. Houve também o aumento do quadro docente, que foi de uma média de 30 docentes para 47 no fim de 2016. O aumento

de bolsistas e a formação dos docentes também foram significativos no aumento da visibilidade do programa.

O quadriênio de 2017 a 2020, além do marco do programa ter completado os seus 40 anos desde a sua primeira defesa e sua 800ª titulação, o PPG-Letras teve um marco no seu resultado de avaliação quadrienal, que obteve nota 6. Além disso, no início do quadriênio contou com o desafio de adaptação ao novo regime da PROEX, com impactos administrativos. Houve uma alteração no currículo, pois o programa contava com 162 disciplinas, que, pelo tamanho excessivo, impossibilitava a oferta integral num intervalo de 4 anos. Assim, o elenco foi reduzido por um conjunto de 42 disciplinas, 21 para cada área de concentração.

Temos os quadriênios no site do PPG-Letras somente até 2020. Mas podemos verificar que o programa existe há muito mais tempo que o da Universidade Estadual de Ponta Grossa, além disso, houve um crescimento significativo em relação ao quadro docente, às titulações, o número de bolsistas, número de disciplina, além de ter conquistado melhores notas que marcaram alguns triênios.

Dentro da [proposta curricular](#), é explicada a divisão das áreas de concentração e linhas de pesquisa, sendo duas áreas de concentração: Estudos Linguísticos e Estudos Literários. Focaremos apenas na área de concentração em Estudos Linguísticos, além de trazer apenas linhas de estudos que tenham relação com a proposta deste trabalho que apresente perspectivas ou possibilidades de abordagens contra-hegemônicas.

A área de concentração em Estudos Linguísticos conta com quatro linhas de pesquisa, sendo elas: Estudos Gramaticais; Linguagem e Suas Práticas Sociais; Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem; Alemão como Língua Estrangeira. Entretanto, como pontuado anteriormente, abordaremos apenas às linhas nas quais há a possibilidade de se apresentar abordagens contra-hegemônicas, dessa forma, as linhas de pesquisas que abordaremos serão: Linguagens e Suas Práticas Sociais e Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagens.

O motivo pelo qual Estudos Gramaticais não será foco deste trabalho é que a probabilidade desta linha apresentar estudos mais estruturalistas e voltados ao ensino de gramática, não condiz com o objetivo desta pesquisa, que é buscar a presença ou a abertura para perspectivas contra-hegemônicas nos programas de pós-graduação em estudos da linguagem e/ou letras. Dessa forma, pelo mesmo motivo, também se optou por não focar na linha de Alemão como Língua Estrangeira. No decorrer da pesquisa, viu-se que não havia necessidade de trazer essas duas linhas. Por isso, vamos apresentar brevemente as quatro

linhas, mas discutiremos apenas as ementas das disciplinas das linhas de pesquisa “Linguagens e Suas Práticas Sociais” e “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem”.

A primeira área, “Estudos Gramaticais”, como o nome já diz, foca nos estudos dos fenômenos gramaticais das línguas naturais, fonética e fonologia, sistema morfológico, sintático e semântico, tanto do nível formal quanto da realidade psicológica, dos processos e aquisição da linguagem. A segunda área, chamada “Linguagem e Suas Práticas Sociais”, estuda o uso da linguagem nas diferentes situações de interação social, variedades linguísticas, bilinguismo, estudos do texto, do discurso, da pragmática e variação e mudança da língua.

A terceira linha de pesquisa, chamada “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem”, é responsável pelos estudos sobre formação continuada de professores de línguas e literaturas, trabalhando com formação de professores e pelos processos de aquisição e ensino aprendizagem de Língua Estrangeira. Já a quarta linha, chamada “Alemão como Língua Estrangeira”, foca na língua alemã na totalidade, estudando o idioma, a cultura e a literatura desses povos no Brasil, trabalhando com tradução e interculturalidade.

O curso de pós-graduação conta com vinte e uma disciplinas, divididas em quatro núcleos curriculares. A divisão ocorre da seguinte maneira: Núcleo de Fundamentos, responsável por disciplinas básicas da área de linguística; Núcleo Específico, responsável pela especificidade de cada uma das quatro linhas de pesquisa; Núcleo Avançado, responsável pelo aprofundamento de determinados tópicos da pesquisa ligados à área de concentração; e Núcleo Especial, com disciplinas funcionais, atividades interinstitucionais, cursos livres de professores visitantes, etc.

O que faremos agora é uma análise das linhas de “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem” e “Linguagem e suas Práticas Sociais”. As análises serão feitas a partir das [ementas das disciplinas](#). Para dar início, é válido apresentar que, segundo o site do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2025), a área de Estudos Linguísticos conta com vinte e uma disciplinas nesta área de concentração.

Sendo assim, podemos começar a apresentação de algumas disciplinas da linha de língua estrangeira:

LETR7011 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES NAS LETRAS ESTRANGEIRAS: Aspectos teórico-práticos da formação de professores de línguas e literaturas estrangeiras; formação tecnicista e crítico-reflexiva; questões identitárias na formação de professores de línguas estrangeiras; o letramento crítico na formação de professores de línguas e literaturas estrangeiras.

LETR7088 - TRADUÇÃO NO ENSINO DE LE: Teorias e abordagens contemporâneas de tradução; tradução como relação; a tradução no ensino de línguas estrangeiras; tradução como mediação cultural e linguística.

LETR7015 - INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DE LE: Teorias culturais e de interculturalidade; interculturalidade e sua didática no ensino de LE; estereótipos culturais; figurações literárias do diálogo cultural. (UFPR, 2025).

Dentre as disciplinas citadas, a colocada no currículo da UFPR nomeada “Formação de Professores nas Letras Estrangeiras” procura abordar a formação do professor no ensino aprendizagem em língua estrangeira, a formação tecnicista e teórico-crítico, questões identitárias na formação de professores de línguas e literaturas estrangeiras. Foi observada as ementas das disciplinas dos dois últimos anos, do ano de 2023 e 2024, e esta disciplina não é ofertada nesses anos. Dessa forma, não há a possibilidade de se analisar a ementa da disciplina e os autores.

Já a segunda, a disciplina com concentração em língua estrangeira chamada de “Tradução no Ensino de LE”, apresenta na ementa que a disciplina se trata de um estudo de teorias e abordagens de tradução mais contemporâneas, tratando a tradução como relação e como mediação cultural e linguística. Assim, obviamente, esta disciplina foca no ensino de língua estrangeira a partir de abordagens de tradução, uma abordagem que há críticas quanto essa prática no ensino de língua estrangeira, colocada como tradicional, mas, não vamos adentrar no fato de que o foco é na língua estrangeira alemã e a maioria dos autores que compõem a ementa são autores alemães.

A terceira “Interculturalidade no Ensino de LE”, das três disciplinas com concentração em língua estrangeira, pode-se afirmar que esta é a mais próxima de uma abordagem contra-hegemônica. Como sabemos a interculturalidade é junto a uma perspectiva contra-hegemônica, além de promover o estudo da língua a partir do conhecimento cultural dos povos falantes daquela língua, pode-se promover uma conscientização crítica da língua a fim de refletir sobre as relações de poder presentes em certas línguas e culturas. Além disso, somente de estudar a língua por uma perspectiva cultural, trazendo as riquezas, reconhecimento e valorização de diferentes culturas, já se trabalha uma perspectiva contra-hegemônica.

Temos algumas áreas responsáveis por estudar as teorias linguísticas nas seguintes disciplinas:

LETR7016 - INTERFACES DA LINGUÍSTICA: Relações da linguística com outras áreas do conhecimento: computação, psicologia, estudos clínicos, ensino, etc.

LETR7094 - TÓPICOS AVANÇADOS EM LINGUÍSTICA: Estudo aprofundado de tópicos específicos em modelos gramaticais, abordagens de texto e tratamentos de contextos e de usos.

LETR7095 - TÓPICOS AVANÇADOS EM LINGUÍSTICA APLICADA: Estudo aprofundado de questões teórico-práticas em linguística aplicada.

LETR7098 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS: Estudo de uma questão teórica, historiográfica ou epistemológica do campo de pesquisa em linguística geral ou aplicada.

LETR7096 - SEMINÁRIOS EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS I: Estudo pontual de uma questão teórica, historiográfica ou epistemológica do campo de pesquisa em linguística geral ou aplicada.

LETR7097 - SEMINÁRIOS EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS II: Estudo pontual de uma questão teórica, historiográfica ou epistemológica do campo de pesquisa em linguística geral ou aplicada.

LETR7090 - MODELOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA: Fundamentos filosóficos, metodológicos e históricos de teorias linguísticas nos diferentes campos de estudos. Historiografia da linguística. Estudo de caso (UFPR, 2025).

Essas disciplinas serão responsáveis por estudar as teorias linguísticas, historiografia e epistemologia do campo da pesquisa em linguística ou linguística aplicada. Essas disciplinas estão num campo mais teórico para fundamentar as pesquisas em linguística, deste modo, elas podem ser contra-hegemônicas a depender do caráter da pesquisa de acordo com sua linha de estudo. Há também as disciplinas concentradas na linha de pesquisa da linguagem e suas práticas sociais, que vão considerar a linguagem a partir de seus contextos e usos.

As disciplinas que farão parte dessa linha de pesquisa serão: “Linguagem, Contexto e Uso”; “Linguagem Contexto e Sentido”; “Agência, Identidade e Discurso” vejamos a descrição da ementa:

LETRA 7001 - AGÊNCIA, IDENTIDADE E DISCURSO: Concepções de língua, discurso, agência e identidade nos estudos em LA; a agência do professor de línguas e literaturas estrangeiras em diversos contextos de atuação profissional.

LETR7091 - TEORIA E ANÁLISE GRAMATICAL: Reflexão teórica sobre o aparato formal, ontologia dos primitivos e conceitos em modelos formais para abordar teorias gramaticais específicas. Aplicações e elaborações dos conceitos básicos na descrição e/ou modelagem de fenômenos gramaticais específicos (fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos).

LETR7093 - LINGUAGEM, CONTEXTO E USO: Estudo da relação entre a linguagem e seus usos. Estudo de teorias pragmáticas e sociolinguísticas. Estudo de teorias sobre políticas linguísticas. Abordagem dos fenômenos da língua e seus condicionamentos pragmáticos. Abordagem dos fenômenos da variação e mudança linguísticas; gramaticalização. Abordagem a respeito de políticas linguísticas (UFPR, 2025).

Conforme analisado, esta linha de concentração é a que mais se encontra perspectivas contra-hegemônicas, pois, segundo as ementas, essas disciplinas se preocupam em estudar a

relação entre a linguagem e seus usos. Encontramos estudos em pragmática e sociolinguística, além de teorias de políticas linguísticas.

Como sabemos, os estudos dos diversos usos da linguagem nos diferentes contextos referem-se a estudos de diversidades linguísticas, culturais, de raça, gênero, sexualidade, situação socioeconômica e sua relação com a língua e formas de uso. Assim, demonstra-se a partir desses estudos as relações de poder que estão presentes na nossa sociedade e o uso da língua como ferramenta de poder, como é o exemplo das pesquisas e estudos na área da Sociolinguística.

A pragmática concentra-se no uso da linguagem em contextos sociais, assim, pode investigar como a linguagem é usada como ferramenta para construir e perpetuar algumas normas sociais hierárquicas de dominação. E as disciplinas de “Agência, Identidade e Discurso” e “Estatuto Social das Línguas” podem tratar das concepções da língua, sujeito, discurso, agência e identidade nos estudos em linguística aplicada.

Por fim, tem as disciplinas de formação de professores e prática e pesquisa no ensino aprendizagem em línguas:

LETR7043 - PRÁTICA DE DOCÊNCIA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: Atividade supervisionada de prática de docência, vinculada ao projeto de dissertação ou tese e desenvolvida no âmbito de uma disciplina da graduação em Letras ou área afim.

LETR7017 - LETRAMENTOS E ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS: Teorias de letramento e multiletramentos; o ensino de escrita, leitura, oralidade e compreensão.

LETR7089 - PESQUISA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS: A pesquisa em linguística aplicada; metodologia de pesquisa de sala de aula. (UFPR, 2025).

Dentre as disciplinas citadas acima, a nomeada “Letramentos e Ensino/Aprendizagem de Línguas” é a que mais se destaca a análise por uma perspectiva contra-hegemônica, pois pode se tratar de letramentos e multiletramentos que desafiem às práticas tradicionais e passe a valorizar práticas que sejam inclusivas. Além disso, é possível ser trabalhada por um viés que coloque em questionamento as normas de letramentos eurocêntricos, mas, como já foi citado anteriormente, também vai depender das abordagens obtidas pelos docentes e da linha seguida pela universidade e seus integrantes.

Entretanto, é válido ressaltar que estamos analisando a possibilidade de incluir perspectivas contra-hegemônicas apenas pelos nomes das disciplinas, sua ementa e grade curricular que apresenta linhas de pesquisa. Assim, podemos analisar algumas possibilidades de incluir perspectivas contra-hegemônicas a partir das constatações que temos. Contudo, a

inclusão pode depender dos docentes que irão ministrar tais disciplinas e quais as abordagens utilizadas.

Todas as disciplinas citadas anteriormente que compõem a grade de disciplinas do currículo do programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, especificamente na linha de Estudos Linguísticos, são disciplinas colocadas pelo programa como de nível de mestrado e doutorado. A seguir, veremos as disciplinas disponibilizadas para serem cursadas pelos mestrandos dos últimos dois anos, 2023 e 2024.

O PPGEL da Universidade Federal do Paraná conta com quatro linhas de pesquisa, sendo elas: “Estudos Gramaticais”; “Linguagem e suas Práticas Sociais”; “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem”; “Alemão como Língua Estrangeira”. Neste contexto, focamos nas linhas de pesquisa que se aproximam de perspectivas contra-hegemônicas.

Por isso, este capítulo tem por objetivo discorrer sobre as disciplinas das linhas “Linguagem e suas Práticas Sociais” e “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem” dando destaque às disciplinas ofertadas nos anos de 2023 e 2024 a fim de apresentar perspectivas contra-hegemônicas presentes nessas disciplinas.

A escolha das áreas se deve ao fato de as duas linhas escolhidas terem mais proximidade com a proposta apresentada neste trabalho, que é analisar o que há de contra-hegemônico no currículo de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, pois foi necessário, no decorrer do trabalho, focar no que realmente interessava diante do objetivo da pesquisa. Portanto, algumas disciplinas dentro das linhas que se afastaram das perspectivas contra-hegemônicas ou foram apresentadas brevemente sem muito desenvolvimento por não cumprirem com os requisitos dos objetivos do trabalho.

Os subcapítulos serão organizados por semestres com as disciplinas da linha de “Linguagem e suas Práticas Sociais” e, em seguida, a linha de “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem”.

Seguindo às análises, nesta etapa do trabalho, trazemos às disciplinas ofertadas nas ementas do primeiro e segundo semestre dos anos de 2023 e 2024, entretanto, optou-se por apresentar e analisar o que há e o que é possível trabalhar dentro das perspectivas contra-hegemônicas das disciplinas e propostas nas linhas “Linguagens e suas Práticas Sociais” e “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem”. Dessa forma, seguiremos esta ordem.

Segundo a ementa, a linha “Linguagem e suas Práticas Sociais”, no [primeiro semestre de 2023](#), foi disponibilizada apenas uma disciplina:

LETR-7093 Linguagem, Contexto e Uso; Nome da disciplina: Análise de discursos- conceitos, metodologia e dispositivos. (UFPR, 2025).

A proposta da disciplina, segundo a PPGE da UTFPR, é estudar sobre o surgimento das análises do discurso, histórico, proposta inicial, mudanças e percursos, conceitos, metodologias, dispositivos, abordagens discursivas e escritura e, por fim, análises de diferentes materialidades.

A disciplina é voltada à análise do discurso, que é uma ótima ferramenta que pode ser utilizada para criticar discursos hegemônicos, visando desconstruir esses discursos dominantes e expor às relações de poder envolvidas que sustentam a hierarquia social e resultam em discriminações e preconceitos. Um ótimo exemplo da análise do discurso sendo utilizada de forma contra-hegemônica seria expor discursos hegemônicos coloniais que colocam os povos colonizados como inferiores, como bem explica a seguinte citação de Hilário e Lima (2023, p. 2-3):

Devido ao processo de colonização protagonizado por povos brancos europeus, foi imposto ao corpo negro¹ um deslocamento para uma categoria inferior, refém da fantasia falaciosa assujeitada pelo civilizador. Essa operação fundamentou a escravidão e, por conseguinte, a captura e aprisionamento dos corpos de cor. Sob o domínio do racismo e da branquitude, a paisagem social foi organizada conforme seu fenótipo, legitimando os desníveis hierárquicos estruturais presentes. O corpo negro, que aceita o local de subalternidade e inferioridade sem contestar, não configura ameaça à branquitude. Entretanto, quando reivindica sua humanidade e seu espaço na sociedade, esse mesmo corpo é tido como incômodo, alvo de perseguições e discriminações raciais de modo mais explícito.

Antes de seguir com as disciplinas da linha de “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem” é significativo alertar que disciplinas mais gerais e tradicionais, apesar de fazerem parte desta linha, caso não estejam alinhadas ao objetivo da pesquisa que é apresentar e analisar a contra-hegemonia, não nos aprofundaremos. Neste semestre, o primeiro de 2023, foram ofertadas cinco disciplinas dessa linha de pesquisa. Das cinco disciplinas, segundo a ementa, apenas uma não tem nenhum tipo de relação com os objetivos deste trabalho, por se tratar de uma disciplina mais tradicional.

A primeira disciplina da linha de Linguagens, Culturas e Identidades é a seguinte disciplina:

LETR-7089 Pesquisas qualitativas e quantitativas no ensino/aprendizagem de línguas; área: linguagem, cultura e identidade. (UFPR, 2025).

Esta disciplina propõe reflexões sobre os diferentes paradigmas de pesquisas das ciências sociais na linguística aplicada. Ademais, se trata de uma conectar as pesquisas e metodologias fazendo com que os discentes reflitam criticamente associando os estudos a sua pesquisa de mestrado. Acreditamos que refletir sobre a própria pesquisa a partir dos temas estudados, teorias utilizadas e metodologias é essencial para um acadêmico em seu processo de formação, além de contemplar sua trajetória acadêmica e pensar o que te levou e te motiva naquela pesquisa. Além disso, a ementa da disciplina apresenta autores reconhecidos por sua atuação crítica na linguística aplicada, como Moita Lopes¹⁴, Signori¹⁵ e Cavalcanti¹⁶.

A próxima disciplina apresenta relação direta com a contra-hegemonia, principalmente, por conta das referências e a forma de abordar os temas na ementa. A disciplina é:

LETR-7095 Tópicos Avançados em Linguística Aplicada. (UFPR, 2025).

Discorreremos sobre a disciplina intitulada “Educação Linguística e Interculturalidade em Tempos de Internacionalização e Globalização Neoliberal”. Ela apresenta relação direta com a contra-hegemonia, principalmente pelas referências e pela forma de abordagem prevista no título. Dessa forma, pode-se imaginar que ela trate de uma crítica à globalização neoliberal, que já nos dá indícios de apresentar perspectivas que vão contra as estruturas hegemônicas delineadas pela colonização e reforçadas pelo neoliberalismo.

A disciplina propõe uma discussão a fim de analisar o impacto da globalização na educação em geral e na educação linguística, além disso, pensa nisso a partir da formação de professores de ensino de línguas. As problematizações foco das discussões são: os sentidos da globalização e de internacionalização, a justaposição das línguas e culturas na atualidade, as crises migratórias e linguagem no cenário de fluxos diversos e conflituosos, os multilinguismos e os distintos bilinguismos, a interculturalidade crítica, a cidadania linguística e a tradução e a ética intercultural.

A partir da apresentação da disciplina de Educação Linguística e Interculturalidade em Tempos de Internacionalização e Globalização Neoliberal já é possível relacionar pela

¹⁴ **Luiz Paulo da Moita Lopes:** Linguista brasileiro, um dos principais nomes da linguística aplicada no Brasil, com obras reconhecidas internacionalmente, reconhecido principalmente por sua teorização sobre o discurso e suas práticas sociais.

¹⁵ **Inês Signori:** Professora doutora titular em Linguística Aplicada na UNICAMP, conhecida por seus estudos relevantes sobre temáticas sobre letramento; formação docente, linguagem e identidade, linguística aplicada e transdisciplinaridade.

¹⁶ **Marilda do Couto Cavalcanti:** Professora doutora em linguística aplicada, reconhecida na área por seus estudos sobre leitura, letramentos, identidades, diversidade/diferença e formação de professores.

proposta presente na ementa, que é uma disciplina que busca não somente discutir esses impactos da globalização neoliberal na educação linguística, como se pretende realizar isso criticando esses aspectos, principalmente, pensando nas práticas interculturais e multiculturais do ensino de língua.

Quando pensamos em analisar o impacto da globalização, é importante refletir sobre o que é a globalização além da lente imposta pelo capitalismo, que a coloca como algo positivo. Vejamos a relação da globalização e a manipulação discursiva feita em nome dela, segundo Vaz (2023, p. 62):

A *globalização* pode ser entendida como o discurso, ou propaganda (no sentido de manipulação discursiva), que se diz em favor da aproximação entre povos e em favor da multiculturalidade, mas que funciona como um modelo substituto para a colonização como entendida na modernidade, ou seja, é um modelo neocolonial que busca atingir todo o planeta (...).

Dessa forma, necessita-se olhar criticamente até para a forma de promoção do multiculturalismo, para podermos perceber por trás dos discursos sua verdadeira intencionalidade. Quando a disciplina propõe estudar os impactos da globalização, já é possível considerar que o objetivo é criticar o cenário da globalização neoliberal e os discursos de manipulação produzidos e reproduzidos por grupos dominantes na modernidade.

Como exposto nos capítulos seguintes quando falamos sobre língua, também existe poder na imposição de linguística, com a globalização verifica-se cada vez mais o quanto a língua influente está relacionada a economia e é assim que a economia, pensando no sistema capitalista, tem influência nas hierarquias de línguas. A língua mais influente detém o poder econômico e, conseqüentemente, o controle mundial. Assim, às línguas que são marginalizadas dentro desse cenário estão, também, relacionadas a desvalorização de algumas línguas e culturas que são excluídas e discriminadas, reforçando estruturas de poder desiguais que sofrem ameaças desde a colonização. Isso só reforça esses padrões hierárquicos.

Além de propor discussões importantes como as já citadas no parágrafo anterior sobre o impacto da globalização, que tem como consequência a desvalorização de algumas línguas que ameaçam a diversidade linguística e cultural, observa-se que esta disciplina traz termos como interculturalidade crítica. Com isso, trata-se de uma disciplina contra-hegemônica, pois discute os impactos da globalização e importância da interculturalidade crítica dentro do cenário atual. Além disso, abre abertura para criticar como o neoliberalismo propaga desigualdades globais reproduzindo práticas coloniais e impondo padrões de valores hegemônicos.

Deste modo, propor discussões que identificam as influências eurocêtricas da globalização neoliberal nos diferentes contextos, neste caso os de educação linguística, auxilia na desconstrução de padrões eurocêtricos. É deste modo que a disciplina se enquadra ao objetivo deste trabalho, apresentando abordagens contra-hegemônicas por meio de discussões sobre a globalização e o neoliberalismo e como suas estruturas contribuem para reforçar desigualdades.

A segunda disciplina que parte da “Tópicos Avançados em Linguística Aplicada” leva o título “Introdução à Linguística Aplicada”, a proposta da disciplina segundo a ementa é construir um panorama sobre a constituição e evolução da linguística aplicada construindo conhecimentos sobre os seus princípios, especialmente em perspectiva crítica. Para mais, a disciplina aponta para uma linguística indisciplinar que, segundo Luiz Paulo Moita Lopes (2006), é necessária uma crítica à disciplinaridade rígida, sendo a linguística aplicada um possível caminho para questionar as próprias fronteiras e regras. Ademais, a linguística aplicada indisciplinar propõe abordar temas como desigualdades sociais, racismo, questões de gênero, entre outros que fazem parte das problemáticas atuais e que se relaciona com uma abordagem contra-hegemônica.

Outro ponto relevante para esta pesquisa que a disciplina apresenta são encontros que discutem linguística aplicada, raça e interseccionalidade, trazendo temas relevantes nos estudos linguísticos, além de autores que criticam a hegemonia branca, como Gabriel Nascimento¹⁷ e Plaza Pinto.¹⁸ Esta proposta de estudo da Linguística Aplicada, principalmente um estudo indisciplinar dela, têm uma relação direta com a interseccionalidade e a contra-hegemonia, uma vez que vai analisar as práticas linguísticas em contextos de dominação, pensando como discursos racistas e sexistas se manifestam nos diferentes contextos sociais. Assim, é importante que a Linguística Aplicada se preocupe em desafiar as estruturas dominantes, refletindo e dando abertura para discussões que questionem às normas das políticas linguística e culturais, a fim de revelar às práticas opressoras presentes nesses contextos e desconstruir esses padrões hegemônicos.

Seguimos para a disciplina com o título de “Do Ensino de “Cultura” ao Desenvolvimento da Competência Intercultural na Aula de Línguas: um olhar para a introdução” constando na grade curricular como:

¹⁷ **Gabriel Nascimento** é linguista, escritor e ativista brasileiro, cujo se destaca nos estudos sobre racismo linguístico e epistemologias contra-hegemônicas.

¹⁸ **Joana Plaza Pinto** é linguista e professora titular no Departamento de Estudos Linguísticos e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Goiás (UFG). Suas pesquisas abrangem os estudos pragmáticos, atos de fala e é reconhecida por suas abordagens desconstrutivistas da linguagem e por integrar perspectivas feministas e pós-coloniais nos estudos linguísticos.

LETR7015 Interculturalidade no ensino de Língua Estrangeira. (UFPR, 2025).

A partir do termo interculturalidade já é possível verificar uma posição contra-hegemônica, levando em consideração que a interculturalidade busca a valorização de diferentes culturas, sendo assim, um contraste a cultura eurocêntrica e hegemônica, que privilegia apenas a cultura ocidental e desconsidera às demais culturas. Além disso, os estudos interculturais tendem a confrontar os legados coloniais e todas as imposições da cultura dominante, suas narrativas e conhecimentos.

Ademais, abre espaço para o conhecimento, valorização e reconhecimento de culturas marginalizadas, empoderando narrativas de povos que foram silenciados e discriminados pelos colonizadores. Dessa forma, a interculturalidade procura resistir ao eurocentrismo e desconstruir esses padrões, promovendo um diálogo intercultural de valorização de todas as culturas.

A disciplina também propõe seguir diferentes concepções de como se dá a linguística aplicada, construindo conhecimentos desde a perspectiva multi/pluricultural até às chamadas decoloniais. A partir do exposto acima, é possível perceber o contraste a questões eurocêntricas e críticas a colonialidade, tendo ligação às perspectivas decoloniais e contra-hegemônicas, e assim, encontramos nesta disciplina exatamente o que este trabalho propõe, a demonstração da relevância de perspectivas contra-hegemônicas no currículo de pós-graduação em Letras.

Deste modo, a disciplina de “Interculturalidade no Ensino de Língua Estrangeira” também se enquadrada no objetivo de apresentar perspectivas contra-hegemônicas, o que demonstra a presença dessas perspectivas são os estudos interculturais que, como dito anteriormente, busca desafiar os padrões hegemônicos de cultura e identidade e valoriza as diversidades linguísticas e culturais.

Como forma de seguir, discutimos as disciplinas ofertadas pelo programa de pós-graduação em Letras da UFPR no [segundo semestre de 2023](#), selecionamos apenas as disciplinas das linhas de “Linguagem e suas Práticas Sociais” e “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem”.

No segundo semestre do ano de 2023, na linha de Linguagens e suas Práticas Sociais, obteve mais disciplinas que no primeiro semestre do mesmo ano, que contou com apenas uma disciplina, trazendo para este segundo semestre cinco disciplinas na linha.

A primeira do [segundo semestre de 2023](#) apresentada na ementa foi:

LETR7093 Linguagem, contexto e uso. (UFPR, 2025).

A disciplina carrega o título “Projeto Teórico Metodológico de Bakhtin e o Círculo para os Estudos de Linguagens”, que propõe discutir questões referentes às noções arquitetônicas, enunciado, texto, discurso e gêneros discursivos, a partir da perspectiva da Teoria Dialógica do discurso, com fundamentações filosóficas e desdobramentos contemporâneos segundo apresentação da ementa. Dessa forma, ela apresenta uma perspectiva contra-hegemônica nos estudos da linguagem, principalmente quando pensa no sentido de desafiar as concepções tradicionais da linguística, já que geralmente ocorre um estudo da linguagem de uma forma mais dinâmica, social e ideológica.

A disciplina seguinte da linha presente na ementa é:

LETR7090 Linguagem, contexto e uso. (UFPR, 2025).

O título da disciplina apresentado na ementa “Análise do Discurso: bases teóricas e desdobramentos”, traz como proposta estudar os pressupostos de sustentação da Análise do Discurso de filiação Pêcheuxiana separando por dois blocos, o primeiro relacionado ao tripé de sustentação da análise do discurso sendo o materialismo histórico-dialético, a linguística e a teoria do discurso. Já o segundo bloco da disciplina trabalha em cima da problematização da noção de determinação, a partir dos movimentos tecidos no interior da própria teoria, movimentos da análise do discurso que, segundo a ementa da disciplina, são indispensáveis para a compreensão da natureza da própria teoria (UFPR, 2023).

Para relacionarmos mais diretamente o funcionamento da AD com o objetivo deste trabalho, que é encontrar abordagens que sejam contra-hegemônicas, vamos relembrar do que se trata a análise do discurso de Pêcheux explicada por Orlandi (2015, p. 57):

A Análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo. Todo enunciado dirá M. Pêcheux (idem), é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de ser/tornar-se outro. Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos.

Com base no que foi pontuado por Orlandi, a análise do discurso funciona de forma crítica, uma vez que busca desvelar os discursos por meio do seu processo histórico e ideológico, levando a uma interpretação crítica do discurso e os sentidos e intencionalidades que eles expressam, indo além no desvelamento das relações de poder envolvidas e intrínsecas nos discursos.

Esta disciplina tem relevância para discentes que já estudam a área de análise do discurso e têm interesse em se aprofundar na teoria para basear o trabalho. A análise do discurso objetiva abalar as estruturas ideológicas, dessa forma, busca desafiar estruturas hegemônicas, além de desvelar certos discursos discriminatórios. Assim, a análise do discurso apresenta uma abordagem crítica sobre determinados discursos, mas vai depender do rumo da disciplina e interesse de pesquisa dos docentes e discentes envolvidos, podendo ser contra-hegemônica. Sobre os textos a serem lidos e discutidos, em sua maioria são relacionados às teorias Pêcheuxiana.

A disciplina que carrega o título de “O Texto de Ficção: teorias das emoções, análises textuais e pragmáticas da leitura”, é responsável por corroborar com contribuições para a análise textual da prosa de ficção de teorias situadas na interface entre a linguística, às ciências cognitivas e a teoria das emoções, apresentando em sua proposta teorias de relevância e estudo das implicaturas. Esta disciplina até pode ser vista como contra-hegemônica, entretanto dependerá muito de como ela é abordada. No geral, ela tende a dialogar com perspectivas mais tradicionais, por trazer consigo teorias pragmáticas como a teoria da relevância e o estudo das implicaturas de discursos presentes no texto da ficção.

A disciplina seguinte não tem relevância para este trabalho por se tratar de uma disciplina que não aborda questões contra-hegemônicas, sendo ela:

LETR7097 Seminários em estudos linguísticos II. (UFPR, 2025).

A disciplina propõe abordar principalmente os discursos da mídia da perspectiva de Dominique Maingueneau, tipos de gêneros do discurso, cenas da enunciação, mediúm e discurso, enunciados destacados, frases sem textos e fórmulas. Deste modo, como já explicitado anteriormente, não adentramos a discorrer sobre esta disciplina, pois não há relação com os estudos propostos nesta pesquisa.

A última disciplina da linha de Linguagens e suas Práticas é:

LETR7094 Tópicos avançados em linguística. (UFPR, 2025).

Tendo como título “A semântica e suas Implicações”, o objetivo da disciplina é analisar os lugares de aplicações das teorias semânticas (formal, cognitiva e pragmática): o ensino de língua portuguesa da educação básica, o discurso da desinformação, o discurso de jargões profissionais (médico, jornalístico, jurídico, entre outros), a tradução, a revisão e outras áreas de atuação. Por se tratar de uma disciplina que propõe estudar a semântica, também não nos aprofundaremos nas discussões por não condizer com o propósito de pesquisa deste trabalho, assim, não há necessidade de abordá-la detalhadamente.

A linha de Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem apresenta apenas três disciplinas nesse [segundo semestre de 2023](#), diferente do primeiro semestre que contou com mais disciplinas nessa linha e menos na linha de Linguagem e suas Práticas Sociais. A seguir, veremos a primeira disciplina da linha a ser abordada neste subcapítulo:

LETR7037 O estatuto social das línguas. (UFPR, 2025).

A disciplina leva como título “Pedagogia Crítica em Educação Linguística” e apresenta como objetivo propiciar a oportunidade de construção de entendimentos sobre conceitos teóricos e metodológicos da pedagogia de Paulo Freire como forma de subsidiar pesquisas práticas na área de educação linguística no escopo da Linguística Aplicada. A proposta tem como foco debater as principais obras de Paulo Freire.

Esta disciplina da linha traz não somente textos do Paulo Freire, mas também alguns autores críticos atuais que inclusive são reconhecidos e categorizados como contra-hegemônicos e decoloniais, como, por exemplo, a autora Bell Hooks¹⁹, Aline Legramandi²⁰, Catherine Walsh²¹ entre outros. Além disso, a partir das referências verifica-se que a disciplina conta com autores que falam sobre as obras de Freire e alguns que associam às teorias às temáticas relacionadas à linguagem e a linguística aplicada consideradas problemas atuais e colocam a educação como meio de transformação social e luta pela igualdade, sendo capaz de transformar a sociedade em que vivemos em um lugar melhor.

Dessa forma, a partir dos textos apresentados e da proposta, podemos afirmar que se trata de uma disciplina que busca abordar temáticas importantes na Linguística Aplicada por um viés contrário aos padrões hegemônicos, propondo questionamentos e a desconstrução desses padrões partindo de uma pedagogia crítica.

A segunda disciplina é uma disciplina que já foi ofertada no [primeiro semestre de 2023](#), que é:

LETR7095 Tópicos avançados em Linguística Aplicada. (UFPR, 2025).

Nota-se que além de partir da mesma disciplina apresentada na grade curricular também leva o mesmo título da disciplina anterior “Educação Linguística e Interculturalidade em Tempos de Internacionalização e Globalização Neoliberal”, além disso, apresenta a mesma proposta e referência, por este motivo não apresentaremos análises a esta disciplina

¹⁹**Bell Hooks** (1952–2021), escritora, professora e teórica feminista norte-americana, é uma das principais referências para abordar de educação crítica, contra-hegemonia, interseccionalidade e pedagogia libertadora.

²⁰**Aline Belle Legramandi** é uma pesquisadora brasileira com atuação destacada nas áreas de pedagogia decolonial e educação crítica.

²¹**Catherine Walsh** é uma intelectual que contribui aos estudos decoloniais, interculturalidade e epistemologias do Sul.

novamente, porque as análises já constam no subcapítulo de disciplinas da UFPR do [primeiro semestre de 2023](#).

Para encerrar este subcapítulo e fechar as disciplinas ofertadas em 2023, vamos à última disciplina da linha de Linguagens, Culturas e Identidades: ensino aprendizagem:

LETR7001 Agência, identidade e discurso. (UFPR, 2025).

O título da disciplina presente na ementa consta como “Agir Profissional e Praxiologias Críticas na Formação de Professores”. Ela propõe estudar o conceito de agência, agir docente, agir didático e agir professoral e as implicações desses conceitos no campo metateórico de linguística aplicada. Tem por objetivo estudar a educação linguística, agência docente e interação em sala de aula de línguas, problematizar praxiologias críticas e repertório didático e o professor/a como agente de letramento.

A disciplina citada acima vai ser contra-hegemônica apenas por questionar práticas tradicionais, além de ter por objetivo estudar práticas que capacitem os professores a serem agentes críticos, desestabilizando paradigmas dominantes na educação linguística e na formação docente.

No ano de 2024, no primeiro semestre, a linha de pesquisa “Linguagem e suas Práticas Sociais” não houve ofertas de disciplinas partindo dessa linha, já a linha “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem” contou com quatro disciplinas.

A linha de “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem” apresentou na ementa do programa quatro disciplinas, dentre elas duas disciplinas se repetem dos semestres do ano interior, semestre o qual já apresentamos a análise. Uma dessas disciplinas foi a chamada “Pesquisas Quantitativas e Qualitativas no Ensino e Aprendizagem de Língua”, da qual já abordamos e que não atende aos objetivos desta pesquisa por não apresentar perspectivas contra-hegemônicas. A segunda disciplina que também se repete dos semestres do ano anterior é a disciplina “Introdução à Linguística Aplicada” que também no subcapítulo anterior já se apresentou às análises necessárias, assim, podemos seguir para as disciplinas restantes:

LETR70089 Pesquisas no Ensino/Aprendizagem de línguas. (UFPR, 2025).

O título da disciplina é “As Ciências do Léxico em Relação com as Línguas Estrangeiras e Maternas”, sua proposta objetiva explicitar o valor do léxico e aplicações que podem ter no ensino de línguas estrangeiras, materna e libras, como uso, confecção e análise de dicionários. Trata-se de uma disciplina que não parece ter relações contra-hegemônicas apresentando caráter mais normativo, ela poderia apresentar algum tipo de proximidade com

perspectivas contra-hegemônicas caso trouxesse algumas discussões linguísticas com críticas às estruturas linguísticas normativas, porém, não é possível afirmar isso a partir da ementa apresentada. Dessa forma, encerramos as discussões sobre esta disciplina sem aprofundamentos nas análises.

Seguimos para a próxima disciplina:

LETR7001 Agência, identidade e discurso. (UFPR, 2025).

A disciplina tem por título “Identidades e Emoções na Pesquisa em Ensino-aprendizagem em Línguas” esta disciplina apresenta como proposta leituras e discussões de textos que abordam o conceito de emoções (principalmente por um viés pós-estruturalista), suas interseções em pesquisa na área de Linguística Aplicada no Brasil e em contextos internacionais. Nesta disciplina, é possível notar que um dos textos discutidos pela autora Aparecida de Jesus Ferreira do livro *Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem*, vai abordar questões sobre os estudos interseccionais em linguística aplicada, mostrando como raça, gênero, sexualidade e classe não devem ser abordados separados, mas que devem ser pensados pela inter-relação da linguagem com essas identidades sociais. Por esse motivo, a partir dessas discussões, podemos perceber que a disciplina apresenta narrativas autobiográficas de identidades marginalizadas, buscando resistir às opressões sociais colocadas sobre as identidades e os discursos discriminatórios.

O [segundo semestre de 2024](#) oferta mais disciplinas se comparado com o primeiro semestre do mesmo ano, exibiremos as disciplinas das linhas “Linguagem e suas Práticas Sociais” e “Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem” nesta sequência, a primeira contou com cinco disciplinas e a segunda linha citada com quatro disciplinas no segundo semestre.

Como citado no subcapítulo anterior, a linha de “Linguagem e suas Práticas Sociais” teve um total de cinco disciplinas ofertadas no segundo semestre de 2024. A primeira das disciplinas apresentadas na ementa do programa de Pós-graduação em Letras da instituição será uma disciplina na qual não nos aprofundaremos nas análises por não cumprir com os objetivos desta pesquisa, que é apresentar uma perspectiva contra-hegemônica:

LETR7016 Interfaces da Linguística. (UFPR, 2025).

Pelo motivo apresentado anteriormente, falaremos brevemente sobre esta disciplina intitulada “Cognição e Pragmática da Leitura da Ficção” que opera na interface entre a

linguística e a teoria da leitura, discutindo as contribuições da pragmática linguística para a análise do texto narrativo de ficção como um artefato de comunicação com o leitor.

Assim, podemos partir para a próxima disciplina que consta na ementa:

LETR7093 Linguagem, contexto e uso. (UFPR, 2025).

Intitulada “Teorias Pragmáticas e seus Desdobramentos Contemporâneos” propõe uma compreensão abrangente das principais teorias clássicas da pragmática, e uma análise de como essas teorias se desdobram em abordagens contemporâneas, explorando interfaces da pragmática e outras áreas da linguística, além de aplicar conhecimentos adquiridos na análise de dados.

Esta disciplina aponta para uma vertente mais tradicional do estudo da pragmática, principalmente por se propor estudar as teorias clássicas da pragmática, ao trazer essa afirmação, é importante destacar que não colocamos a disciplina ou os conhecimentos relacionados às disciplinas das quais não nos aprofundamos por não cumprir os requisitos dos objetivos da pesquisa de apontar a presença de perspectivas contra-hegemônicas como conhecimentos e disciplinas menos importantes ou com inferioridade em relação às outras, apenas optamos por ressaltar o que é relevante para a pesquisa. Assim, esta disciplina tem como foco os estudos pragmáticos por um viés que não se assemelha ao nosso objetivo de pesquisa, o seu estudo é mais específico e tradicional e não apresenta como proposta estudar nem um tipo de interseccionalidade.

Com isso, seguimos:

LETR7096 Seminários em estudos linguísticos. (UFPR, 2025).

Com o título de “Leituras Bakhtinianas” esta disciplina se assemelha à disciplina “Projeto Teórico Metodológico de Bakhtin e o Círculo para os Estudos de Linguagens” ofertada no segundo trimestre de 2023. A disciplina propõe a leitura de obras selecionadas de Bakhtin e o Círculo de modo a refletir sobre as relações entre as ciências humanas e as pesquisas, problemas da criação literária, aspectos conceituais de texto e da palavra e sobre a noção do autor, personagem e atividade estética, considerando suas implicações para a ciência da linguagem.

O que acaba diferindo na disciplina ofertada em 2023 é que esta apresenta como foco as relações humanas, pesquisa e questões literárias. Dessa forma, por se tratar de uma disciplina que visa estudar o Bakhtin e o Círculo de forma crítica, pode-se perceber um potencial de perspectivas contra-hegemônicas, principalmente se tratando de uma disciplina

que estimula reflexões críticas a fim de desafiar as práticas normativas no campo da pesquisa, ensino de linguagem e problematizar abordagens tradicionais do texto literário.

A próxima disciplina a ser analisada se chama “Análise do Discurso: a memória enquanto conceito discursivo” e parte da seguinte disciplina do currículo:

LETR7092 Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos. (UFPR, 2025).

A proposta da disciplina é realizar um percurso de leituras discursivas acerca da noção de memória. Além de trazer discussões teóricas que apresentam análises e reflexões discursivas que colocam em causa a tensão memória-esquecimento e as relações ideológicas de disputas pelos sentidos, a partir de materialidades diversas.

Uma disciplina de Análise do Discurso pode, segundo Almeida (2004, p. 2):

A AD instaura uma nova possibilidade de se pensar o discurso como objeto de pesquisa nas Ciências Sociais. Em outras palavras, permite a apreensão do discurso como expressão do real, espaço em que emergem as significações e a ideologia, consideradas como partes integrantes das práticas sociais dos sujeitos em suas relações com o mundo. Enquanto uma construção social, um empreendimento coletivo e interativo por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem as significações a partir das quais lidam com as situações e fenômenos que vivenciam.

Neste sentido, a análise do discurso anda junto às abordagens contra-hegemônicas, uma vez que busca desvelar as relações entre discurso e ideologia de forma crítica, entendendo os contextos históricos e ideológicos por trás dos discursos, e muitas vezes, criticando discursos hegemônicos revelando as significações que emergem dos discursos dos grupos dominantes.

A última disciplina da linha de Linguagens, Cultura e Identidades: ensino e aprendizagem no [primeiro semestre de 2024](#) foi:

LETR7097 Seminários em Estudos Linguísticos II. (UFPR, 2025).

O título da disciplina é “Fundamentos e Conceitos de Vertentes Teóricas de Análise do Discurso Francesa” e propõe estudar fundamentos e conceitos das vertentes da análise do discurso francesa, trazendo diferentes vertentes da análise do discurso e estudando o discurso como objeto teórico metodológico, além de análises dos dados segundo orientações metodológicas. Esta disciplina apresenta uma teoria contra-hegemônica, pois visa analisar criticamente discursos dominantes, se opondo a perspectivas estruturalistas e funcionalistas que apontam a linguagem como neutra.

O [segundo semestre de 2024](#) contou com quatro disciplinas ofertadas na linha de Linguagens, Culturas e Identidades: ensino e aprendizagem. A primeira delas estava presente na grade curricular como:

LETR7095 Tópicos Avançados em Linguística Aplicada. (UFPR, 2025).

Intitulada como “Leitura Literária e Ensino-aprendizagem de Línguas” a disciplina visa reflexões teóricas e práticas envolvendo o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais, tendo como problemas de investigação a leitura e a abordagem metodológica de textos literários em sala de aula de língua estrangeira/adicional. Algo interessante na proposta é que ela busca integrar-se dentro da perspectiva disciplinar, pensando na multimodalidade da associação de leitura literária à prática da autobiografia languageira. Com base nessa informação, como já vimos anteriormente em outra disciplina que também apresentava uma perspectiva interdisciplinar, é que se trata de uma perspectiva contra-hegemônica no sentido em que busca questionar teorias e práticas de línguas estrangeiras e adicionais tradicionais. Além disso, como citada acima, a disciplina busca uma perspectiva disciplinar associando a leitura literária à prática da autobiografia languageira, o que significa ressignificar as experiências com a linguagem considerando fatores de identidade e pertencimento.

A segunda disciplina, chamada de “Multiletramentos e Formação de/com Professores de Línguas” apresentada na proposta curricular como:

LETR7017 Letramentos no Ensino-Aprendizagem de Línguas. (UFPR, 2025).

É uma disciplina que busca analisar a proposta dos multiletramentos: ensino de escrita, oralidade e compreensão, estudando os multiletramentos e a formação de professores. Como sabemos, os multiletramentos valorizam a diversidade de línguas, desafiando a hegemonia de línguas dominantes e culturas de dominação de conhecimentos impostos pelo sistema educacional, por isso essa perspectiva também é contra-hegemônica. Ao pensar em multiletramentos é necessário ter consciência de que:

Ensinar a entender como funciona um jornal, um site ou um programa de televisão. Significa oferecer competências críticas sobre o entorno comunicacional e cultural, que podem ajudar o estudante também na leitura do texto impresso, sobretudo aquele encontrado na imprensa, uma vez que exige de maneira determinante conhecimentos prévios sobre o entorno social, cultural e histórico (Caprino; Personi; Aparício, 2013. p. 18).

Deste modo, como se objetiva nesta dissertação, apontamos para a direção da contra-hegemonia em relação aos estudos dos multiletramentos, quando pensamos nesses

estudos com a compreensão de que ele expande a noção tradicional de alfabetização, partindo para uma análise crítica de diferentes mídias e linguagens presentes na sociedade. Além disso, essa abordagem desafia a ideia hegemônica da educação focada em habilidades tradicionais, despertando nos estudantes questionamentos nas dinâmicas de poder, valores e ideologias nas diferentes esferas de comunicação.

Além disso, relacionando perspectivas de multiletramento com a formação de professores, isso possibilita formar profissionais que valorizam as diversidades, tendo como foco a inclusão, desafiando estruturas tradicionais que consideram apenas uma forma de avaliação e práticas tradicionais de adquirir conhecimentos.

LETR7095 Tópicos Avançados em Linguística Aplicada. (UFPR, 2025).

Esta disciplina é em língua inglesa e leva como título “Global South speak back: learning from resistant bodies and voices”²². A disciplina considera a atual globalização um desenvolvimento histórico das relações econômicas, culturais e linguísticas estabelecidas durante a colonização, assim, pretende-se analisar as tensões e forças dominantes e não-dominantes na globalização. O ponto de partida está no entendimento de que, nos tempos neoliberais atuais, as políticas educacionais de multiculturalismo, multilinguismo e internacionalização estão cada vez mais em evidência, em sua maioria com lógicas coloniais pré-existentes de modernidade, colonialidade, governança global sobre os estados-nação e globalização econômica. Nas últimas décadas, tenta-se responder às demandas da globalização e entender a justaposição de línguas e culturas que coexistem em um estado-nação, por diferentes fronteiras. Para nós, isso não é um fenômeno novo, mas um processo sócio-histórico contínuo que se originou no colonialismo. A globalização e o neoliberalismo também podem ser analisados da perspectiva colonialidade/modernidade e compreendido como a continuidade do colonialismo, reforçando hierarquias e desigualdades entre raça, classe, gênero, culturas, etnias, línguas, conhecimentos, entre outros.

Assim, podemos afirmar que esta disciplina está dentro de todos os requisitos apresentados como objetivo deste trabalho, pois apresenta uma proposta de perspectiva decolonial e contra-hegemônica. Aferimos que ela busca explicitar como as hierarquias e desigualdades sociais são um reflexo e uma extensão da colonialidade que ainda influencia diretamente nas questões de raça, gêneros, culturais, etnia, línguas e conhecimentos. Disciplinas como essa mostram a importância dessa temática estar presente no currículo de pós-graduação e até percorrer pelo currículo de graduação em letras. Por tratar das urgências

²² “O Sul Global Responde: aprendendo com corpos e vozes resistentes” (tradução nossa).

das problemáticas atuais e construir uma compreensão de como a colonialidade ainda afeta a modernidade, refletindo e discutindo formas de desconstruir essas redes hierárquicas que discriminam e reforçam desigualdades.

LETR Seminários em Estudos Linguísticos II. (UFPR, 2025).

A disciplina intitulada “Decolonialidade e Inglês como Língua Franca” traz como proposta refletir criticamente sobre as pesquisas na área de (de)colonialidade e seus desdobramentos, a partir de estudos de Linguística Aplicada sobre língua(gem), para o trabalho com a língua inglesa enquanto língua franca. Compreendemos o papel da língua inglesa como língua hegemônica no cenário global, fortemente atrelada ao poder, portanto, ao abordar a decolonialidade se abre espaço para questionar essa centralidade do inglês, desmistificando e desnaturalizando a ideia do inglês como língua superior. Além disso, a partir dessa perspectiva, é possível visualizar de forma crítica a língua inglesa como língua franca, também sendo usada como oportunidade de resistência nas lutas sociais.

Dessa forma, a presença da decolonialidade propõe desconstruir práticas e discursos coloniais ligadas ao ensino e uso do inglês, criando um espaço para reflexões críticas oportunizando a desconstrução da hierarquia de línguas e conhecimentos hegemônicos, buscando uma educação linguística igualitária e transformadora que compreende as riquezas da valorização das diversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em tudo que foi visto durante este trabalho, sobre a relevância de um currículo de pós-graduação em estudos da linguagem com abordagens contra-hegemônicas, buscou-se investigar se eles apresentavam um olhar pós-crítico. Optamos por analisar os programas de pós-graduação em letras, especificamente na área de estudos linguísticos, da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Federal do Paraná, com o objetivo de investigar se ambos apresentavam abordagens contra-hegemônicas nos currículos e linhas de pesquisas de seus programas.

Inicialmente, o estudo teve como foco as teorias do currículo, a fim de entender as possibilidades de estrutura de ensino e abordagem de conteúdo. Em seguida, refletimos sobre a subjetividade dos sujeitos, para, então, partir para os estudos contra-hegemônicos e compreender como eles estão atrelados aos estudos linguísticos e, concluir, com a relação entre a linguagem e as relações de poder. Nossos apontamentos tiveram como base a língua e seu uso como ferramenta de dominação nas relações de poder, buscando verificar como ela serve como um instrumento de garantia dos privilégios da hegemonia branca. Estes que seguem predominando os mesmos padrões hegemônicos presentes em nossa sociedade desde os tempos coloniais até a atualidade.

Dessa forma, tratando-se de programas e currículos de pós-graduação que estudam a língua e a linguagem, é indissociável a língua e as relações de poder implicadas nela, assim, olhar para a língua a fim de entender e investigar as relações de poder existentes nela em seus diferentes contextos torna-se fundamental. É dessa maneira que associo os estudos de língua como ferramenta de dominação da hegemonia branca colonial. No entanto, verificar esses fatores foi um meio de demonstrar que a língua também pode ser utilizada como ferramenta de desconstrução desses padrões hegemônicos. Isso se faz mediante a abordagens contra-hegemônicas e decoloniais propondo um currículo pós-crítico. Por isso, o objetivo deste trabalho foi olhar para essas questões nos programas de Mestrado em Letras e Estudos da Linguagem.

Na coleta de dados, consideramos o histórico dos programas e os currículos, parte mais importante deste trabalho, e também as áreas e linhas de estudos. O recorte focou nas disciplinas que fazem parte da grade curricular ofertadas nos anos de 2023 e 2024 das respectivas instituições já citadas. O objetivo foi perceber o que há de contra-hegemônico nos estudos linguísticos abordados pelos currículos desses programas de pós-graduação. No entanto, a dificuldade foi ter acesso aos currículos, por eles não estarem disponíveis nos sites

de cada programa. Dessa forma, a análise partiu direto da verificação das disciplinas ofertadas e as avaliações foram feitas por meio do que cada uma apresentava no site dos programas, utilizando as ementas e ofertas de disciplinas como objetos de observação.

Tanto o PPGEU da UEPG quanto o da UFPR não apresentam nos programas o currículo de pós-graduação, por isso, as análises foram feitas a partir do que existia nas apresentações das disciplinas e ementas. Mesmo que exista nos sites dos programas a opção “Estrutura curricular”, ao entrar na aba, encontramos a página vazia.

O site do PPGEU-UEPG não apresenta a ementa das disciplinas quando há ofertas. O discente interessado deve procurá-la na seção “Disciplina” do site do programa. Além disso, percebemos a necessidade de realizar algumas atualizações nas linhas e objetivos dos programas. Segundo as pesquisas e disponibilização das disciplinas, mudanças de currículo já estão caminhando para outros rumos da pesquisa e seria interessante se isso fosse revisto para que houvesse melhorias. Assim, é necessário que seja realizada uma atualização, pois as temáticas abordadas nas disciplinas dos anos de 2023 e 2024, destoam dos autores das disciplinas apresentadas no site, principalmente por não apresentar autoras ou autores que representem a diversidade, ou não apresentarem textos mais atuais.

Como dito anteriormente, o PPGEU da UFPR também não apresenta seu currículo diretamente, por isso, as análises foram realizadas a partir das ementas das disciplinas ofertadas nos anos de 2023 e 2024. Há mais disciplinas ofertadas pelo PPGEU da UFPR do que da UEPG, todavia, entendemos que o programa foi fundado em 1981, tratando-se de um programa maior, enquanto o programa de pós-graduação da UEPG existe desde 2010. Assim, não há como comparar os dois programas na mesma medida. No PPGEU da UFPR, também existe a opção “Estrutura Curricular”, mas ao entrar, encontramos apenas a apresentação das áreas de concentração e linhas de pesquisa.

Portanto, apesar das diferenças estruturais e temporais entre os programas, ambos incorporam perspectivas contra-hegemônicas. Contudo, um dos problemas que encontramos foi a falta de clareza em relação aos currículos, tanto para quem pretende ingressar no programa como para quem já está nele. Para um pesquisador(a), não encontrar a ementa de um currículo de pós-graduação é dificultar e, até mesmo, prejudicar a elaboração de um caminho teórico/metodológico de pesquisa. Pois, ao não ser possível verificar as possibilidades de estudos nas disciplinas do programa, o aluno não consegue alinhar estudo e pesquisa de forma a ter um aproveitamento do que está sendo ofertado. Nesse sentido, seria relevante que cada programa fizesse uma revisão em seus currículos ou na apresentação desses, criando estratégias de disponibilização de informações, ementas e objetivos

atualizados, para acompanhar as demandas acadêmicas, contribuindo para uma melhor formação discente.

Em relação ao resultado da presente pesquisa, este trabalho aborda a língua(gem) em uma relação direta com o poder. Dessa forma, para ter um olhar mais atento a essa dinâmica, buscamos estudar a necessidade de os currículos de pós-graduação em letras terem abordagens contra-hegemônicas. Dentro dos dois programas de pós-graduação em letras analisados, UEPG e UFPR, observamos que ambos apresentam, direta ou indiretamente, perspectivas contra-hegemônicas. Diante disso, é necessário destacar que, devido à estrutura mais ampla do programa de pós-graduação em Letras da UFPR, conforme constatado no site, a apresentação das disciplinas, considerando o número ofertado, demonstra que é apresentado abordagens contra-hegemônicas, considerando as linhas que optamos por analisar.

Além disso, o programa da UFPR, apesar de apresentar essas perspectivas contra-hegemônicas de alguma forma, está voltado a estudar as teorias linguísticas considerando as linhas de pesquisas analisadas. É fato que essa conclusão deve ser considerada devido à amplitude dos dois programas. Entretanto, há disciplinas que se apoiam em abordagens contra-hegemônicas diretamente no PPGE-UFPR, ou que apresentam possibilidades da presença dessas abordagens. Teve algumas disciplinas que só foi possível perceber que se tratava de assuntos e temáticas contra-hegemônicas pelo fato de haver acesso à ementa de cada disciplina ofertada. Enquanto no PPGE-UEPG só foi possível analisar o currículo de uma forma mais genérica, devido ao fato da apresentação das disciplinas ser mais breve e genérica, assim, foi mais difícil perceber tudo que a disciplina abrangia, pois não demonstrava especificamente a ementa de cada disciplina elaborada pelos docentes responsáveis.

No entanto, para chegar a um resultado alinhado aos objetivos, consideramos, nas análises das disciplinas, discursos e práticas que carregam termos considerados importantes nos estudos contra-hegemônicos. A partir do que foi estudado, podemos dizer que nem sempre as abordagens contra-hegemônicas estarão presentes nos currículos e disciplinas. Mas, analisamos, em cada disciplina ofertada, o conteúdo que elas tinham como previsão de estudo, a fim de verificar, por exemplo, práticas e discursos cujo objetivo é criticar o sistema hegemônico pré-estabelecido socialmente.

Assim, consideramos na categorização do que cumpria com o objetivo deste trabalho os estudos decoloniais, estudos das identidades, das diversidades que considerassem questões da língua, raça, etnia, cultura e sexualidade, abordagens críticas e interdisciplinares,

interculturais ou pluriculturais, estabelecendo algum tipo de relação com as perspectivas contra-hegemônicas.

Como resultado deste trabalho e a partir das análises dos programas de pós-graduação das universidades, UEPG e UFPR, os dois programas apresentam, em alguma medida, perspectivas contra-hegemônicas. Percebemos a presença dessas perspectivas que discutem temáticas que fazem parte das abordagens contra-hegemônicas nas disciplinas do PPGEU-UEPG, “Linguagem, Letramentos e Políticas de Identidade”, “Linguagens em Diferentes Contextos” e do PPGEU-UFPR “Identidade, Cultura e Pluralidade”, por exemplo. Essas disciplinas trazem temas como subjetividade dos sujeitos, identidades, questões de gênero, raça, sexualidade, cultura.

A partir das análises dos programas, o PPGEU da UEPG, nas disciplinas ofertadas para discussões acerca da linguagem e as relações de poder envolvidas, apresenta temáticas de gênero, questões de raça, sexualidade, cultura de forma contra-hegemônica, buscando compreender os processos de desconstrução desses padrões discriminatórios. Além disso, o PPGEU da UEPG busca um olhar mais centrado no sujeito como ser social, objetivando estudar as relações de poder que os envolvem pela linguagem. Dessa forma, cumpre com os objetivos deste trabalho por apresentar perspectivas contra-hegemônicas na maioria das disciplinas ofertadas, conforme as condições e possibilidades de oferta do programa de pós-graduação da instituição.

Um bom exemplo de abordagem contra-hegemônica é a disciplina “Linguagem e Estudos Étnico-raciais”, em que aborda reflexões sobre a língua e a linguagem a partir de estudos afro-brasileiros e indígenas. Dessa forma, é possível verificar que a oferta da disciplina visa refletir sobre o sistema estrutural de linguagem e de relações de poder, como um contraponto, uma outra perspectiva do que já se estuda da linguagem em uma abordagem hegemônica. Outro exemplo que explora esse mesmo foco é a disciplina já citada anteriormente, “Linguagens em Diferentes Contextos”, que trabalha questões dos discursos contemporâneos e representações das identidades sociais e o letramento e multiletramentos, questões já abordadas e postas como essenciais num currículo que vise uma proposta contra-hegemônica.

Ainda sobre os resultados da análise, um fator importante a ser destacado, são disciplinas que, apesar de aparentarem ser contra-hegemônicas, levamos em consideração, ao olhar para elas, sua abrangência em abordagem por diferentes teorias. No Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR, a disciplina “Análise do Discurso” é um bom exemplo de estudo que pode ser contra-hegemônico, mas que não apresenta isso diretamente. A ementa da

disciplina propõe estudar as correntes teóricas, porém se pressupõe que, ao estudar a análise do discurso, o objetivo seja analisar criticamente a partir de dados históricos e ideológicos os discursos que permeiam nossa sociedade, mas isso pode não ocorrer. Essa dúvida pode surgir, pois na maioria das disciplinas, trata-se de teorias mais tradicionais, não explicitando as abordagens contra-hegemônicas.

Outra questão em relação ao PPGE-UFPR é que, apesar de apresentar perspectivas contra-hegemônicas, alguns estudos que priorizamos dentro da abordagem contra-hegemônica foram questões de gênero e sexualidade, entretanto, a partir das análises feitas, percebi não haver estudos mais aprofundados relacionados às essas temáticas. Notamos a falta de disciplinas responsáveis pelos estudos de gênero e sexualidade. Essa ausência aponta uma lacuna no currículo, além de limitar a formação crítica dos discentes, já que os estudos de gênero e sexualidade são fundamentais nos estudos contra-hegemônicos.

O PPGE-UEPG, a partir de 2024, começou a apresentar uma ementa breve das disciplinas ofertadas. Para tratar da lacuna nos estudos sobre gênero e sexualidade, o programa, além das disciplinas que já conversam com essas temáticas, propõe a ementa da disciplina “Linguagens em Diferentes Contextos”. Essa disciplina busca a reflexão sobre as linguagens/discursos relativos aos estudos de gênero e sexualidade, propondo trabalhos sobre identidades em relação às sexualidades de masculino e feminino, associadas à raça e classe. Essa disciplina foi ofertada no [primeiro semestre de 2024](#).

Por outro lado, mesmo com as lacunas apresentadas, no PPGE-UFPR, podemos perceber a presença de perspectivas contra-hegemônicas em diversas disciplinas como, por exemplo: “Sul Global fala: aprendendo com corpos resistentes e vozes”, “Decolonialidade e Inglês como Língua Franca”, “Multiletramentos e Formação de/com Professores de Línguas”, “Pedagogia Crítica em Educação Linguística”, “Educação Linguística e Interculturalidade em Tempos de Internacionalidade e Globalização Neoliberal” e “Interculturalidade no Ensino de LE”. Essas disciplinas carregam em seus títulos, propostas e autores a verificação de abordagens contra-hegemônicas, cujo é o objetivo desta dissertação.

Pensar a curricularização, o estudo e a oferta de disciplinas em Programas de Pós-Graduação em Letras é uma tentativa de verificar como o nosso próprio aprendizado está sendo formado, que marcas e discursos estamos carregando enquanto pesquisadores, discentes e docentes do estudo da língua e da linguagem. Dessa forma, é importante destacar que, mesmo com a disponibilidade de disciplinas e a verificação de um olhar que pense em um currículo pós-crítico, cabe a este trabalho, em sua conclusão, dizer mais do que apenas apontar a existência de abordagens contra-hegemônicas, mas convidar, aqueles que forem ler

este trabalho e, principalmente os envolvidos no estudo das Letras, a pensar a nossa própria prática enquanto pesquisadores(as), professores(as).

Um currículo é um documento do cotidiano de nossas salas de aula e um suporte para nossas pesquisas. Pensar nele de forma crítica é contribuir para novos caminhos e abordagens de ensino/pesquisa que precisam ser construídas. Ainda assim, é importante destacar que mesmo com as possibilidades de disciplinas contra-hegemônicas verificadas nos PPGELs da UEPG e UFPR, nada é concreto. Pensar o currículo é também pensar na oferta e na disponibilidade diversa de docentes, para que também seja possível mais ofertas, para que haja mais flexibilidade nas escolhas das disciplinas das grades curriculares da pós-graduação.

Quando analisamos o quadro geral dos programas, é possível afirmar que não há uma disciplina específica responsável por estudos na área de gênero e sexualidade, nem ao menos para estudos feministas. Ainda que em algumas disciplinas entenda-se que há abertura para ter essas discussões, o conteúdo e as discussões acerca dessa temática são extensos para serem abordados ligeiramente. Uma pesquisa que tenha como foco esses estudos, perde por não ter um aprofundamento nas discussões. Dessa forma, ainda que seja possível verificar em algumas linhas de pesquisa perspectivas contra-hegemônicas, por outro lado, o currículo também apresenta brechas que nem sempre são suficientes, pois abrem margem para diversas possibilidades que não vão se encontrar a essas propostas.

Em conclusão, a partir desta pesquisa, verificamos que tanto o PPGEL-UEPG quanto PPGEL-UFPR apresentam abordagens contra-hegemônicas ou possibilidades dessas abordagens em seus programas. Em sua maioria, a contra-hegemonia aparece nesses programas como possibilidade nos estudos de língua de uma forma menos específica, e quanto à presença dessas abordagens, estão presentes nos estudos das identidades, que abrange estudos de raça, etnia, gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 6. ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, M. J. P. M. **Discursos da ciência e da escola: ideologia e leituras possíveis**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BENTO, B. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017. ISBN 978-85-232-1599-6.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques**. Paris: Fayard, 1982.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1996.
- BRAGA, L. A.; BORGES, F. T. A performatividade da linguagem como instrumento para abordagem de temas tabus na sala de aula. **Revista Científica Ágora: fundamentos epistemológicos e pesquisas avançadas em educação**, v. 3, p. 55-76, 2021.
- CANEN, A.; MOREIRA, A. F. B. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. **Educação em Debate**, v. 38, n. 2, 1999. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=nCQPcAF3zd8C&oi=fnd&pg=PA15&dq=multiculturalismo&ots=VobTFTldbl&sig=Pg7oHCQ1REZetKTAvfZ3w60Sgp0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 4 fev. 2025.
- CAPRINO, M. P.; PESSONI, A.; APARÍCIO, A. S. M. Mídia e educação: a necessidade do multiletramento. **Comunicação & Inovação**, v. 14, n. 26, p. 13-19, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Publicado originalmente em 1952 como *Peau noire, masques blancs*.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. M. T. C. Albuquerque; J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2017.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FREIRE, J. R. B. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, [2011?]. 280 p. ISBN 978-85-7511-207-6. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:freire-2011-rio>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GONFIANTINI, V. **Complejidad, ética y educación**. Rosario: Laborde Editor, 2019.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers em Linguística**, v. 10, n. 1, p. 73-91, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73/12022>. Acesso em: 9 jul. 2025.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). Mortes de LGBTQ+ no Brasil: relatório 2018. Salvador: GGB, 2018. Disponível em: <http://www.ggb.org.br>. Acesso em: 24 set. 2024.

HILÁRIO, L. C.; LIMA, S. H. R. Blanco en negro: reverberaciones de la blanquitud en la psique negra. **Psicología & Sociedad**, v. 35, 2023.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Trad. J. G. Ribeiro dos Santos. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores). Publicado originalmente em 1781 (1ª ed.) e 1787 (2ª ed.).

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, L. P. M. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124 p. ISBN 978-85-9530-300-3.

OLIVEIRA, M. R. G. **O diabo em forma de gente: (r)existência de gays afeminados, veados e bichas pretas na educação**. Curitiba, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PACHECO, J. A.; SOUSA, J. O (pós) crítico na desconstrução curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 65-74, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.497>. Acesso em: 2 fev. 2025.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PINTO, J. P. Da língua-objeto à práxis linguística: desarticulações e rearticulações contra-hegemônicas. **Revista Linguagem em Foco**, v. 2, n. 2, p. 25-38, 2010. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1712>. Acesso em: 12 fev. 2025.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

SANTOS, C. M. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 24, n. 83, p. 627-641, ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/pXxfJjdHPRrpRbZvCHKLfsp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação & Pesquisa**, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **GeoUERJ**, v. 18, n. 1, p. 1-18, 2008.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed., 7. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, R. M. N. B.; NADER, M. L. R.; MORATTI, N. A. O currículo pós-crítico: uma experiência na escola de ensino fundamental em Vitória/ES. **Revista Científica da FAESA**, v. 17, n. 2, p. 148-164, 2021.

UEPG. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. **Área de concentração**, 2025a. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgel/area-de-concentracao/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

UEPG. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. **Calendário**, 2025b. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgel/calendario/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

UEPG. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. **Curso**, 2025d. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgel/curso/>. Acesso em: 07 jan. 2025.

UEPG. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. **Disciplinas**, 2025f. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgel/disciplinas/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

UEPG. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. **Estrutura Curricular**, 2025c. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgel/estrutura-curricular/>/. Acesso em: 27 jan. 2025.

UEPG. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. **Linhas de pesquisa**, 2025g. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgel/linhas-de-pesquisa/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

UFPR. Programa de Pós-Graduação em Letras. **Áreas de Concentração e Linhas de Pesquisa**, 2024a. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/site/ppgletras/pb/linhas-de-pesquisa/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

UFPR. Programa de Pós-Graduação em Letras. **Disciplinas**, 2024b. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/site/ppglettras/pb/disciplinas/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

UFPR. Programa de Pós-Graduação em Letras. **Editais de Matrículas/Ensalamento**. 2024c. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/site/ppglettras/pb/grades-horarias-e-ensalamentos/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

UFPR. Programa de Pós-Graduação em Letras. **Histórico e Contextualização**, 2024d. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/site/ppglettras/pb/historico-e-contextualizacao/>. Acesso em: 24 jan, 2025.

UFPR. Programa de Pós-Graduação em Letras. **Proposta curricular**, 2024e. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/site/ppglettras/pb/proposta-curricular/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

UFPR. Programa de Pós-Graduação em Letras. **Turmas Ofertadas**, 2024f. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/site/ppglettras/pb/turmas-ofertadas/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

VAZ, R. B. **Neocolonialismo**: tratamento crítico, decolonialidade e educação linguística crítica tensionados numa autoetnografia. Curitiba: Appris, 2022.

VERONELLI, G. **Sobre a colonialidade da linguagem**. Trad. Silvana Daitch. Revista X, v. 16, n. 1, p. 80-100, 2021.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2016**: homicídios por arma de fogo no Brasil. Flacs, 2016. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br>. Acesso em: 18 nov. 2024.

ANEXOS

ANEXO A – Quadro de Disciplinas Obrigatórias e Eletivas do PPGEL/UEPG (2017–2020):
[Quadro de disciplinas eletivas do PPGEL válidas para o quadriênio 2017-2020.](#)

ANEXO B – Ementário das Disciplinas de Linguística – UFPR (º semestre de 2023):
<https://www.prppg.ufpr.br/site/ppgletras/pb/grades-horarias-e-ensalamentos/>

Ementas:

ANEXO C – Ementário das Disciplinas de Linguística – UFPR (1º semestre de 2023):
<https://www.prppg.ufpr.br/site/ppgletras/wp-content/uploads/sites/65/2023/02/programa-linguistica-1.pdf>

ANEXO D – Ementário das Disciplinas de Linguística – UFPR (2º semestre de 2023):
<https://www.prppg.ufpr.br/site/ppgletras/wp-content/uploads/sites/65/2023/07/programa-ling-atualizado.pdf>

ANEXO E – Ementário das Disciplinas de Linguística – UFPR (1º semestre de 2024):
<https://www.prppg.ufpr.br/site/ppgletras/wp-content/uploads/sites/65/2024/02/ementario-linguistica-2024-1-1.pdf>

ANEXO F – Ementário das Disciplinas de Linguística – UFPR (2º semestre de 2024)
<https://www.prppg.ufpr.br/site/ppgletras/wp-content/uploads/sites/65/2024/08/ementario-ling-2024-2.pdf>